

SUMMARIO

Chronica.....	Olavo Bilac
Natal.....	Rodolpho Amoedo
Sobre a formação da Literatura Brasileira.....	José Verissimo
Lourdes.....	Thomaz Lopes
Ballada de um triste.....	Mario Pederneiras
A Noute de Natal.....	Cunha Mendes
Tarde de Estio.....	(gravura)
O Natal de Jesus.....	Reis Carvalho
O jardim da Avenida Beira-mar	(gravura)
Sacrificio supremo.....	Coelho Netto
O Chinello de Vovô.....	Maria Salomé
Immortalidades (soneto).....	Luiz Delfino
Idyllo Roxo.....	Gonzaga Duque
Avenida Beira-mar (Lapa)....	(gravura)
O Premio da Traição.....	Mario Bhering
Avenida Beira-mar (Flamengo)	(gravura)
O Silencio é de Ouro.....	Medeiros e Albuquerque
Bemdito Captiveiro.....	Emilio de Menezes
Natal sobre as ondas.....	Virgilio Varzea
A gangorra.....	(gravura)
Entrada da Barra.....	(gravura)
O gesto.....	Julia Lopes de Almeida
Mesa do Imperador.....	(gravura)
Alto da Bôa Vista.....	(gravura)
Conto do Natal.....	Arthur Azevedo
Entrada das furnas.....	(gravura)

FON-FON!

REVISTA HUMORISTICA

FON-FON!

REVISTA DE ACONTECIMENTOS

FON-FON!

PUBLICAÇÃO SEMANAL

FON-FON!

APPARECERÁ BREVEMENTE

KÓSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

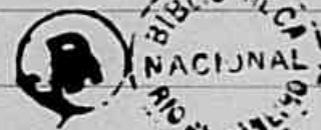
Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. 20\$000 EXTERIOR. 25\$000
NUMERO AVULSO 2\$000 — ATRAZADO 3\$000

Redacção e Officinas
RUA DA ASSEMBLÉA, 62
RIO DE JANEIRO

ANNO III

DEZEMBRO 1906



N. 12

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

O presente numero de *Kósmos* desvanesce-nos sincera e innocultavelmente.

Não por termos a despejada presumpção de julgar triumphante o esforço empregado na sua feitura nem por consideral-o obra excepcional entre espécimens das artes graphicas no Brazil; mas, sim, porque elle vem completar a sua terceira collecção artistico-litteraria e iniciar o quarto anno da sua existencia de publicidade.

Esses tres annos representam, para uma revista como esta, não só um titulo de recommendação, que a pontualidade da sua publicação mais avoluma, tambem a prova bastante, e sem duvida agradavelmente commovedora, de que os trabalhos de arte e os productos intellectuaes não são tão desprezados e desmerecidos na nossa patria como o amargo pessimismo dos desalentados e dos inertes fazia corrente, sem que elles ponderassem no desanimo semeiado com a injustiça da censura.

Quando, porem, ha tres annos, iniciamos esta jornada que vamos fazendo o mais proveitosamente possivel linhamos os receios do incontado.

Sahiramos da nossa modestia, em que honestamente lucravamos pelo trabalho remunerador uma existencia folgada por ser obscura e récta, com a mente povoada de sonhos prometedores e o coração confrangido de incertezas.

Para onde iamos?..... Que nos succederia nesse caminho extenso, tantas vezes por outros tentado e ainda não palmilhado largamente, como aquelle caminho tenebroso do Prestes João da lenda das conquistas?.....

Em fim: partimos!

E para que nos não pezasse o ridiculo das ousadias mal succedidas, dissemos:

«Não tentaremos altrahir o favor publico com promessas, as mais das vezes fallaciosas; contando conquistal-o, primeiro buscaremos merecel-o, até que os factos se encarreguem de justificar os nossos propositos.»

Dir-se-ia que os noveis romeiros do Desconhecido se arrimavam ao cajado da pre'enção.

..... Mas, se não fôra essa força de *querer* e a confiança no proprio esforço que poderíamos

conseguir mais do que esses valorosos senhores de outros pendões, aventureados pela mesma tentativa?.....

Não promettiamos, confiavamos no ideal que nos levantára da obscuridade da nossa tenda, attraíndo-nos para as montanhas longinquas d'Oriente.

E fomos e eis-nos em meio do caminho..... Não contamos os lanhos sangrentos das desillusões nem paramos a medir os rasgões da estaménha pelo apoucado das compensações, temos fé, encorajamos o mesmo entusiasmo do primeiro dia e hoje mais nos alenta a esperança de alcançar o que almejamos.

Na satisfação deste momento, é um dever de gratidão lembrar o apoio que, generosamente, nos lem prestado a imprensa brasileira e as dedicações que nos fortaleceram. Entre ellas destaca-se a de Mario Behring que, desde a fundação de *Kósmos* até dezeseis mezes depois, nos prestou o concurso da sua intelligencia, do seu saber e do seu affécto. Só depois de muito solicitado por outros trabalhos, aos quaes se fazia neccessario o inestimavel e perseverante auxilio da sua cultura intellectual, foi que elle se resolveu desligar da

directão de *Kósmos*, unicamente quanto aos compromissos administrativos, porque a sua particular affeição a esta revista, que tambem é sua obra, e o muito que lhe queriam os seus companheiros, lhe não podiam consentir afastamento senão temporario e relativo.

Dando hoje á estampa o seu retrato, *Kósmos*

demonstra publicamente a gratidão que mantem para com o seu ex-director secretario e a alta consideração em que préza o seu bondoso amigo e illustre collaborador litterario.

Esta homenagem, que é o verdadeiro intuito da estampa, não obstante pequena e, talvez contrária ao modo de pensar do nosso eminente collaborador e distincto patricio, deviamol-a prestar nesta occasião em que a nossa revista firma, como nos parece, os seus creditos por tres annos de pontual publi-

cação e se nos afigura definitivamente amparada pelo favor publico, que assim a recompensa da extraordinaria somma de dedicação empregada para ennobrecer, no estrangeiro, o trabalho nacional e elevar, no interior, o conceito dispensado ás suas artes e litteratura.

O que *Kósmos* chegou a ser deve-o, em boa parte ao talento e competencia de Mario Behring.





Chronica

DEZEMBRO. Começaram os asperos calores, as nuvens de pó suffocante, a tortura longa dos quatro mezes infernaes. Que pena tenho eu de não ser cigarra ou lagarto! essas duas especies de creaturas nasceram para viver ao sol, como as fabulosas salamandras nasceram para viver no fogo: quanto mais arde o sol de verão, mais cantam as cigarras nas arvores, e mais se regalam os lagartos nas pedras escaudadas; felizes creaturas! não súam, e não sabem o que são brotoejas. Mas não sou lagarto, nem cigarra, — e tenho de suar, arfar, e penar como homem.

Que faser, para poder dormir, depois do trabalho diurno, nestas horriveis noites do nosso verão, — de ar abafado, de arvores paradas, de halito ardente sahindo da terra, de peso oppressivo cahindo do céo, onde palpitam e tremem com um brilho secco as estrellas, como carvões accesos no fundo de um fôrno.?

A primeira ideia que occorre á gente é fugir para Petropolis. Mas Petropolis...

A vida em Petropolis é deliciosa para quem pode lá ficar dias seguidos, sem a dura obrigação de vir quotidianamente ao Rio. Para os vadios que lá podem ficar, Petropolis é um Paraíso; mas é o Inferno para os *diarios*, que passam o verão a subir e a descer a serra, com a constancia do azougue na columna thermometrica. Desventurados *diarios*! O seu padroeiro, o seu orago é o velho Ashaverus, o amaldiçoado judeu legendario, condemnado a vagar perpetuamente pela terra como os cometas vagam pelo céo. Durante o verão, o *diario* é um boneco automato com corda para quatro mezes. Levanta-se ás 5 da manhã, barbeia-se e lava-se em trez minutos, abala para a estação, desce a montanha, atravessa a bahia, voa esbaforido pela Avenida, almoça a galope, trata a galope dos seus negocios, consulta de minuto em minuto o relógio, súa como um alambique, atropella e atrapalha o trabalho, deixa tudo por acabar, dispara outra vez para a Prainha, toma a barca deitando os bofes pela bocca, chega ao hotel em Petropolis quando já

KÓSMOS

a campainha está anunciando o jantar, mette-se na casaca de Nessus, engasga-se com a comida, vai fingir que se diverte nos clubs, ouve concertos, joga, dança, cae na cama esbarrondado ás duas horas da manhã, dorme com um olho fechado e o outro aberto,— e, ao romper do dia, recomeça a mesma hedionda lida e o mesmo tremendo supplicio. E esses martyres, que annualmente engordam as rendas e avolumam os dividendos da Companhia Leopoldina, gosam actualmente as mesmas commodidades (frescas commodidades!) que gosavam ha vinte annos; as barcas ronceiras nadam como tartarugas, os vagões dos trens são apertados como latas de sardinhas e quentes como fórnos de cremação; e essas viagens, que, em qualquer paiz civilisado, se fariam em uma hora, fazem-se aqui em duas horas e meia,— quando não ha atrazo. Vereis que, daqui a pouco, vão reapparecer as queixas nos jornaes. E' todos os annos a mesma cousa: os *diarios* lastimam-se, a Campanhia faz ouvidos moucos, não reforma aquella hedionda e immunda estação de S. Francisco Xavier, não concerta o material e o leito da estrada de ferro, não dá maior velocidade ás barcas,— e os *diarios* continuam a pagar e a soffrer...

Não! decididamente não vale a pena fugir para Petropolis!

Resta-nos o recurso de abalar para as Paineiras ou para a Tijuca...

Mas, Jesus! isso tambem tem inconvenientes graves!

Em primeiro logar, os hoteis que existem nesses logares não são positivamente a ultima, nem a penultima, nem a antepenultima palavra do conforto. Se cá em baixo, na cidade, nós não temos hoteis confortaveis,— nem é bom fallar do conforto dos hoteis de lá de cima... No Rio de Janeiro, um bom hotel ainda é um mytho...

Além disso, a vida lá em cima, á noite, depois do jantar, nesses albergues mal illuminados e tristes, é de um aborrecimento desesperador: não ha o menor divertimento, não ha a menor distracção, e o veranista,

se não quizer ir fazer a digestão na cama, deitando se ás oito horas, terá de ficar só-sinho, contemplando as estrellas, mirando com saudade as luzes longinquas da cidade, fumando infindaveis charutos, e sentindo inveja dos que ficáram cá em baixo, no assador, suando mas divertindo-se...

Não! decididamente, tambem não vale a pena ir passar o verão nas Paineiras ou na Tijuca!

O melhor é ficar aqui mesmo, é suar e arfar, com paciência. Quatro mezes passam depressa. Tudo passa depressa na vida...

Demais, parece que vamos ter um verão como o anterior, amplamente regado de chuvas beneficas.

E' até provavel que tenhamos de amaldiçoar a chuva, e de implorar aos céos clementes a graça da restituição do calor. Estas lindas festas do Natal e do Anno Bom querem dias claros e noites limpidas. Quem irá á "missa do gallo," sob as bategas da chuva? e como hão de os Reis Magos cantar os seus hymnos festivos com os pés na lama?

Emfim, com calor ou com chuva, consente que eu te saúde, leitor amigo, meu irmão. Vamos entrar no quarto anno da nossa amavel e deleitosa convivencia. Desejei-te boas festas no começo de 1904, quando appareceu o primeiro numero de *Kósmos*; renovei esses augurios sinceros em Janeiro de 1905 e de 1906; e renovo-os hoje, abraçando-te, leitor querido, entidade symbolica, em quem resumo e comprehendo todos os milhares de amigos que *Kósmos* tem encontrado e conquistado durante os trez annos da sua existencia.

Não sei, nem quero saber se estas chronicas já te aborrecem: neste mundo de repetições, tudo acaba por aborrecer... Mas, estás aborrecido, disfarça o teu aborrecimento, e abraça-me, de cara alegre, como eu te abraço, trocando contigo o beijo da paz, neste mez de dezembro, tradicionalmente consagrado á fraternidade humana!

O. B.



COMISSÃO DOS DEPUTADOS
Composição e desenho feitos especialmente para o presente numero de
Kioskos pelo illustre professor R. AMOEDO, o eminente artista brasileiro auctor
da *Narração de Philetas* e membro do Conselho Superior de Bellas Artes.



SOBRE A FORMAÇÃO

DA

Literatura Brasileira

○ Brazil foi descoberto, occupado e começado a colonizar no seculo do maior florescimento das letras em Portugal. De 1500 a 1600, que é a época do descobrimento e assenhoreamento do Brazil desde quasi o Amazonas até o Rio da Prata, e do inicio da conquista interior, vivem e florescem no grande pequeno reino Fernão de Oliveira e João de Barros, os primeiros que sujeitaram á nossa lingua á disciplina grammatical, Gil Vicente, o criador do theatro portuguez e um dos iniciadores do moderno theatro europeu, os poetas Bernardim Ribeiro, o delicioso bucolista, Sá de Miranda, o excelente lyrico; Ferreira, que dramatizando um episodio da historia nacional sob a forma da tragedia classica foi talvez o primeiro na Europa a romper com o preconceito que só Grecia e Roma podiam dar assumpto á musa tragica; Bernardes, Caminha, e o maior de todos, lyrico excepcional e épico superior, que só elle vale uma literatura, Camões; os primeiros bons prosadores da lingua, historiadores e chronistas, como João de Barros e Damião de Góes, moralistas e mysticos como Amador Arraes, Heitor Pinto, Fr. Thomé de Jesus; philosophos e sabedores como Garcia d'Orta, Pedro Nunes e Francisco Sanches, para não citar, em cada ramo da actividade mental da nação, senão os maiores. Nesse periodo a universidade, ora em Coimbra, ora em Lisboa soffreu tres reformas, e por ellas a cultura e o espirito da Renascença penetrou largamente em Portugal; a lingua, affeição por esses poetas e prosadores, alcançou o seu maximo de poder expressivo desde que entrara a balbuciar no seculo XII, e as riquezas do Oriente, fazendo de Lisboa uma das côrtes mais opulentas da Europa, concorriam para o desenvolvimento das artes sumptuarias e de luxo. E' a época da edificação dos Jeronymos, dos cinzeladores, quem quer que fossem, da Custodia desse mosteiro, dos architectos e esculptores anonymos de tantas fabricas admiraveis e de pintores como Grão Vasco e Francisco de Hollanda. Se muito antes do seculo findo a renascença portugueza terminava por Alcacer-Quibir e a occupação hespanhola, na-

quelles oitenta primeiros Portugal attingiu ao ápice da sua grandeza material e politica e a sua literatura teve o seu seculo de ouro.

Veria superficialmente quem presumisse que este florescimento literario se passasse com os seus chatins e guerreiros ás terras conquistadas de ultramar. A literatura não era ainda então um producto de exportação. Flor de côrte, especialmente cultivada por fidalgos, bécas, doutores, eclesiasticos, o seu perfume quasi se não expande além do circulo cortezão e letrado. Se é, e certamente é, uma expressão da sociedade, uma definição da vida e do homem, não o é, não o quer ser, senão para uma sociedade limitada, para um certo homem e uma certa vida. Em tempos muito mais antigos, na Grecia, a poesia, a literatura, acaso a mesma philosophia, entraram em contacto com o povo, acamaradaram-se com elle nos vastos theatros abertos a todos, na palestra, nas lições dos jardins e dos porticos, nas festividades nacionaes, onde os poetas e historiadores declamavam os seus versos ou liam a sua prosa, digna do baptismo das musas. Por outro lado os aedos e rapsodas levavam a toda a parte os cantos homericos ou os hymnos dos vates primitivos. Em Roma, ainda uma classe numerosa, senão o povo, assiste e participa da vida literaria e espirital. A Renascença é, sob este aspecto, um monopolio, um privilegio de certas classes pouco numerosas, os eruditos, os doutores das suas universidades, os fidalgos e magnates amadores das letras romanas e gregas, o clero estudioso e aquelles, villãos ou cavalleiros, que a cultura e o genio fez poetas ou artistas. Não havia a communicação directa e immediata de hoje entre a literatura e povo. O que o poeta, o homem de letras recebe agora do publico, a animação, a mercê, o apreço, a gloria, áquelle tempo era dos reis, dos grandes, dos poderosos de nascimento e condição que recebia.

Em Portugal foi sempre grande, pela propria incultura da massa popular, a separação entre a literatura e o que hoje chamamos publico. Justamente o seculo XVI marca ali, em literatura, o triumpho da reacção classica e humanista, erudita em summa, da Renascença, sobre a tradicção literaria medieval e popular. Nessa época precisamente as letras fazem-se palacianas, aulicas, cortezans, a occupação e deleite de uma escolha de espiritos pela sua condição ou cultura separados da massa geral da população, na maxima parte analphabeta.

A gente que se passava do reino ás conquistas da Africa ou do Oriente, ou da America, na sua immensa maioria, não sa-

beria ler, e não teria, portanto, sequer notícia da obra intellectual que se fazia em sua patria. Encantava apenas a sua intelligencia viva, e enlevava o seu sentimento terno de meridionaes a sua rica e formosa literatura ou, mais exactamente, poesia popular anonyma. Deleitavam-nos ainda nos serões e vigílias de bordo, nessas interminaveis viagens de mezes, as historias tradicionaes da vida nacional, contos de mouros e mouras, casos de cavallaria, lendas das suas lutas com os infieis e hespanhões, episodios historicos alterados e poetizados pela imaginação collectiva do povo, como as contavam os Lusíadas em viagem para a India, no poema de Camões. Em as naus e caravellas que os conduziam por mares nunca dantes navegados primeiro e depois por costas e mares por elles achadas e devassadas, não se acharia um livro, ou apenas haveria o *Missal* necessario ao culto ou o *Breviarium romanum* do capellão ou do missionario ou outro livro liturgico, vedado aos leigos e profanos. Os peregrinos que desde a Inglaterra, um seculo depois, buscavam abrigo para a sua fé e a sua liberdade no sólo virgem da America do Norte, levavam quasi todos consigo pelo menos a Biblia, toda uma literatura, original e sublime, em um só volume. Cioso do seu monopolio da verdade religiosa, o catholicismo se não defendia desaconselhava a leitura daquelle livro, e mais ainda lhe parecia perigosa no momento em que o livre exame reclamava o direito de comprehendel-o differentemente da igreja de Roma. Além das rezas bronzas, das predicas mysticas ou simplesmente atemorizadoras, e da sua poesia popular, do que hoje chamamos á ingleza o seu *folk-lore*, não tinham aquellas rudes e ingenuas almas de marujo, aquellas intelligencias acanhadas, nenhum outro cultivo espiritual.

Em nenhum dos primitivos chronistas e narradores das coisas do Brazil, no primeiro e ainda na maior parte do segundo seculo da colonização, se encontra a minima referencia, ou sequer vaga allusão, a alguma manifestação, por insignificante que fosse, de qualquer forma de vida espiritual aqui, a existencia de um livro, de um estudioso, ou cousa que o valha. O padre Antonio Vieira, um homem de letras, em toda a sua vasta obra, abundante de noticias, referencias, allusões ao Brazil nunca deixou perceber que houvesse aqui alguma, mesmo apagada, preocupação intellectual. A unica palavra sua que poderia contradizer este conceito é o seu dito de que «mais faziam as satyras de Gregorio de Mattos que os sermões de Vieira» e essa phrase tra-

dicional não se encontra—não a achamos ao menos—em nenhum dos seus escriptos. No tempo de Vieira, segunda metade do seculo XVII, já no Brazil havia manifestações literarias no mediocre poema de Bento Teixeira (1601) e nos poemas e prosas, ainda então ineditos, mas que circulariam em copias ou seriam conhecidos de tradição, de Bernardo Vieira Rivasco, irmão do famoso padre, do padre Antonio de Sá, pregador, de Eusebio de Mattos, o famoso satyrico, de Manoel Botelho de Oliveira, sem falar nos que, desconhecidos, modestos, escondidos, escreviam relações e memorias da terra, um Gabriel Soares (1540), um Fr. Vicente do Salvador (1564-163...), um Padre Francisco de Souza (1628-1713), o autor ignorado dos *Dialogos das grandesas do Brazil*, nem contar a literatura apologetica ou de simples informação das ordens religiosas, a qual a esse tempo cifrava-se á dos padres da Companhia de Jesus, entre os quaes o mesmo Antonio Vieira, cuja primeira obra, *Annua da provincia do Brazil* dos dous annos de 1624 e de 1625 foi escripta na Bahia em Setembro de 1626, quando elle tinha apenas dezeseite annos. Nesse papel relata elle o fallecimento do padre Fernão Cardim, autor dos dous excellentes trabalhos *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica pela Bahia, Porto Seguro, Pernambuco, Espirito Santo, Rio de Janeiro* (publicada por Varnhagen, Lisboa, 1847) e *Do principio e origem dos indios do Brazil e dos seus costumes, adoração e ceremonias* (publicada no Rio de Janeiro, 1881) e dizendo as capacidades e meritos do seu confrade, não faz nenhuma referencia a estes escriptos, que quasi não podiam lhe ser desconhecidos. (V. *Annaes da Bibliotheca Nacional*, XIX, p. 177, Rio de Janeiro, 1897).

Os portuguezes não trouxeram, pois, para o Brazil nada do movimento literario da sua patria. Mas evidentemente trouxeram a capacidade literaria revelada por sua gente. Eram muito outras que as da cultura das letras, ou as emoções intellectuaes, as preocupações dos seus colonizadores, de qualquer categoria que fossem. Assenhorear as terras descobertas, conquistal-a ao gentio, exploral-a, tirar della o maximo de proveito, era o seu natural e unico empenho. O indigena, que lhes fosse hostil, e em geral o era, o teriam destruido todo, se pudessem, e se os jesuitas lh'o não houvessem impedido. Quasi cincoenta annos se passaram antes que, com a entrada destes padres em 1549, houvesse aqui, mesmo nos religiosos que acompanharam o estabelecimento das primeiras capitánias, outras preocupações que não aquellas.

Os padres da Companhia de Jesus, então no seu periodo heroico de conquista espiritual, obedecendo ás determinações do seu instituto, traziam outras, que era a aquisição para a sua religião daquelle numeroso gentio, de quem o colono não quizera fazer senão o escravo indispensavel ao desbravamento e arroteamento da terra.

As escolas, de ler, escrever e contar, grammatica latina, casos de consciencia, doutrina christan e mais tarde rhetorica e philosophia escolastica que aquelles padres logo abriram nos seus «collegios» foram a fonte donde derivou, no primeiro seculo, toda a cultura brasileira, e com ella a literatura.

Conforme um facto, de que pode ser deduzida uma lei geral da evolução literaria, a literatura aqui começou pela poesia. Além della só houve nesse periodo inicial, ou chronicas e noticias do paiz ou sermões. As primeiras apenas attendiam á necessidade pratica de vulgarizar o paiz descoberto e em via de conquista e colonização, as segundas a um fim de cathechese ou edificação, da obrigação das religiões ou do clero secular aqui empenhados nessa missão.

A essas locubrações espirituaes, das quaes apenas uma pequena parte chegou até nós, faltam os signaes que distinguem a obra literaria da que o não é. Carecem todas ellas da generalidade no pensamento e da generalidade na expressão, de emoção, do character desinteressado e da preocupação de realizar uma certa belleza — elementos indispensaveis da literatura.

A sua existencia apenas revê a continuação, na gente que estava aqui em via de formar-se, do estímulo que faz as literaturas, o de nos recontarmos por escripto aos nossos vindouros ou o de dizermos aos nossos coevos os nossos sentimentos e pensamentos. Esses primeiros autores da nossa prosa, uns portuguezes de nascimento, todos, ainda os aqui nascidos, portuguezes de educação e sentimento e até de raça, pertencem antes á nossa historia literaria, isto é, a historia de todas as manifestações escriptas do pensamento brasileiro do que á da nossa literatura, onde a sua obra sem generalidade, sem emoção, sem forma, e sem interesse ficaria deslocada.

Toda a obra literaria desse periodo é só e estreitamente portugueza, na inspiração, na lingua, na expressão. A pequena influencia do meio physico que para o fim do primeiro seculo soffreu á intelligencia portugueza, ou luso brasileira aqui, e que se pode perceber já em Botelho de Oliveira e em um ou outro

poema seu contemporaneo, foi insignificante para modifical-a sensivelmente.

Não ha maior erro do que falar como desde Ferdinand Denis, Norberto Silva, Varnhagen até o Sr. Sylvio Romero, e nós mesmos, si é licito citar-nos, se tem falado, no indio como factor da nossa literatura. Esta noção só se pode aceitar nestes termos: que sendo o indio, e o negro, factor da nossa gente é, por isso, indirectamente, factor da literatura em que ella se define. Sendo assim, (e com certesa este é o unico criterio verdadeiro do facto que se affirma) essa influencia indirecta e mal definida seria muito posterior á conquista e povoamento, quando o cruzamento entre a raça conquistadora e a indigena, e a influencia desta na formação da sociedade nova que da sua fusão se aqui originava se verificasse. Ou então quando, muito depois, já no seculo XIX, o romantismo apiedando-se da mesquinha sorte dos indios, se pusesse a idealizal-o com os seus costumes e lendas. Só assim se pode dizer que o indio foi um factor, ou um elemento, e tambem um assumpto, da nossa literatura. Por esse concurso indirecto e remoto, como igualmente formador da gente brasileira, em cujos costumes, lingua e psyche como o indio, e acaso mais do que este influio, tambem o foi o negro africano, que para cá trazido escravizado desde os primeiros tempos da conquista largamente cruzou com os conquistadores, formando as sub-raças mestiças de branco e negro, que predominam naquella gente, e que lhe transmittiram, com o seu sangue, muito do seu sentimento e de suas feições intimas.

Mas o portuguez foi, incomparavelmente, o principal agente da nossa formação literaria, o que nos deu o precipuo e indispensavel instrumento de expressão literaria, a lingua que é, só por si, o fundamento insubstituível de toda a literatura. E com ella um pensamento feito e os modelos que necessariamente teriamos de imitar e reproduzir, enquanto não houvesse em nós as faculdades para creamos uma representação de nós mesmos.

E como esta representação ainda dependia do que haveriamos de representar, do seu objecto, formal-o foi a tarefa que incumbiu ás gerações aqui nascidas e criadas nos tres primeiros seculos da nossa formação nacional, e constitue o nosso desenvolvimento historico.

Dos modelos que nos podia fornecer Portugal nenhum teve influencia que de longe siquer se compare á de Camões com os seus *Lusiadas*. Os primeiros poetas brasileiros, como em outras paginas tive occasião de

particularmente mostrar, Botelho de Oliveira, o Anonymo Itaparicano, Bento Teixeira, estão cheios de reminiscencias immediatas do grande épico—a quem lhes faltou, porém, o genio para imitar com proveito. E essa influencia nunca mais desapareceu de nossa poesia.

No estudo da formação da nossa literatura, tem-se talvez abusado muito de certas generalizações em voga, sem lhes apreciar convenientemente a justeza e, principalmente, o seu cabimento á historia da nossa literatura. Tem preeminencia neste erro, ou que tal se me afigura, como a tem em geral nessa historia, o Sr. Sylvio Roméro. Que necessidade ou vantagem ha, por exemplo, no estudo, ou antes nomenclatura ethnographica do gentio brasileiro, quando se não sabe, nem se pode saber, primeiro quaes as tribus que concorreram particularmente para a mestiçagem, depois a proporção e a qualidade do seu concurso, e tudo fica, após esta erudição facil e inopportuna, no vago, no incerto e de facto sem applicação?

Se ha uma literatura que escapa á celebre formula, mais brilhante e seductora que exacta e solida, de Taine, da raça, do meio e do momento, é a brasileira, ao menos ás clausulas do meio e do momento e, particularmente no periodo de sua formação. Nesse ella é pura e exclusivamente portugueza de lingua, de forma, de inspiração, de sentimento, sem que a mais penetrante analyse seja capaz de nella descobrir, e mostrar, a acção do meio e do momento

Que fazem os nossos primeiros poetas? (Dos prosadores é inutil falar, elles não fazem senão, sem emoção literaria alguma, relatorios, chronicas, noticias informativas, papeis officiaes ou sermões puramente devotos). Reproduzem, por via de regra com menos talento, os mediocres poetas da metropole, cantam como elles, num tom cançativamente enternecido suas amadas imaginarias ou reaes ou os magnates a cuja benevolencia armam, a quem adulam ou se mostram gratos.

Botelho de Oliveira (1636-1711) é o primeiro delles em quem é possível descobrir impressão do meio physico. Nelle, no seu poema da *Ilha da Maré*, bruxolêa o sentimento de carinho pela terra natal, essa especie de «nativismo», ao principio sómente geographico, que devia tornar-se a nota principal do patriotismo brasileiro na literatura, desde o poeta bahiano até o Conde Affonso Celso. Essa impressão, toda exterior, não modifica sensivelmente a physionomia do seu estro, e menos o aspecto geral e interno da poesia

brazileira do tempo, de inspiração e feição portugueza. Quanto a influencia de outra ordem ou de outros aspectos do meio brasileiro, qual nol-o representamos hoje, não ha vislumbra-los nem nelle nem nos seus successores immediatos. Nem era quasi possível que esse meio ainda amorpho, incoherente, inconsistente, incaracteristico pudesse exercer qualquer influxo apreciavel sobre a mente dos que lhe pertencendo tivessem as capacidades necessarias para o definir e representar literariamente. Tambem elles consciente ou inconscientemente não o tentaram sequer. Limitaram-se a reproduzir aqui, nas aldeias condecoradas com o nome de cidades do nosso primeiro seculo, entre as brutas gentes, indios de serviço ou forros, negros escravizados e soldados ou tratantes portuguezes, e a pifia aristocracia de funcionarios, eclesiasticos e magistrados, que as povoavam, mais ou menos adulteradas, e geralmente enfeidadas, as mesmas feições poeticas da metropole. A estrophe decassylaba de Camões, o soneto, a canção, a ode, a chacara, o dythirambo são as fôrmas classicas, consagradas, communs, em que vasam um pensamento que é menos seu do que dos seus mestres e pais espirituales de Portugal.

Acaso já então os colonos nostalgicos e seus filhos, com as indias e negras, que desde o principio amaram sem nenhum preconceito de raça ou de religião, entravam a vulgarizar aqui cantando-as como allivio ás suas saudades e penas, estimulo aos seus trabalhos braçaes ou acompanhamento aos seus prazeres e diversões, as cantigas portuguezas, as modas, os fados, as serranilhas, as chacaras populares, que os segundos entraram logo a deturpar, corregindo com invenções do seu proprio éstro as falhas da sua memoria ou alterando por feições mais suas conhecidas de lingua e sentimento as primitivas, cujo sentido e significação lhes escaparia. Dessas modificações, de que o nosso cancionero popular conserva numerosos documentos, em cujo estudo as apanhamos em flagrante, não é possível dizer a data, mas tudo leva a crer que se começassem a fazer desde o primeiro seculo. Varnhagen attribue a elle a modinha

Vem cá Vitú! Vem cá Vitú!

de que se acham variantes com a forma Bitú.

Nesta primeira poesia popular não cremos tenha influido a poesia que acaso tinha o indio, (se alguma tinha) em forma metrica, a não ser com as suas lendas, credices, e mytho-

logia rudimentar. Essa mesma influencia julgamos-a posterior pois exigiria mais demorado contacto seu com o conquistador e relações mais estreitas e seguidas com elle. Com o que elle certamente influio, como a simples leitura do nosso cancionero mostra, foi com a lingua, alterando a construcção, a prosodia e o vocabulario da portugueza. Mas isto tambem foi obra lenta e longa do tempo.

Igual influencia teve o negro, e assim no que poderíamos chamar a cellula inicial do nosso organismo literario, as primeiras manifestações em forma metrica do nosso sentimento popular, se formam de elementos em partes desiguaes das tres raças formadoras do nosso povo, a portugueza, a indigena e a negra. E' claro que a parte da primeira é incomparavelmente superior.

A psychologia dos povos é um saber se não inteiramente falaz, vario, inconsistente, incerto. Ora só uma noção segura da psychologia do povo brasileiro, e da de cada um dos seus elementos formadores, nos poderia autorizar a assentar qual a parte de cada um delles nessa formação e dahi deduzir qual a sua parte na constituição do caracter da nossa literatura. Antes deste trabalho difficilimo senão impossivel, que ainda não foi feito ou sequer tentado com erudição sufficiente e criterio seguro, todas as generalizações que se aventassem seriam arriscadas e impertinentes, ou ficariam, como todas essas, no vago, na imprecisão ou apenas na audacia de um criterio incerto e precipitado. E de mais a mais sem emprego, porque o desenvolvimento das construcções historicas que com taes fundamentos tem sido aqui tentadas não correspondem effectivamente ás premissas assim levemente estabelecidas, e que de regra não reveem senão o alarde de uma erudição de apparato. E' o que se vê na obra, aliás por mais de um motivo estimavel e distincta, do Sr. Sylvio Roméro e ainda agora no *Compendio de historia da Literatura Brasileira* em que, com o Sr. João Ribeiro, a resumiu. Nem

podia deixar de ser assim, porque não ha ainda nenhuma noção segura quer da psychologia ao povo brasileiro, dos seus caracteres distinctivos, quer dos povos seus factores, em que assentemos embora somente com aproximada certeza, um criterio da nossa evolução literaria, tendo o de raça como elemento.

Nem ha no Brazil, maxime no momento de sua formação, um caracter nacional geral, que nos ajude no estudo das manifestações individuaes do sentimento nacional e ao qual reportemos estas. A verdade é que a literatura, como a arte, são, muito mais do que outras revelações da actividade humana, manifestações principalmente individuaes, e se nenhum homem deixa de ser, em regra, o producto do antepassado e do meio, o escriptor, o poeta, o artista, o sabio, em summa, o criador em qualquer genero espiritual dessa actividade é justamente o que mais escapa a essa fatalidade biologica. E é essa a sua distincção e a sua nobreza.

De facto á intelligencia da literatura brasileira e da sua evolução, bastam as noções sufficientemente verificadas, de que ella é filha da portugueza; que sobre ella influiram, de modo cujas particularidades nos escapam, os elementos psychologicos que o portuguez, o indio e o negro misturaram para a formação da gente brasileira; que no primeiro seculo da existencia do Brazil a influencia estrangeira aqui foi a mesma que actuou em Portugal e se fez por intermedio deste; que a acção do meio só é realmente notavel do segundo seculo em diante, e que irá sempre crescendo, sem que em tempo algum se possa fazer della se não um criterio muito relativo de comprehensão dessa literatura.

E' dentro destes limites modestos e despreziosos que me parece legitimo estabelecer as idéas geraes que devem preceder e guiar o estudo da historia da nossa literatura.

JOSÉ VERISSIMO.

LOURDES

A Natureza e o Sobrenatural—Bernadette—As rochas de Massabielle e a fonte milagrosa

LOURDES, evocação de toda uma lenda, de todo um incomparavel sonho de creança, ou uma verdade simples, complicada pelo saber e pela duvida do seculo, em todo caso um problema que se procura demonstrar e provar? Fantasia que nasceu de uma visão luminosa, que cresceu na allucinação das multidões e que se esbateu contra a cegueira dos sabios? Phosphorescencia, ultimo raio de uma estrella que morre, ou primeiro fulgor de um sol que renasce? A' lembrança do nome d'essa pobre cidade dos Pyreneus todo um mundo de ideias surge como um turbilhão, esvoaça, foge, palpita como um corpo vivo, recúa como uma sombra, e volta de novo na pressa fantastica de um vendaval. Quanta gente, habitante d'este immenso grão de areia, não daria um pouco d'aquillo que mais prezasse, para ir atravez de difficuldades e de perigos, de oceanos insondaveis e estradas interminaveis, ajoelhar á margem esquerda do Gave, em frente de uma gruta onde perennemente crepita o incendio de centenares de cirios? Quantas pessoas têm sahido de Lourdes com a alma desesperançada? Quantas o têm feito com o coração feliz e o corpo curado? E deante da gruta, quantos joelhos se martyrisaram na terra, quantos olhos se voltaram para a branca imagem da Virgem! E tudo obra de uma creança? No dia 11 de Fevereiro de 1858 começou a historia singela que a lenda já começa a deturpar e a fantasiar. Foi a visão



de Bernadette, com a crença immediata da Vidente e o descredito que á narração deram as poucas pessoas que lh'a ouviram. Na escavação da rocha, branca e de pé, surgiu uma visão de incomparavel belleza e simplicidade: «ni bagues, ni collier, ni diadème, ni joyaux: nul de ces ornements dont s'est parée de tout temps la vanité humaine,» diz um escriptor religioso, — nem um d'esses ornamentos com que a Igreja enfeitou

a singela Familia de Nazareth... Desde esse dia a pobre Bernadette entrou, máo grado seu, n'uma vida de lucta e de celebridade: seus paes prohibiram-lhe a visita ás rochas de Massabielle; um jornal de Lourdes, o *Lavedan*, n'um estúpido sarcasmo, insinuou que a creança era apenas uma ladra, surpreendida pelo proprietario do terreno, quando furtava fructas n'uma arvore; o bom abbade Peyramale, ao principio não quiz ouvil-a, depois ameaçou-a de ir parar no Inferno por andar com allucinações e finalmente defendeu-a contra a brutalidade da auctoridade policial, Mr. Jacount, e contra a colera do Barão Massy; o Bispo de Tarbes, discreto e pouco mystico; conservou-se muito tempo insensivel e mudo, mesmo quando o poder civil, perseguindo Bernadette, dizia agir de accordo com o poder ecclesiastico; e algumas freiras trataram-na mal, — porque ella não sabia o Cathecismo... De resto, a não ser o abbade Peyramale, quasi todos os religiosos profissionaes, homens e mulheres, foram sempre rudes com essa dôce creança. No tomo segundo dos «*Annales de la Grotte*,» conta-se que a superiora de Nevers, em cuja Ordem ingressára Bernadette, admoestou-a zangada, porque a Vidente continuava a sêr infantil.

—Na sua idade já devia ir á capella, meditar um pouco!

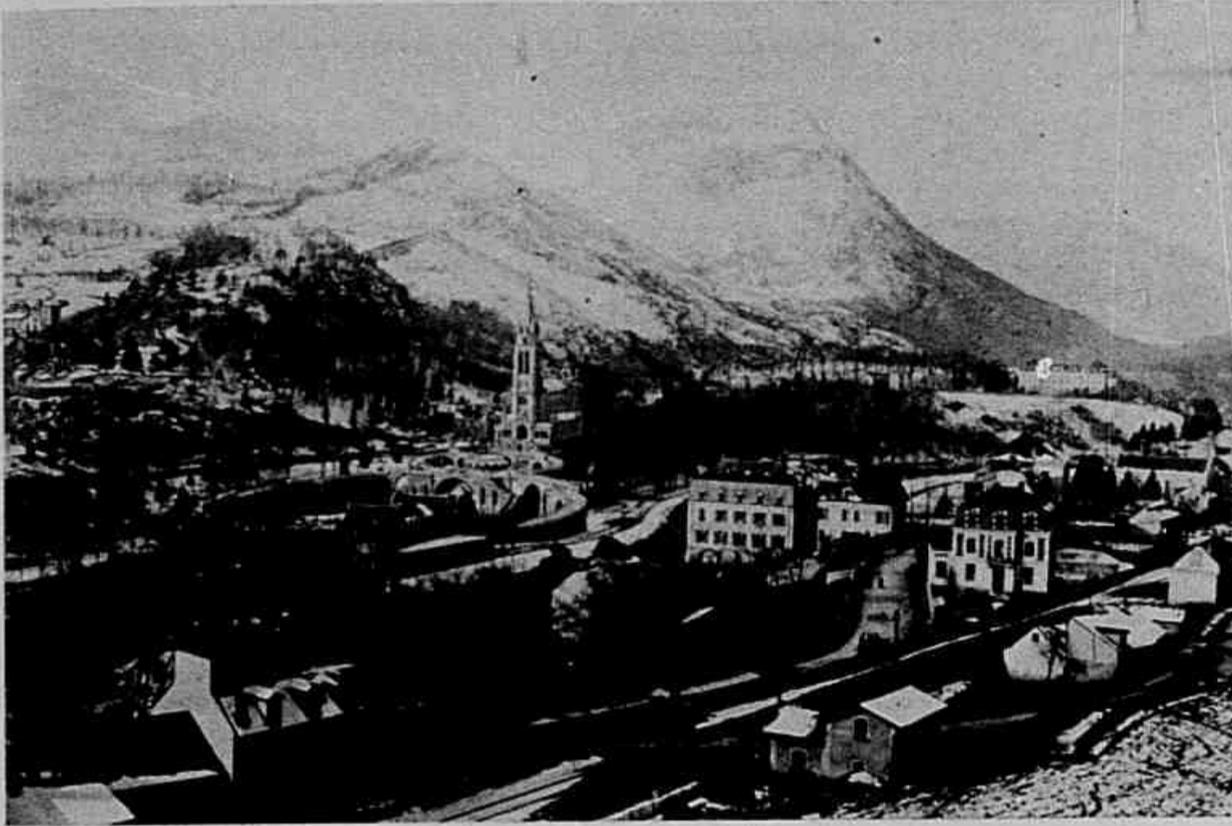
E Bernadette, sem se offender, replicou muito naturalmente:

—Eu não sei meditar...

Desde esse dia de Fevereiro até 16 de Abril de 1879, quando morreu, Bernadette Soubirous, não teve mais descanço a que estava habituada como camponesa pobre e ignorante. Em quanto viveu, apesar de tão humilde, cercou-a uma aureola de santidade; hoje, Lourdes que enriqueceu e se celebrou á sua sombra, esqueceu, abandonou a memoria da Vidente...

*
**

Quando se vem de Pau, n'uma volta da estrada, o Gave, saltando entre pedras, estronda e rebrame; os Pyreneus fecham o horizonte, e a Gruta apparece toda illuminada. A estação em que pára o trem é grande, vasta, espaçosa; circulam padres; ás paredes estão arrimados os carrinhos dos enfermos; á sahida abre-se uma praça tosca e feia, mal nivelada, onde estacionam calhambeques sujos tirados por cavallos famintos; e bonds electricos, cheios de annuncios de panoramas, fazem curvas ao extremo da praça. Lourdes é sujo, — mais sujo do que Paris e Lyon, menos immundo que Bayonne



e Bordeaux. Mal calçadas e mesmo sem calçamento, as ruas ladeirantes têm montões de lixo e lama. Sob o ponto de vista de grandeza religiosa, Lourdes é uma decepção, uma vergonha, uma exploração indecente, onde, seja dito com justiça, os Padres da Gruta são os mais desinteressados.

A 28 de Setembro de 1906 já não havia peregrinação. Era um dia luminoso e quente, com um rubro sol descendo dos picos dos Pyreneus; um ar de paz e socego parecia envolver a pequena cidade; não se ouvia o grito soffregio das multidões, implorando, exigindo de Deus o allivio ou a cura dos seus males. Assim devia sêr a Lourdes dos tempos calmos, antes de 1858. Mas logo, á volta de uma rua, uns disticos surpreendem pelo mercantilismo da devoção: «Hotel St. Michel», «Pension St. Cyprien», «Hotel St. Pierre», «Hotel de la Grotte...» A religião ensina que para os pobres e para os humildes as portas do Céu estão abertas; que faminto comerá de graça no hotel de S. Pedro? E o que é mais triste é que ha algumas pensões mantidas por damas de caridade e religiosas... São os «Bouillon Duval» de Paris! E na praça de la Merlasse, apparece o novo commercio de Lourdes: «Magasin de l'Alliance Catholique», «Frère de Bernadette Soubirous», «Au Sacré Cœur de Jésus», «Au St. Joseph», «Au St. Mathias», «Au Rocher du Calvaire», «Au Catholique», «Au St. Roch», «Au St. Benoît Labré», «Au Rocher de Massabielle»... Em todas essas lojas, humildes ou opulentas, ha a mesma falta de gosto, a mesma pobreza de

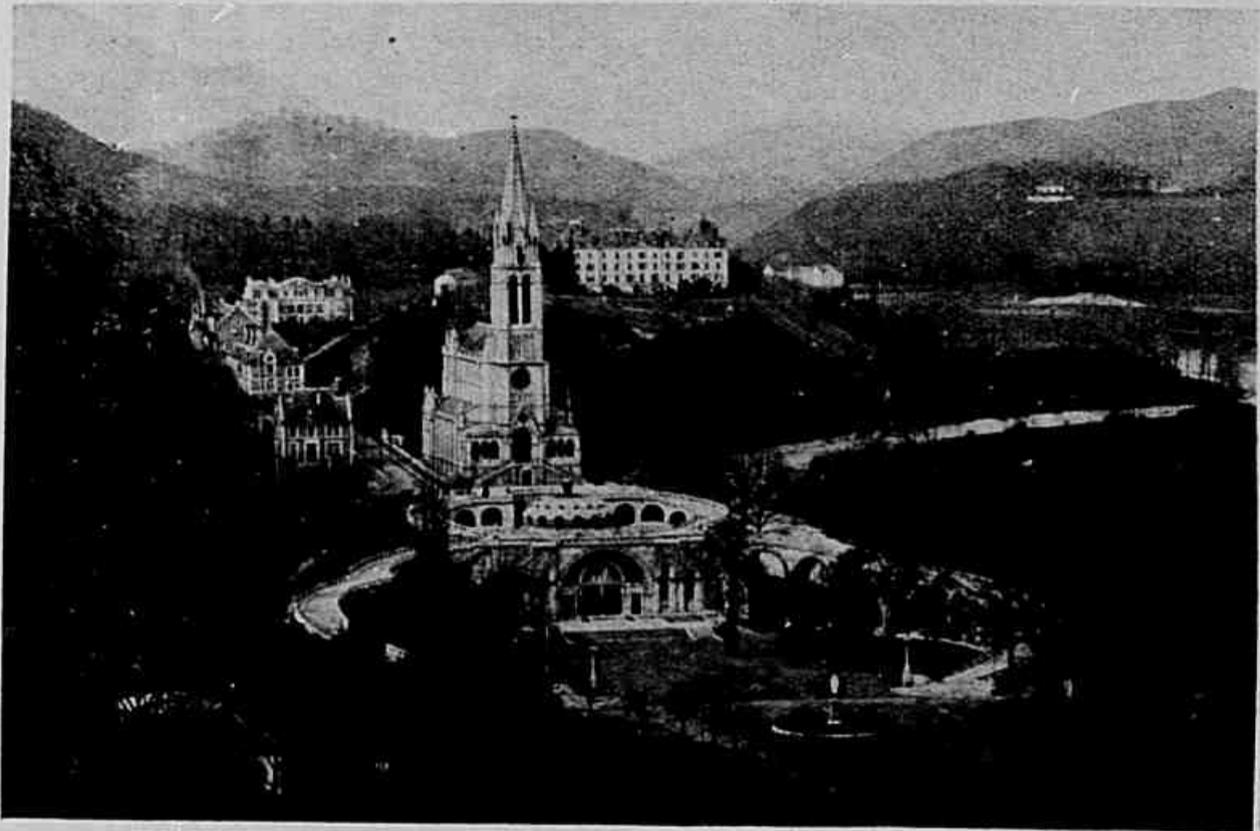
invenção que Guer-saint notára; não ha um objecto que seja bonito ou curioso como os que se vendem em Pau e Caunterets; as imagens geralmente são uns mostrengos, de uma esculptura torta, de uma pintura borrada. Os lojistas, não contentes com os mostradores euvidraçados, impedem o transito no passeio, com mesas e pratelleiras onde se accumulam as reliquias. O visitante, por mais prevenido que esteja, não póde escapar ao assalto dos negociantes, que pedem, supplicam,

seguram pela manga do casaco, impõem os seus horrores declarando-os bellezas nunca vistas; e para se adquirir uma copia de *Notre Dame*, de Poncet, paga-se um dinheirão. E' um leilão de coisas santas, um bazar de reliquias feias, uma feira profana e indecorosa. E os objectos em marmore dos Pyreneus, tão simples, tão tentadores em Pau, são geralmente pretenciosos e insupportaveis em Lourdes. O calhambeque roda; e ao entrar no boulevard, as mulheres cercam o estrangeiro, offerecendo velas, ameaçando com castigos si a gente recusa, bemdizendo si acceita, pedindo, chorando, pondo as mãos em prece. Emfim, a Egreja do Rosario e a Basilica. N'um claro espaço, no encontro central de umas arcadas de pedra, surge uma fachada que dá a ideia da Estação do Rocio em Lisboa. E' tudo, menos uma egreja; a muralha circular que a envolve parece um amphitheatro ou uma praça de touros. Sobre o arco formado pelas portas ha um grupo estatuario dolorosamente mediocre; mais em cima, ladeando o grande arco, miram-se «duas ridiculas pastilhas,» na phrase de Huysmans, «que pretendem reproduzir os traços do Papa Leão XIII e de Monsenhor Schœpfer, bispo de Tarbes». Aos pés de N. S. do Rosario, esta inscripção: Regina Sacratissimi Rosarii, O. P. N., rodeando a sua imagem, como uma aureola esta outra: «Qvasi rosa plantata svper rivos agvarium froctificate;» nas paredes exteriores, a cada instante, um aviso: «Veillez sur vos porte-monnaie». O interior do templo é uma profanação inconsciente de um architecto sem imaginação; naturalmente elle ouviu falar

em byzantino, em romano, e fez d'esses estylos uma incomprehensivel mistura, de uma incomparavel sordidez; antes que Huysmans o dissesse, todo o mundo, com um pouquinho de bom gosto, compararia a sua construcção interior á de um hyppodromo ou de um cassino! E as pinturas, Santo Deus! Não chegam a ser mediocres; são incriveis! Os anjos têm azas de páo; o fulgor que vem do Espirito Santo é uma lista de tinta; S. José é estrabico, tem um

braço maior que o outro; Jesus recebendo a adoração dos Magos só tem cabeça e braços; o resto do corpo é um embrulho de pannos; Christo entre os Doutores parece que está de castigo por não ter sabido a lição; os Judeus que lhe põem a corôa do martyrio estão de frente de uma machina photographica; Jesus resuscita zangado, olhando o céu com um ar de censura; na Ascensão, está envolto por uma toalha de banho; parece um balão branco subindo no espaço. E todos esses mudos horrores, essas indecentes profanações, têm as indicações de Mystérios Alegres, Dolorosos e Gloriosos!

Fazendo parte da mesma construcção, no extremo do segundo circulo de pedra, na base da montanha do Calvario, ergue-se a Basilica, esguia e sem fórma. Interiormente o architecto pensou fazer estylo gothico, mas não conseguiu mais do que um amontoado de corredores sombrios e tintas impossiveis. De resto, nem uma architectura, por mais elegante, por mais graciosa resistiria á incrível ornamentação d'essa egreja. E' um belchior opulento. Nas abobodas, nas paredes, nas portas, nos escapates apinham-se centenas de presentes e de reliquias; as bandeiras e estandartes são incontaveis: são pendões particulares que os peregrinos trouxeram processionalmente, bandeiras de sociedades, de confrarias, pavilhões nacionaes; lá estão as côres symbolicas dos Estados-Unidos, do Chile, do Hayti, da Bolivia, da França, da Inglaterra, da Belgica, da Hollanda; e toda em seda, com as armas do Im-



perio, a que mais se destaca é a Bandeira do Brasil.

Os ex-votos surgem de toda a parte: grinaldas de noivas, flores artificiaes, retratos, cabellos, espadas, condecorações, dragonas e até esporas! Naturalmente foi piedoso o sentimento de quem os offertou: mas a gente tem a sensação de que são objectos imprestaveis que os donos depositaram n'aquelle armazem religioso.

Talhada na rocha, em baixo da Basilica, uma porta baixa como a de uma sepultura, conduz á Crypta, o logar mais discreto, mais religioso da monumental construcção de Nossa Senhora de Lourdes. E' um subterraneo triste, sitio de repouso e de prece, sem o luxo estridente e pagão da Basilica e do Rosario. Os focos electricos, festivos e inexpressivos nas outras egrejas, têm na semiobscuridade da Crypta um fogacho livido de tochas. Ao sahir d'esse subterraneo, do alto do terraço, contempla-se um lindo trecho da payzagem. Sobre a praça da Coroação ergue-se a estatua branca de N. S. de Lourdes, dentro de um pequeno jardim, cercada de palmas de luz electrica, aureolada por uma corôa tambem de luzes. E' uma dôr para o coração ir vêr de perto a imagem. Parece incrível como em Lourdes triumpharam tão facilmente a banalidade, o máo gosto, a mais completa ignorancia dos mais rudimentares principios de Arte!

No outro extremo da praça sóbe um crucifixo em que agonisa Christo. De cada lado das duas varridas estradas que vão da egreja



e noite. Tanto dentro, como fóra, as paredes de pedra estão cobertas de muletas, amarradas com arames, muitas das quaes carbonisadas. No interior da gruta ha um altar portátil e algumas cadeiras, duas outres, em que rezam as freiras; e no centro, sobre uma pequena construcção em fôrma de pagode, as velas formam circulos concentricos que se estreitam á proporção que sobem. Uma caixa recebe a cêra derretida; e ha ainda um movel, transbordando de cartas: são milhares de missivas

ao Calvario Breton alinha-se uma fila d'arvores, como peregrinos que se immobilisaram no caminho; e no centro, um gramado muito verde dá uma sensação de frescura e de fecundidade da terra. A' direita, no alto de um immenso rochedo, está o Castello que resistiu aos ataques de Carlos Magno; as montanhas fazem um circulo de pedra em redor, com o pico de Gavarnie coberto de neve. Para o lado esquerdo estendem-se verdes, frescas planicies, banhadas pelo Gave, com casas pobres á falda das collinas. Para além do Calvario Breton é a cidade velha, com a casa de Bernadette abandonada como um mendigo. Por vezes, no silencio, ouve-se um crepitar de velas ardendo: é a Gruta.

A Gruta de Massabielle, irregular e pittoresca, alta de uns cinco metros, ainda conserva o seu revestimento de hervas em certos logares muito tostadas pelas velas que queimam dia

que os fieis dirigem á Virgem... N'uma pequena escavação, ao lado esquerdo da gruta, no logar em que Bernadette viu a « Dame Blanche », pousa a imagem de Nossa Senhora, obra do escultor lyonez Fabisch. Ha quem a ache bonita, uma obra-prima... Mas para mostrar o que é essa caricatura profana, basta dizer que Bernadette, sem nem um conhecimento de arte, quando lhe perguntaram si estava parecida, respondeu: « Pas du tout »! E uma vez em que foi rezar, levantou-se horrorizada,



«por não poder supportar a vista de uma tal imagem». Não é Zola quem conta isto; é Huysmans, á toda prova insuspeito. A gruta é fechada por uma grade de ferro, cuja porta, porém, está sempre aberta e onde se póde entrar á vontade. Em frente, alinhados como n'uma plateia, correm filas paralelas de bancos. Ao lado esquerdo da grade, ergue-se um pulpito, usado nos dias de peregrinação. Na extremidade direita, sobre uma lapide, lê-se esta inscripção: «—Dates des 18 apparitions et paroles de la Sainte Vierge: L'an de grâce 1858 dans le creux du rocher où l'on voit sa statue, la Sainte Vierge apparut à Bernadette 18 fois: le 11 et le 14 Février; chaque jour, deux exceptés, du 18 Février au 4 Mars; le 25 Mars, le 7 Avril, le 16 Juillet—La Sainte Vierge dit à l'enfant, le 18 Février: «—Voulez-vous me faire la grâce de venir ici pendant quinze jours? Je ne vous promets pas de vous rendre heureuse dans ce monde, mais dans l'autre. Je désire qu'il vienne du monde.» La Vierge lui dit pendant la quinzaine: —«Vous priez pour les pécheurs; vous baiserez la terre pour les pécheurs. Pénitence, pénitence, pénitence. Allez dire aux prêtes de faire bêtir ici une chapelle. Je veux qu'on y vienne en procession. Allez boire à la fontaine et vous y laver. Allez manger de cette herbe qui est là». Le 25 Mars, la Vierge dit: «Je suis l'Immaculée Conception».

Bernadette em creança não sabia francezi; ella dizia que a Virgem lhe falava no dialecto bearnes. Alguem lhe disse que a Virgem e Deus não entendiam essa pobre linguagem. Bernadette replicou:

—Si elles não soubessem, como é que nós saberíamos? E si elles não comprehendessem, quem nos faria comprehender?

Segundo Bernadette a unica phrase em francez foi: —«Je suis l'Immaculée Conception» —nome que ella ouvia pela primeira vez, e que para não esquecer, foi repetindo todo o caminho: Immaculée Conception, Immaculée Conception, Immaculée Conception...

O Gave que outr'ora passava ao lado das rochas foi afastado; uma linda avenida margina-o em grande extensão; mas o conjuncto perdeu o pittoresco selvagem.

—«Allez boire à la fontaine». Ninguem sabia d'essa fonte; diz Lasserre que ella surgiu sob a mão de Bernadette em extase; Huysmans, porém, affirma que a fonte existia e que apenas estava occulta. O que é verdade é que hoje existe e a sua agua cura. Ao principio os medicos negaram a fonte e depois a sua efficacia. Feito um exame chimico, o Dr. Latour de Trie achou que a agua continha chloruretos,

carbonatos, sulfatos, phosphatos e outras rimas assim faceis, e terminou a sua exposiçao dizendo que «a sciencia medica não tardaria a reconhecer virtudes curativas especiaes.» A agua continuava a jorrar e a curar todas as molestias, em todos os organismos; e os sabios de Lourdes, esquecendo que a Medicina condemna as panacéas, viram nas curas milagrosas uma virtude curativa da fonte de Mas-sabielle. Mais tarde em 7 de Agosto de 1858, o Dr. Filhol, professor de Chimica, de Pharmacia e de Toxicologia na Faculdade de Medicina e de Sciencias de Toulouse, refutou por completo a affirmaçao do seu collega, e declarou que a agua de Lourdes é potavel, «analogá á maior parte das que se encontram nas montanhas cujo solo é rico em calcario». E terminou declarando que a mesma agua não continha nem uma substancia activa capaz de dar-lhe propriedades therapeuticas... Ante a auctoridade incontestavel do eminente Professor, os medicos, já esquecidos do que antes affirmaram, negaram as curas que elles tinham visto. Depois, ante a evidencia dos factos, tiveram de ceder: explicaram simplesmente as lepras desaparecidas, a tuberculose em terceiro gráo curada, a paralytia vencida, uma agulha que depois de muitos annos enterrada na palma da mão sáe pela ponta do dedo pela simples immersão na agua, a cegueira que se aclara, os cancrios fechados, — pela auto-suggestão, pela fé que cura. Um dia porém, em Fevereiro, no rigor do inverno, uma creança de mezes foi mergulhada nua, durante quinze minutos, ardendo em febre, agonizando já, dentro da fonte que gelava. A creança resurgiu inteiramente curada, ante os olhos da multidão attonita. Um medico consciencioso, que assistiu ao facto declarou por escripto, que, nem um organismo enfermo, principalmente o de um menino, poderia resistir a um banho tão prolongado, n'uma temperatura de Fevereiro, nos altos Pyreneus. De novo os medicos, não podendo explicar essa cura, por suggestão propria, negaram o facto, — porque não tinham visto!... S. Thomé não é, de certo, um dos santos mais intelligentes do Christianismo; e é uma falta de espirito fingir crêr que todo o resto da Humanidade é mentiroso ou imbecil. Transportada, mesmo em gottas, a agua de Lourdes tem feito curas maravilhosas; é interessantissimo um caso contado por Huysmans, no seu ultimo livro «Les Foules de Lourdes», nas paginas 281 a 287; não menos curiosos são os que relata Henri Lasserre, na obra «Notre Dame de Lourdes» (um dos quaes aconteceu com o auctor) paginas 407 a 438. Emile Zola, no seu maravilhoso livro, onde tudo, sob o ponto de vista descriptivo

é absolutamente verdade, não nega as curas milagrosas. Dir-se-á que o livro de Zola é um romance. E' um romance na fôrma, não o é na essencia. Que é «Lourdes»? A historia de uma peregrinação. Todo o episodio dramatico se desenvolve em torno de um padre casto e incredulo, Pierre Froment, e de uma dôce creatura que se restabelece de uma terrivel enfermidade; — Marie de Guersaint. Os outros personagens não são typos de novella, são doentes de hospital, são os desgraçados do trem branco. Elise Rouquet, aquella que tinha uma ulcera monstruosa no rosto, não é personagem de romance, é creatura de verdade. O seu nome é Marie Lemarchand, e Zola assistiu á sua cura no dia 20 de Agosto de 1882. Elle explica essa cura, attribuindo á repulsiva ferida um fundo nervoso. Mas como nasceu pelle nova no lugar que a enfermidade carcomera? Hoje ninguem conscienciosamente pôde negar que a agua de Lourdes cura; isso é incontestavel e já não surprehende, porque a homœopathia tambem cura; o que é admiravel é que muitas curas de muitas enfermidades antigas, resistentes á toda medicação, declaradas intrataveis em documentos firmados por doutores, são instantaneas. E porque negar a verdade, tão simples, que entra pelos olhos, oppondo á evidencia dos factos a égide pomposa da Sciencia? Que é a Sciencia? Um amontoado de leis complexas que se contradizem ao simples enunciado. Que é que ha de positivo na Sciencia? A Medicina é um chaos; para cada organismo ha uma therapeutica especial; o que ha de mais certo n'essa sciencia é a Cirurgia; e é irrisorio sentar bases dogmaticas em uma sciencia cuja unica parte menos problematica consiste em amputar, em supprimir; então, viva o Sr. Deibler, carrasco de Paris, que, com a cabeça do condemnado, suprime de uma vez a dôr da existencia! Os mais intelligentes medicos são os primeiros a afirmar que em geral a medicina não cura, e apenas ajuda a natureza. Porque, pois, essa insistencia em negar tudo quanto não esteja previsto nos compendios, em encolher ironicamente os hombros á qualquer efficacia sobrenatural que não tenha nomes difficeis? Mais ironicamente ha de encolher os hombros um pobre diabo, que soffrendo horivelmente, depois de experimentar toda uma botica, sare de repente pela simples immersão na agua; pouco lhe importará que os medicos neguem o facto, cheios de erudição; a dôr cessou, — é o essencial. Ah! Doutor, «ha mais mysterio no céu e na terra do que sonha a tua van philosophia»... Naturalmente nem um medico dirá que Shakespeare, seja um espirito fraco... O Direito é o bom-senso, é o costume, é a pru-

dencia; a Mathematica é uma hypothese portanto tudo quanto ha de mais relativo. Não ha nada positivo no mundo, não ha nada fixo e determinado; talvez a vida seja uma illusão, e a morte uma illusão maior! Quem sabe si tudo que cêe sob as vistas humanas é apenas subjectivo? Em essencia, bem pôde sêr que o preto seja branco e o branco seja preto, como Byron parece insinuar. E dada essa tibieza do espirito humano que desmente hoje o que affirmou hontem, porque não acreditar, não suppor ao menos n'um principio mysterioso que se chame Budha, Jupiter, Allah ou Deus? Sêr livre-pensador não é sêr intolerante: é espalhar como satellites as hypotheses em torno da Verdade.

*
*

Todas essas curas se fazem em tres piscinas, ao lado direito da gruta, depois da loja dos padres e do chafariz. São tres casinholas ao sopé da Igreja; o mesmo corredor dá para as portas dos banheiros, — destinados a homens e mulheres. O tanque, pequeno pouco comodo, está sempre cheio; e como o orificio por onde a agua sáe é o que se chama no Brasil um ladrão, facilmente se imagina a imundicie em que elle se transforma ao cabo de centenas de banhos de enfermidades horriveis. Zola e Huysmans descrevem quasi com as mesmas palavras esse pantano humano. Diz o primeiro: ... «Et comme il passait dans la même eau près de cent malades, ou s' imagine quel terrible bouillon cela finissait par être. Il s'y rencontrait de tout, des filets de sang, des débris de peau, des croûtes, des morceaux de charpie et de bandage, un affreux consommé de tous les maux, de toutes les plaies, de toutes les pourritures. Il semblait que ce fût une véritable culture des germes empoisonneurs, une essence des contagions les plus redoutables, et le miracle devait être que l'on ressortît vivant de cette boue humaine.» Conta o segundo: «L'eau est devenue un hideux bouillon, une sorte d'eau de vaisseile grise, à bulles, et des ampoules rouges e des cloques blanchâtres nageut sur cet étain liquide dans lequel ou continue à plonger des gens. Le miracle de Lourdes est là...»

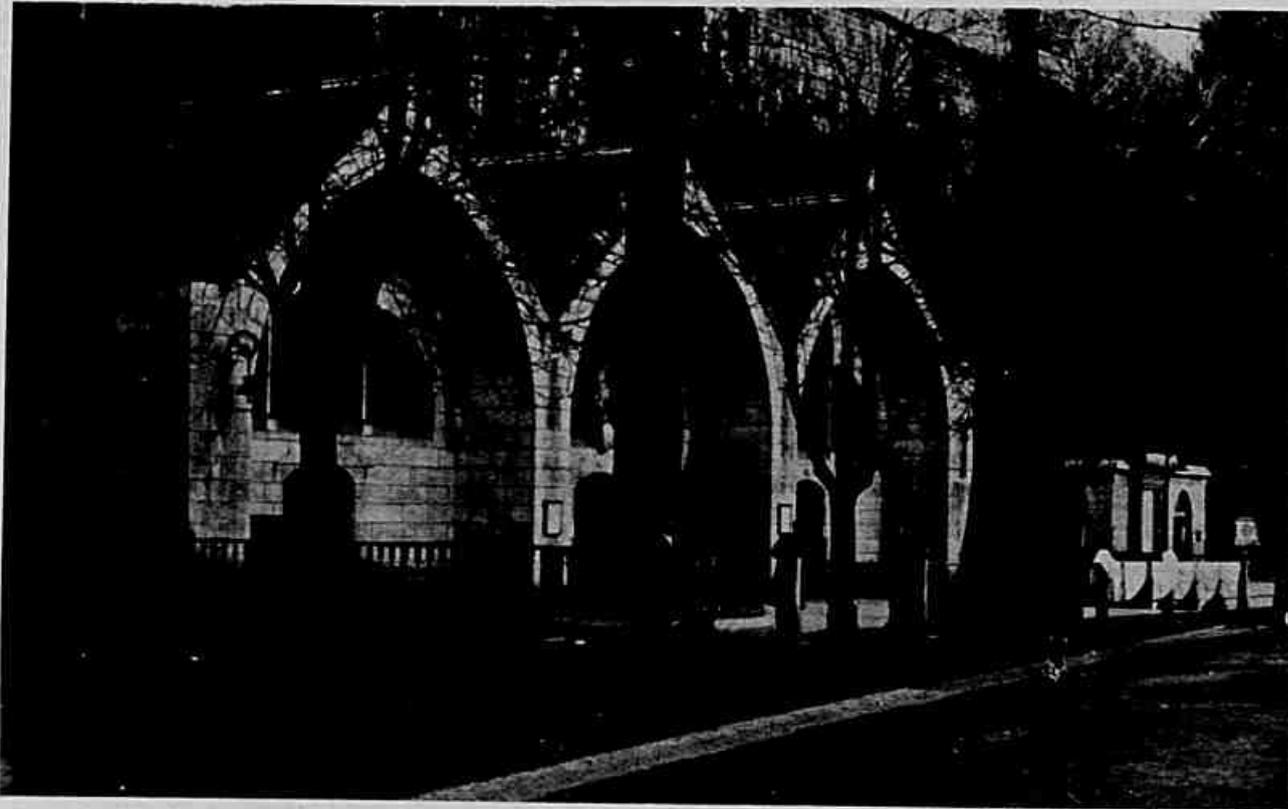
E por cima de toda essa imundicie, assistindo á decomposição da materia pôdre, sobre a parede, uma tosca imagem de N. S. de Lourdes eleva os olhos ao céu; de um quadro pendem estas palavras: «Prières à reciter aux piscines: Bénie soit la sainte et Immaculée Conception de la Bienheureuse Vierge Marie, Mère de Dieu — Notre Dame de

KOSMOS

Lourdes, priez pour nous – Notre Dame de Lourdes guérissez-nous pour la conversion des pécheurs – Santé des infirmes, priez pour nous – Secours de malades, priez pour nous – O' Marie, conçue sans péché, priez pour nous qui avons recours à vous.»

Ante a mesquinhez das piscinas de Lourdes, ante o bafio de doenças e de sujice que alli fica, ante a falta de sabonetes, de perfumarias e de esponjas, a gente se lembra dos

tanques de marmore dos Patricios Romanos, do palacio d'agua em que Petronio se purificava, – e para ser logico e contemporaneo, do banheiro que Coelho Netto pôz em casa de Serapião Ribas, e onde um homem, resfolegando voluptuosamente os sabonetes e as essencias de Houbigant, deixando-se envolver pelo meigo e buliçoso beijo d'agua, que encerra a alma de Venus, sente e comprehende a delicia da vida.



Madrid, Novembro – 1906.

THOMAZ LOPES



BALLADA DE UM TRISTE

Para a Saudade de Yolanda

Um dia
Eu te julguei da Vida a eterna Realidade...
E eras apenas uma Phantasia,
Meu lindo Sonho de Felicidade.

Tinhas tudo o que o Bem do Amor, em viço e goso,
Pode fazer da Vida um Bem superno,
Por isso
Eu te julgava eterno,
Resumindo na tua Eternidade
Tudo quanto de bom no mundo havia.

E eras apenas uma Phantasia,
Meu lindo Sonho de Felicidade.

Pelo curso normal de annos e de annos,
Foi-me esta Vida assim, sem mal, sem fraguas,
Pareciam tão longe os desenganos,
Tão longe os prantos e tão longe as maguas.
E assim é que eu vivia,
Cheio de paz e de credulidade.

E eras apenas uma Phantasia,
Meu lindo Sonho de Felicidade.

A calma do meu Lar a Desventura
Nunca emsombração do mais tenue véo.
Pelas janellas largas da Ternura
Entrava a luz que nos mandava o Céu.
E lá por dentro ria
O palhaço da minha Mocidade.

E eras apenas uma Phantasia,
Meu lindo Sonho de Felicidade.

Esta minh'Alma que hoje, tarda, trilha
A tristeza de um longo desalento,
Vivia então no doce encantamento
Do grande Amor da minha linda filha,
Cheia de Vida, cheia de Alegria,
Cheia de encanto, cheia de bondade

E eras apenas uma Phantasia,
Meu lindo Sonho de Felicidade.

Era um encanto para a minha Vida
Essa meiga e lindissima creança,
Que lá se foi, em flores envolvida,
Para a morada d'Ultima Esperança.
Deixando est'Alma tanto mais vasia,
Quanto mais cheia d'immortal Saudade.

E eras apenas uma Phantasia,
Meu lindo Sonho de Felicidade.

Um dia
Eu te julguei da Vida a eterna Realidade,
Tudo que ao Bem, tudo que á Paz conduz...

Nunca, nunca suppuz
Que eras apenas uma Phantasia,
Meu lindo Sonho de Felicidade.

A Noute de Natal

I

OS dous companheiros, montados em lusidos animaes, seguiam pela estrada arenosa, expirando no silencio d'aquella noute de luar as suas palavras de alegre camaradagem:

—Meu plano é simples, dizia o Carlos Maia; entro n'um desafio de viola com o Zé Pitomba e, n'este interim, o Pedro China lhe furtará a mulher.

O Lindolpho Lahmeyer, fincando os óculos sobre o nariz, protestara immediatamente:

—Fôste convidado para padrinho do casamento, aceitaste o convite, e, depois de realiado o acto, fazes desapparecer a esposa do teu afilhado.

—Cousas do mundo, meu caro, cousas do mundo.

—Não direi o contrario; mas a verdade é que, pondo á margem a possibilidade de uma vingança, a tua posição de bacharel e a minha de engenheiro devem impedir a realisação d'essa escandalosa empresa.

—Bem sabes que o China tem o faro de um cão e o silencio de um tumulo: elle será considerado o auctor do rapto.

—Além d'isso, medindo as tuas forças de poeta fluminense com as de um cantor sertanejo, serás provavelmente vencido pela espontaneidade de um rustico, affeito a duellos de cantigas e applaudido n'esses arredores.

—Não pretendo sustentar um desafio: desejo unicamente distrahir o recém-casado por alguns minutos.

—Acredita que me contraria a tua resolução: conheço a indole dos caboclos, e prevejo as consequencias do rapto.

Pelo caminho, cheio das claridades do luar, esbatiam-se as sombras dos cavalleiros, acompanhados pelo China, homem conhecedor dos perigos, amestrado em cumprir as

incumbencias de duvidosa moralidade e disposto a perder a vida entre um calice de «canninha» e os olhares de uma camponesa.

Escanchado em ardigo corcel, ouvia attentamente a palestra e, si lhe não parecesse uma falta de respeito, teria accrescentado:

—A Chiquinha, antes de ser noiva do Pitomba, jurou que seria minha, sómente minha, para sempre minha. Depois me trahiou, porque mulher é como o peixe: vendo a isca, aproxima-se, e engole-a. Furtal-a agora, acompanh-a durante a noute por ordem do patrão, vêl-a sósinha a meu lado, sem mais ninguem, lá isso não deixa de ser arriscado.

Mas as cogitações lhe foram de subito cortadas pelo dr. Carlos que, desejando exercitar-se na arte poetica, despertou o profundo silencio d'aquellas paragens, cantando fluentemente os primeiros versos:

«O Zé Pitomba é mulato,
Que soffre de muita fome;

E, sentindo-se de repente atrapalhado, sumindo-se-lhe o estro, sem ter podido concluir a quadrinha, pas::ou de escutar a voz do China que, fanhoso e desafinado, improvisou os versos finaes, desfechando com simplicidade:

—A's. vezes quem faz o prato,
Nem sempre, nem sempre o come.—

—E' bôa! murmurava entre gargalhadas francas o Lindolpho; o camarada salvou-te da dificuldade de terminar a estrophe, ligando a tua idéa á d'elle com perfeita malicia.

E, tirando ao cigarro largas baforadas, aliando a loura barba á nazarena:

—Experimenta, continuava elle, a força do China, coagindo-o a improvisar outros versos.

O Maia torceu o bigode, meditou alguns segundos e, fustigando o animal, cantou:

«Entre a Chica e o Zé Pitomba,
A alma do China balança...»

A resposta immediata, sem hesitações, como si já estivesse estudada, repercutiu pelos ermos:

—Quando o Zé Pitomba tomba,
Treme a Chica, e o China avança.—

Ouvia-se agora o barulho de festas por entre o escuro e compacto arvoredado cuja sombra se movia de leve sobre a arêa branca da estrada. O ceu estava recamado de estrelas, como pontos de tinta-luminosa n'um tecto divinamente azul. Sentia-se um quer que fosse de mysterioso na alma da natureza, aberta aos effluvios do luar, n'um enleio de amante voluptuosa e bôa. O aroma das folhagens, na época de luxuriosa vegetação, despertava brandamente as faculdades, inspirando desejos de noivado e suspiros de amores romanticamente saudosos. E, no seio maternal da noute, ouviam-se mais claros, mais nitidos, os sons da viola, as vibrações de gargalhadas e os rumores de phrases, misturados com o sentimentalismo de uma estrophe apaixonada:

«Ao ver-te a bocca mimosa,
A tua boquinha em flor,
Minh'alma, em febre amorosa,
Tem ancias de beija-flor.»

—Esses versos, interceptou o Maia, nada têm de rustico.

—E' meu irmão, respondeu o Lahmeyer, que os cantou: havemos de ter algumas horas de incommodo, pois o Jorge não apparece em festa sem causar barulho.

Carlos Maia, tomando fôlego, dando á voz uma grande energia para ser ouvido por longe, attrahiu a curiosidade da pequena villa, cujas ruas atravessavam, resoando festivamente a quadrinha:

«Si te vejo a formosura,
Si teus encantos abranjo,
Digo commigo: «n'altura
Deus sente falta de um anjo!»

E o Pedro China, enormemente commovido, fincou os pés nos estribos, ergueu-se so-

bre a sella, tirou com devoção o chapéu em frente á capella da Virgem Mãe, benzeu-se e, como si a sua voz saísse de uma gaita rachada, replicou desassombradamente:

«Como o sol que, na vidraça,
Entra e sai sem tocar n'ella,
Assim a Virgem Maria
Deu á luz, ficou donzella.»

II

Quando os dous amigos e o camarada desceram dos animaes, via-se o espaçoso terreiro aclarado por enorme fogueira, cercada de rapazes e raparigas que, assando milho verde, ou entregues aos jogos de compadres e comadres, abandonaram os divertimentos e os receberam com expansões de alegria.

—Não ha mais casamento! resmungava tia Euphemia.

E esvasiando o copo de aluá, narrava ao engenheiro e ao bacharel que o Jorge preparara uma bebida, chamada «peru», e, depois de servida por diversas vezes ao Pitomba, dizia que o noivo estava doente de um «pifão». O proprio vigario, contemplando a Zé Pitomba sobre o leito nupcial, parecia ignorar os effeitos do mal, visto que nunca encontrara entre as suas ovelhas uma siquer atacada d'essa molestia.

Extranhava-se, entretanto, que Jorge habituado a espantar a circumvisinhança com os rasgos de audacia amorosa, se retirasse tão cedo e tão occultamente da festa, coincidindo com a chegada do Lahmeyer e do Carlos o seu repentino desaparecimento.

Esvasiando outro copo de aluá, gorda e barulhenta, de formidaveis quadris, a tia Euphemia approximava-se agora do China, farejando alguma historia, fazendo-lhe perguntas e desejosa de ser util em alguma cousa.

—Veja lá, exclamava o caboclo; o negocio é perigoso: se revelal-o a alguem, cai-lhe em cima uma «chuva de pau.»

—Fale, homem, deixe-se de medo: bem sabe que não ando a bater a lingua.

—Pois o *seu* Dr. Maia deu-me ordem de fugir com a Chiquinha.

—Com quem, *seu* China?

—Com a Chica, tia Euphemia, com a noiva do Pitomba.

—Virgem Maria!

—Vamos com isso: quer ou não quer entrar no negocio?

—Espere, homem; diga-me primeiro si o seu patrão é generoso.

—Elle gasta dinheiro como si nos dêsse milho.

—Está feito: vá-se p'ra lá que d'aqui a pouco verá tudo prompto.

Separaram-se.

Carlos Maia, para melhor attrair a attenção dos convidados, dando oportunidade ao rapto da noiva, atirara uma cantiga ao Miguel Canteiro, um rapagão valente, sempre ao lado de Jorge nas perigosas diversões, dedicando-se-lhe com extrema e profunda sinceridade:

«Póde o relógio, Canteiro,
Com a mulher se parecer?»

O caboclo, fugindo, sem perder tempo, cego ao movimento de geral espanto por sua retirada, foi respondendo pela porta afóra, perdendo-se-lhe a voz branda e suave no subito silencio, occasionado pelo desafio:

—Ha, no relógio, ponteiro;
Não ha ponteiro em mulher.—

Foi então que a tia Euphemia descansou, com ares de assombro, as mãos nas faldas

ilhargas e, prevendo o effeito de suas palavras, disse patheticamente:

—Zé Pitomba, minha gente, está sem noiva!

—Sem noiva! repetiram alguns.

Fugiu, a Chiquinha fugiu!

E, n'um gesto de certesa, o Lindolpho Lahmeyer murmurou ao Maia:

—E' mais uma do Jorge.

Appareceu no mesmo instante o China que, abatido pela desastrosa noticia, lá se ficou silencioso, humilhado por lhe não ter sido possivel evitar o fracasso de seus trabalhos.

Vendo-o n'essa obscura tristeza de cão enxotado:

—Que fazes ali? perguntou-lhe compassivamente o Carlos.

—Nada, patrão; espero ordens.

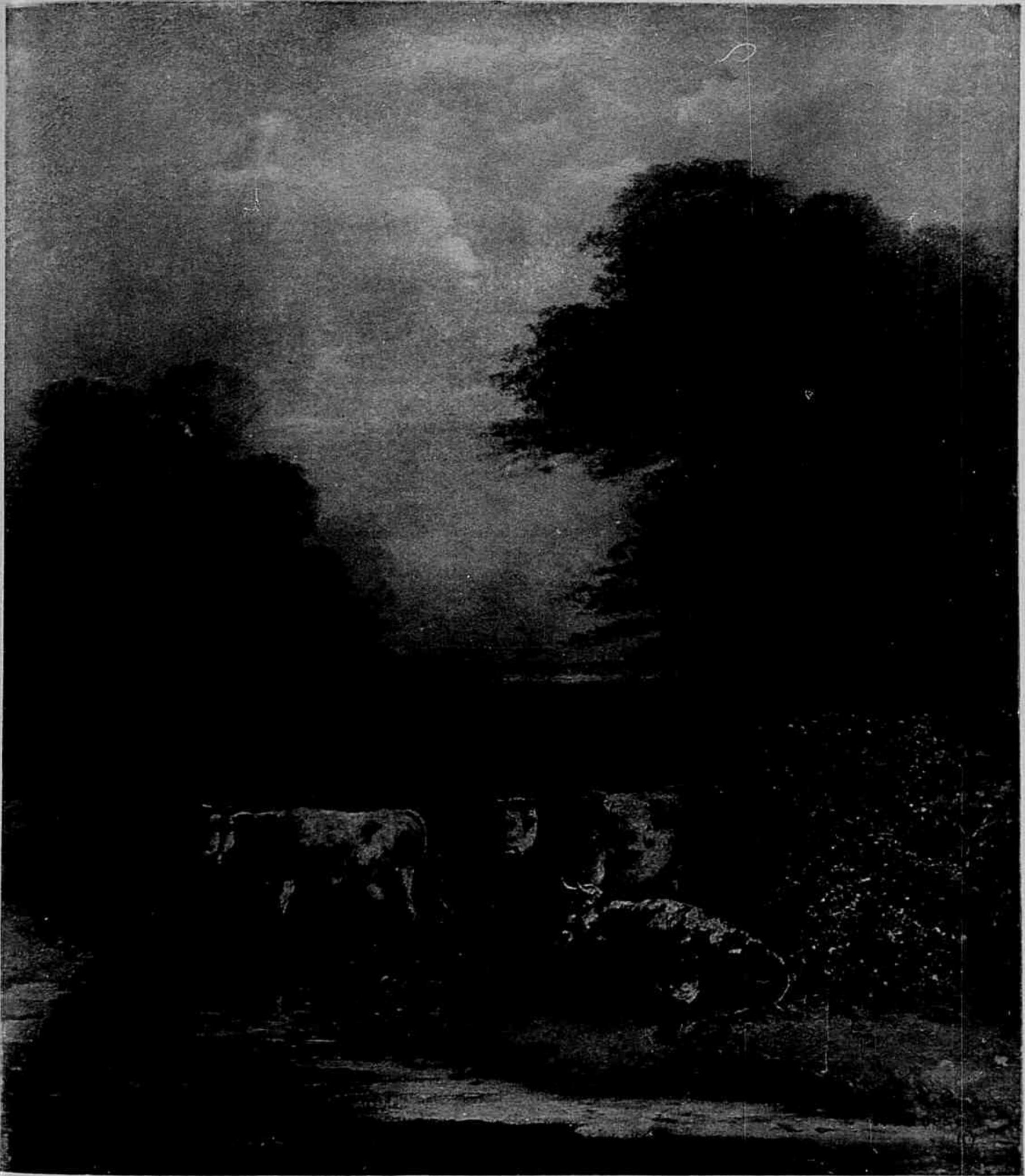
—Vem animar a festa: improvisa lá uns versos.

—Confuso ainda, faltando-lhe idéas, alegria e espontaneidade, o caboclo fez um esforço, tossiu, mexeu-se na cadeira e, com os pensamentos perturbados, tartamudeou desconfiadamente:

«Não é sómente mulato
Que, feito o prato, tem fome:
Gente bôa, feito o prato,
Tem fome: nem sempre o come.»

CUNHA MENDES.

Rio, 27 de Novembro de 1906.



TARDE DE ESTIO



O NATAL DE JESUS

EM todas as épocas e em todos os logares, quando o homem começou a contemplar e admirar o espectáculo celeste, a sua principal attenção, o seu primeiro entusiasmo, concentrou-se no astro supremo, na mais brilhante das estrellas, fonte de calor e luz, manancial de vida, o fecundante e glorioso Sol.

Estudado o seu curso apparente, apreciadas as suas relações com os phenomenos telluricos, fixada, embora grosseira e empiricamente, a sua influencia incontestavel e indispensavel sobre as terras e as aguas, as plantas e os animaes, foi a estrella das estrellas alçada á cathegoria de grande fetiche, e mais tarde transformada em divindade maxima, quando o homem primevo, deixando de adorar os seres, passou a venerar as entidades, abandonando a religião dos astros, se entregou á religião dos deuses.

Então o Sol deixou de ser deus mas produziu deuses. Agni, Mithra, Osiris, Manú, nas theocracias do Oriente; Hercules, Baccho e Jasão nas religiões da Grecia e de Roma; Jesus ou Christo na religião medieva, são todas divindades, por assim dizer, geradas do Sol; são imagens corporificadas do grande astro. A historia dramatica desses mythos diversos, suas aventuras, seus soffrimentos e suas glorias, são narrações exaggeradas da existencia e do movimento do sublime astro; são verdadeiras fabulas solares. A biographia de cada um delles é a biographia fantasiada do Sol.

Collocados no hemispherio boreal, os primeiros observadores do Céu distinguiram, após a successão regular do dia e da noite, o phenomeno mais complicado das estações. Assignalaram as épocas de grandes calores dos equinoxios e as de intenso frio dos solsticios. Dividiram o apparente movimento annual do Sol segundo essas épocas characteristics. Instituiram, enfim, as festas do Sol fixando-as nas datas mais ou menos correspondentes ás calculadas hoje para os equinoxios e solsticios: 25 de Março, 24 de Junho, 8 de Setembro e 25 de Dezembro.

Em 24 de Junho, quando para os boreaes o astro inflamma o seio da terra, fecundando-lhe as entranhas bemditas, toca ao auge do

poder luminoso e vivificante e vai pouco a pouco iniciar o seu declinio, o terricola offerece-lhe a pyra ardente em que chammejam os productos da terra fecundada. As fogueiras do estio, as nossas fogueiras de S. João, que para nós são de inverno, lembram ainda o antigo rito.

Em 25 de Dezembro, o fecundador, muito tempo afastado da Terra, mergulhado seis mezes em trevas volve de novo a affagar a amante desolada, aquecendo-a com a sua luz creadora, animando-a com a tepida caricia dos seus raios, restaurando-lhe as forças entorpecidas pelo somno lethargico de uma longa e frigida noite. Ha como que uma resurreição, uma renascença, symbolisada no advento da divina estrella; é um verdadeiro Natal do Sol. E o terricola contente festeja-o tambem.

Em 25 de Março e 8 de Setembro, quando a Terra fecundada se multiplica em fructos, ou desabrocha em flores, engalanando-se para receber o amado Sol, novos brindes ao astro, novas festas á sublime estrella.

Assim, no estio ou no inverno, no outomno ou na primavera, reina sempre o culto natural do Sol sob as formas mais diversas, porém inteiramente analogas e accordes todas em venerar, em solemnizar os beneficios, a gloria do astro-rei.

Eis o que succedeu nos primeiros momentos da vida social, no mais remoto fetichismo astrolatrico.

A contemplação das diversas e characteristics phases do apparente movimento solar em cada anno, dos beneficios que o Sol espalha sobre a Terra, dando a origem primordial da heliolatria, modo ultimo do Fetichismo, preparou o culto dos deuses que os Indianos chamaram AGNI; os Persas, MITHRA; os Egyptcios, OSIRIS; os Gregos e Romanos, HERCULES, BACCHO e JASÃO; e a Edade Média e os tempos modernos, JESUS ou CHRISTO.

Os *Vedas*, o *Avesta*, a *Heracleida*, as *Dyonisiacas*, as *Argonauticas*, o *Evangelho* são livros, são poemas em que ha um só heróe celebrado com os mais variados nomes, sob as invocações mais differentes; esse heróe é o Sol: o AGNI, dos *Vedas*; o ORMUZD, do *Avesta*; o HERCULES, da *Heracleida*; o BACCHO, das *Dyonisiacas*; o JASÃO, das *Argonauticas*; o CHRISTO, do *Evangelho*.

Mas das fabulas solares uma só continúa viva nas tradicções do Occidente civilisado por ter constituido a base revelada da fé medieva; é o mytho do Sol-Jesus.

O Evangelho é uma fabula solar. O natal de Jesus é o natal do Sol.

Ouçamos Dupuis numa das suas magnificas paginas da *Origem de todos os cultos*, onde por assim dizer, se achá a demonstracção concreta desta lei de sociologia: *o polytheismo provem geralmente da astrolatria.*

«E' um facto independente de todas as hypotheses, escreve o erudito escriptor, independente de todas as consequencias que eu quero tirar delles, que na hora precisa da meia-noite, a 25 de Dezembro, nos seculos em que appareceu o christianismo, o signo celeste que se elevava no horizonte, e cujo ascendente presidia á abertura da nova revolução solar, era a virgem das constellações. E' ainda um facto que o deus sol, nascido no solsticio do inverno, reune-se a ella, e a envolve com seus raios na epoca de nossa festa da Assumpção ou da reunião da mãe a seu filho. E' ainda um facto que ella sae dos raios solares helicacamente no momento em que celebramos a sua apparição no mundo ou sua Natividade.

«Não examino que motivo deu logar a fixar assim essas festas; mas basta dizer que são tres factos que nenhum raciocinio pode destruir, e de que um observador attento, que conhece bem o genio dos antigos mistagogos, pode tirar grandes consequencias, a menos que não se queira vêr nisso um puro jogo do acaso; do que não se pode persuadir áquelles que estão em guarda contra tudo o que pôde lhes desvairar a rasão e perpetuar-lhes os preconceitos. Ao menos, é certo que a mesma virgem, aquella que só pode allegoricamente tornar-se mãe sem cessar de ser virgem, preenche as tres grandes funcções da virgem, mãe de Christo, quer no nascimento de seu filho, quer no seu, quer em sua reunião a elle nos céos. E' sobretudo a sua funcção de mãe que examinamos aqui. E' bem natural pensar que aquelles que personificaram o sol e que o fizeram passar pelas diversas idades da vida humana; que lhe suppuzeram aventuras maravilhosas, cantadas em poemas ou narradas nas legendas, não deixaram de tirar seu horoscópio, como se tirava o horoscópio das outras crianças no momento preciso do seu nascimento. Este uso era sobretudo o dos magos. Celebrou-se depois esta festa sob o nome de *dies natalis* ou festa do nascimento.» (1)

«Todos os annos, escreve tambem Malvert, celebrava-se o nascimento de Agni que os sacerdotes astrónomos faziam corresponder com o solsticio do inverno, epoca em que o sol parece recommençar uma vida nova. Esta data

era indicada por uma estrella, cuja apparição no firmamento coincidia com o solsticio. Sendo, no mytho vedico, o fogo consubstancial ao sol, celebrava-se pela mesma cerimonia o nascimento do sol e o do fogo. Esta fusão do elemento igneo com o mytho solar encontra-se nas religiões da antiguidade.

«Entre os romanos, as confrarias de Baccho, de Mithra, de Venus e de Isis celebravam todos os annos, a 25 de Dezembro, esta natividade divina. Levava-se em todo o imperio em procissão a imagem do deus renascido deitado no berço, tal qual o representa uma figura de barro. Aos gritos de *Evohé Baccho!* misturavam-se os de Annual ou Natal! isto é: nasceu-nos um Deus.

«Nas confrarias de Isis os sacerdotes, com a cabeça marcada por uma grande tonsura e vestidos de sobrepelizes brancas, levavam em procissão a imagem de Horus. O joven deus que acabava de nascer para a felicidade da terra era representado nos braços da Virgem sua mãe.

«Mithra, *o sol invicto*, tinha tambem a sua festa a 25 de Dezembro. A festa do Sol marcava o principio do anno novo, o dia do *sol novo, sol novus*, como em Roma se dizia.

«Este dia, universalmente celebrado, foi adoptado pela Igreja como o do nascimento de Christo.

«Os christãos, diz um documento syriaco, tomavam parte nas festas e regosijos do dia do sol novo. Notando isso, os doutores da Igreja resolveram collocar naquella dia o nascimento do Senhor.» (2)

«Basta ler, opina Bertrand, as descripções que nos deixaram os antigos das suas festas solsticiaes para se ficar convencido de que um pagão que, resuscitando, assistisse hoje ás festas do Natal, se observasse apenas os aspectos exteriores, poderia julgar-se no meio de adeptos da religião do Sol... As festas do Natal apresentam uma reproducção frisante das festas com que os pagãos celebravam o nascimento de Osiris e Mithra: *Dies natalis solis invicti.*» (3)

«Todos os deuses solares, doutrina Réthoret, Agni na India; Mithra, no Iran; Osiris, no Egypto; Thammuz, Adonis, Baccho, Appollo, na Syria, na Phenicia e na Grecia; Manú, Budha, teem o mesmo character. Nascem a 25 de Dezembro, no solsticio do inverno, de uma vir-

(2) MALVERT.—*Sciencia e Religião*, trad. de H. Salgado, Lisboa, 1903, pag. 131-133.

(3) BERTRAND.—*A religião dos gaulizes*, pag. 112. Cit. de Malvert.

(1) DUPUIS.—*Abrégé de l'origine de tous les cultes*, éd. de la Bibliothèque Nationale, vol. II, pag. 94-95.

gem-mãe, numa gruta ou num estabulo, no meio de animaes; curam os doentes, resuscitam os mortos. Emfim todos morrem e resuscitam porque o Sol, vencido periodicamente pela noite e pelo inverno, voltava todas as manhãs e todas as primaveras. E' assim que a parte mais importante da religião não é mais que o echo dos cantos antigos que celebravam o Sol.» (4)

O natal de Jesus é, portanto, assim como o de Mithra e de Agni, de Osiris e Baccho, e de todos os outros deuses oriundos do fetichismo heliolatrico, a festa do nascimento do Sol. Celebral-a, é realmente celebrar uma festa do grande astro.

Para os espiritos emancipados de toda preocupação theo-metaphysica, que accitam o fetichismo racionalizado pela sciencia—pois é o Fetichismo a religião natural e espontanea de todos os povos e de todos os homens—as festas do Natal são verdadeiramente homenagens em honra do astro immortal, centro objectivo do mundo, satellite subjectivo da Terra, que uma ficção poetica incorporada a uma fé scientifica, torna benevolente e activo, realisando os ideaes sonhados pelos que primitivamente o adoraram como fetiche e como deus.

(4) RETHORET — *Sciencia das Religiões*, Paris, 1894. Cit. de Malvert.

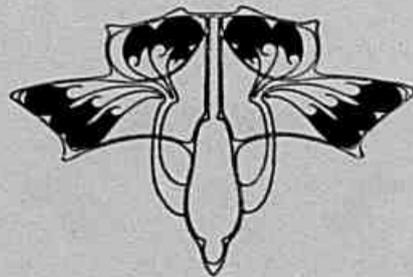
Si houve um propheta judeu que, tomando o nome de Jesus ou Christo, se applicou vaidosamente a legenda solar, não é a esse homem que a nossa veneração se deve consagrar, porque, de facto, a sua função social, o seu apostolado religioso, foi nullo, e o seu nome estaria esquecido si não fosse o Catholicismo, que é a obra grandiosa de Paulo de Tarso. O que é objecto de culto das almas emancipadas é o Jesus da lenda, o Jesus personificação do Sol.

Sem incoherencia esses espiritos, libertos das doutrinas chimericas, que noutras éras foram necessarias á ordem e ao progresso social, pódem assistir as festas de Jesus, referindo-as á sua significação positiva, que é o culto humano da Terra pelo astro que a illumina e fecunda; é a adoração da propria Humanidade, representada por uma de suas creações provisórias, tão memoravel por ter servido e servir ainda para disciplinar e congraçar os homens.

Celebrando, pois, o natal do Sol sob a invocação de Jesus, celebramos uma festa real da Humanidade.

Rio, 25 de Dezembro de 1906.

REIS CARVALHO.





O JARDIM DA AVENIDA BEIRAMAR NA PRAIA DE BOTAFOGO—RIO DE JANEIRO

Malta phot.

Sacrificio supremo

NA agreste choça de grossos, escabrosos muros de maceria, levantados, pedra a pedra, pelas suas mãos debeis, colmada pela densa e florida ramagem de roseiras bravas e madresilvas, vivia, em constante e acerba penitencia, a nobre dama Lucilia, viuva de Fabio Lentulo que, por amizade e favor de Tiberio, enriquecera no governo de uma farta provincia.

Depois da morte do esposo, muito moça quasi menina, com um filho nos braços, encerrou-se a viuva no seu palacio, um dos mais sumptuosos da Via Sagrada, e a sua liteira, que precursores negros annunciavam aos brados e uma guarda liburnia acompanhava, nunca mais appareceu na cidade que se agitava curiosa da belleza e do fausto da deslumbrante patricia. Só depois de dezoito annos de silencio abriram-se, de par em par as portas do palacio á passagem airosa de Lucio Lentulo, o filho tão amado, que o morto deixára infante ao collo da linda esposa.

Desde que o mancebo appareceu espalhando, a mãos prodigas, as riquezas que a mãe com economia avéra, conseguira multiplicar, cercaram-no os parasitas elegantes e as mais formosas concubinas disputaram-no, attrahindo-o aos seus jardins onde o recebiam languidamente reclinadas sob velarios de purpura, entre escravas núas que, ao som da fructa bailavam, desfolhando rosas.

O mancebo, que era fragil, pouco tempo resistiu á libertinagem e, uma noite, ao emborcar um crátere em que espumava o vinho alegre da Campania, empallideceu, tombou nos braços dos amigos, golfando sangue e a orgia serenou em presença da morte.

Lucilia chorou longamente a sua desventura até que, a conselho de um dos nazarenos que andavam a pregar a nova religião, distribuindo em largas esmolos a sua immensa e inutil fortuna, uma noite, descalça e mi-

seravelmente vestida partio da cidade sem deixar vestigio do seu transito.

No eremiterio do monte vivia vida miserima: as roupas cahiram-lhe apodrecidas, cresceram-lhe mais bastos os cabellos louros e a sua virtude era tão pura que, quando subia á fonte, com a bilha, fechava os olhos para não ver a sua imagem no espelho das aguas, receiando incorrer em vaidade.

As aves amenisavam a sua solidão e as corças, noite alta, entravam docemente na choça e deitavam-se junto da solitaria lambendo-lhe as mãos meigas, sempre sollicitas em pensar as feridas que os espinhos abriam no corpo dos animaes de Deus.

Uma tarde, estando Lucilia em oração— havia dois dias que não levava á bôca alimento algum— appareceu-lhe um anjo offer-tando-lhe manjares que pareciam feitos de flores, tão bem cheiravam embalsamando a floresta.

Lucilia aceitou o presente do enviado do Senhor e, de joelhos, devotamente, como se recebesse a hostia, fartou-se d'aquella celestial delicia, sentindo-se logo refeita e tão robusta como se nunca houvesse soffrido miseria.

Foi nessa tarde, tão cheia do favor divino, que ella soffreu o seu tormento maior. Dizendo-lhe o anjo que o Senhor recebia com prazer todas as mortificações, disse a solitaria:

— Ainda é pouco o que faço para a ventura que me está reservada. Espero a morte com ancia porque só ella me levará á companhia do meu saudoso filho que, ha tanto tempo, me chama do Paraíso. Deves conhecê-lo, disse Lucilia ao anjo. E o anjo, baixando os olhos, murmurou:

— Não o conheço.

— Não estará elle no Paraíso? Lucio Lentulo, meu filho?

— Não está.

— Tão meigo, tão dócil, tão affectuoso... Teu, por acaso, parado no Purgatorio? E o anjo, sem levantar os olhos, fez um gesto negativo. Onde então?

— Teu filho morreu em peccado e os que assim morrem ficam, para todo o sempre, privados da graça de Deus.

— No inferno! Lucio Lentulo, o meu pequenino Lucio! Meu filho! bradou a misera-

E eu? sua mãe? Como hei de vel-o? Como lhe poderei mitigar os soffrimentos? Se eu fundir o coração em lagrimas, se redobrar as penitencias passando todas as noites que me restam em claro, jejuando enquanto o corpo permittir, abstendo-me do sol, arrastando-me, de joelhos pelas pedras agudas dos caminhos, apertando ainda mais os nós do cilicio, passando como os animaes, expondo-me á neve, inventando supplicios nunca experimentados não merecerei de Deus o perdão de meu filho? O anjo baixou os olhos e o silencio pesou entre os dois. Por fim a penitente interrogou:

—E qual é o caminho que leva ao inferno?

—O mal, o vicio e os crimes. Fitaram-se longamente. Depois o anjo despediu-se e perdeu-se nos ares melancolicos.

Recolhendo á choça e atirando-se ao chão, de bruços, a solitaria passou a noite a pensar, sem lagrimas. De quando em quando repetia surdamente as palavras do anjo.

—O mal—o vicio e os crimes. É no caminho da Bemaventurança por onde sigo nunca o encontrarei. Ai! de mim!

Ao amanhecer, levantando-se das pedras em que dormia, na choça, descobriu a um canto, sobre folhas seccas, uma corça que amamentava o filho. Arremetteu d'um salto e, arrancando o animalzinho á ternura materna, estrangulou-o com furor. Saliu ao bosque e, trepando ás arvores, destruia os ninhos,

escorchava os troncos, arrancava os arbustos, amaldiçoava o sol, chapinhava nos regos para toldar as aguas.

Correu á fonte e, afastando os cabellos que toda a vestiam mirou-se com deslumbramento, palpando as carnes que a miseria não conseguira profanar e teve um riso de triumpho. Em torno della esvoaçavam os passaros piando, a corça balava ao longe lambendo o cadaver do filho, as arvores sangravam e os arbustos desarraigados enlanguesciam. Esteve um momento a contemplar a sua destruição, subito, porém, arrojou-se da montanha, núa, com os longos cabellos soltos, voando ao vento, a prenderem-se nos ramos em fios d'ouro que rutilavam ao sol.

—Agora o vicio! exclamou. Na planicie estava acampada a decima legião de Avitus, constituida de soldados amollecidos e depravados na volupia da Asia. Lucilia parou no alto de uma penha, a um tiro de flecha ao acampamento e, com uma voz atroadora, bradou:

—Lucio, meu pequenino e sempre amado filho, ali vou abrandar com as minhas lagrimas a dor immensa das tuas feridas eternas.

E, como os rudes soldados, attrahidos pela voz tragica, corressem a cercar a penha, a miseranda, abrindo largamente os braços, affastou os longos cabellos louros e em pleno sol, soberba sobre o pedestal selvagem, expoz o seu corpo esbelto, nú como o de Venus maravilhosamente bello, maravilhosamente branco.

COELHO NETTO.



O Chinélo do Vovô

CONTO PARA O NATAL

MRA um feio, grande, pesado chinélo de couro crú, que o Vovô calçava pela manhã para ir ás suas roseiras.

Rosas foram a paixão do Vovô. Amava-as e cultivava-as com um carinho inextinguível. Depois que os annos embranqueceram seus cabellos e lhe cavaram fundas rugas no rosto, liquidou os seus negocios e dedicou-se exclusivamente ás roseiras. E que formoso roseiral possuía o Vovô!..... Formoso e tambem celebre. Vinham de outros bairros, ás vezes de logares longinquos, conceituados cultivadores, sabios naturalistas, finos *dilettanti* ou simples curiosos para vêr e admirar essa collecção preciosa, esse serralho lindissimo em que as favoritas eram tantas, e qual de maior garbo e perfume, que jamais houve nem nunca haverá palacio de grão-turco que o igualasse ou competisse...

E para inspeccionar o seu harem era que o Vovô, com o seu largo torso vergado, calçava os grandes, feios, pesados chinélos de couro crú, um dos quaes, o mais derreado e duro, fôra transformado em nosso algoz, meu e do meu maninho Carlos.

Não supponham que o Vovô fosse o creador dessa transformação maldosa. Nada disso, meus senhores!

Aquelle santo homem, carinhoso para com as rosas, o era igualmente para com as creanças, com as quaes seus mimos pareciam trazer o odor e a setinosa carícia das formosas corollas do seu deslumbrante jardim.

A sua constante bondade, a sua inexgotavel paciencia, nunca premeditariam essa maldade.

Maldade!... Teria sido, realmente, maldade?... Essa tão terna, cuidadosa, dedicada senhora, que foi nossa Mãe, poderia ser má?... Mas, naquelle tempo, ameaçar-nos com o chinélo do Vovô não poderia ser senão maldade. E quem descobriu, ou melhor quem inventou esse algoz foi a nossa tão meiga e querida Mãe. Foi ella quem achou esse recurso supremo para debellar as nossas manhas; foi quem, primeiro, sem que o Vovô soubesse, apanhou o grande, feio, pesado chinélo de couro crú e nos ameaçou com elle; foi ella quem disse ao Papae que aquelle monstro era a ultima *ratio* para nossas zangas, querellas e choromingos; foi ella quem, por suas propri-

as mãos delicadas e ainda sem sciencia do Vovô, pendurou o bruto sapatarro no portal da *cópa*, ao alcance da nossa vista!

E como nos aterrorisava o feroz chinélo!...

A's vezes, de longe, olhavamol-o, lá estava elle pendente do portal da *cópa*, preso a um prego: era pavoroso. Apenas pavoroso! A sola parecia feita dum immenso madeiro, todo um roble arrancado á floresta virgem onde ululam fêras e a treva é densa, cheia de mysterios, de cascaveis, de duendes... Coberta de terra, escarolada pelos seixos, irregularmente debastada pelo uso, pelo roçar nos pedregulhos, afigurava-se-nos negra, inclemente, pesando arrobas! Só de vê-la, só de olhal-a, mesmo de longe, sentiamos ardores de fogo nas naldegas. E' provavel que o maninho sentisse menos do que eu, elle era magrito, uma varinha. Eu... ai de mim!... A natureza me dera boas carnes... gorduchita, quasi redondinha, me não faltava onde se me batesse. Aquillo era levantar a mão e descarregar o braço... E a pancada deveria ser sonora, cheia, bem estalada! Estremecia só de pensar nisso, estremecia e pedia a Deus que me fizesse mais rasa que a taboa dos engommados, mais fina que o cabo das vassouras, porque a Mãe sempre dizia que, se no Carlitos seria dar nos ossos (e parece que ella tinha medo de os quebrar...) em mim o chinéllão *cantaria que era um gosto*. Virgem Santa! Ião-se-me os olhos medrosos para o terrivel chinélo no portal da *cópa*; via-o ali, estúpido, parado, assustador. Tinha o aspecto não sei de que bruto, mas o seu couro amarellado, tirante para o cinzento, recordava-me pellos de bichos que eu vira no Museu. Ainda me lembro de que, n'uma das nossas lições dos *Lusiadas*, no momento em que liamos:

.....quando u'a figura
Se nos mostra no ar, robusta e valida,
De disforme e grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esqualida
Os olhos encovados e a postura
Medonha e má.....

nossos olhares, que se encontraram de relance, movidos pelo mesmo pensamento, foram, unidos como duas pombas timidas, para o portal da *cópa*.

Um dia, já me não recordo porque má-ciação feita em casa alheia, a Mãe me disse baixinho:

Deixa-me te apanhar em casa que o chinéllão vae ter trabalho.

Ouvi e tremi. Em caminho contei ao Carlinhos o que me esperava, segundo a promessa ouvida. Carlinhos, que me era muito

afeiçoado, empallideceu e pôz-se a pensar. Quando chegamos á porta de nossa vivenda, elle a transpoz n'uma corrida, apressadamente. Eu de nada sabia. Tive, no entanto, o presentimento de que procurava salvar-me. Entramos. A minha falta fôra, sem duvida, muito grave, poque a Mamãe não se esqueceu da promessa e logo que penetramos a sala tomou-me do braço:

— Agóra, você vae me pagar o vexame que me causou...

E dirigio-se para a *cópa*. Mas, o portal estava vazio. Olhou em derredor, rebuscou os cantos, inquiriu da creada o paradeiro do chinélllo... Nada. Ninguem sabia delle.

Chamado o Carlinhos, porque a Mamãe suspeitára de que o tivesse escondido, elle protestou a sua innocencia. E onde pararia o medonho chinélllo? Eu, mentalmente me agarava com todos os santos para que o algoz não apparecesse. E enquanto ia e vinha de um para outro lado, sempre presa á mão da Mamãe, sentia por baixo das calcinhas o caustico das sapatadas. Isso só ao pensar nellas... Que seria quando, realmente, as sentisse?...

De repente, porem, ouvimos uma tosse rouca, um arrastar pesado de sapatos e um risinho de *êh! êh! êhs!*... que nos era mais doce, mais claro, mais bemfazejo que uma aurora. Era o Vóvô. Perguntou do que se tratava, que havia?... A Mamãe disse-lhe que procurava o seu chinélllo, o chinellão.

— O meu *tamanco!*... E para que queres tu o *tamanco?*

Para corrigir esta pestezinha... Papae não calcula a vergonha a que ella hoje me expôz em casa das Nunes!...

— Mas... então, é com um *tamanco* bruto que tu corriges a menina?... Foi por este meio que eu te criei a ti e mais tuas irmãs?... eu, que era um brutamontes?... Ora, puxa-lhe a orelhinha, mas devagarinho, vê lá, devagarinho; reprehende-a, priva-a de confeitos, e deixa-te de castigos rudes, que em creanças, mórmente quando meninas, não se bate como se batiam negros...

E foi me retirando da mão da Mamãe, que se vexara com o *pito* tão opportunamente passado.

— Ora, vem tu cá, dize-me o desafôro que fizeste... conta-me esse crime.

E como eu chorasse, postoquê devera me rir, o Vóvô fez-me uma porção de carinhos e tanto me puxou pela lingua que eu lhe contei o horror em que nos trazia o chinellão.

— Ah!... é assim?... A senhora Mamãe faz dos meus *tamancos* títú aos pequenos?... Ora, ahí está o que eu ignorava!.. Pois, de hoje

em diante, os *tamancos* ficam muito bem seguros no meu quarto e a chave da porta vae ser muito bem guardada no meu bolso.

E assim foi. Não obstante essa salvadora resolução do Vóvô, o medo que tomarámos do chinélllo era tanto que, ainda assim, temiamos o seu reaparecimento. Contamos-lhe esse temor, bondosamente elle nos tranquillizou: que nos deixassemos de medos, os chinélllos estão á sua conta — mas, numa manhã de Natal, vae isso para trint'annos, depois de nos beijar muito e de nos encher os bracitos com caixêtas de tamaras e embrulhos com bonecos, disse-nos a rir, com o seu inesquecível risinho:

— E vou mostrar-lhes um bonito fogo de artifício, de dia. Ora, venham cá a abaixo.

Descemos ao jardim. O Vóvô preparára um montezinho de gravêtos, de galhos quebrados, de folhas seccas e nelle puzera os seus chinelões untados de kerozene. Depois, sorrindo sempre, riscou um phosphoro e ateiou fogo aos gravêtos. A chamma cresceu. Estalidos seccos fizeram estremecer a fogueira. Houve um ondular de seixos, como doloridos, tentando livramento. Mas a chamma augmentou, desdobrou-se em largas linguas frementes. Os chinelões, rapido, foram envolvidos por ellas; contorceram-se, um delles espoucou a sola, arrebetada da sua pregaria, Era o que nos aterrorisava. Dentro de minutos tudo aquillo se transformára num brazeiro, uma fornalha infernal.

Eu e o Carlinhos olhavamos, desejando vêl-os completamente consumidos, completamente reduzidos a carvão, a cinza. Em quanto assim não fosse, a nossa tranquillidade não seria perfeita.

E o Vóvô, muito alegre, com os seus olhinhos fictos na fogueira:

— Ora, ahí teem vocês... Não ha mais títús...

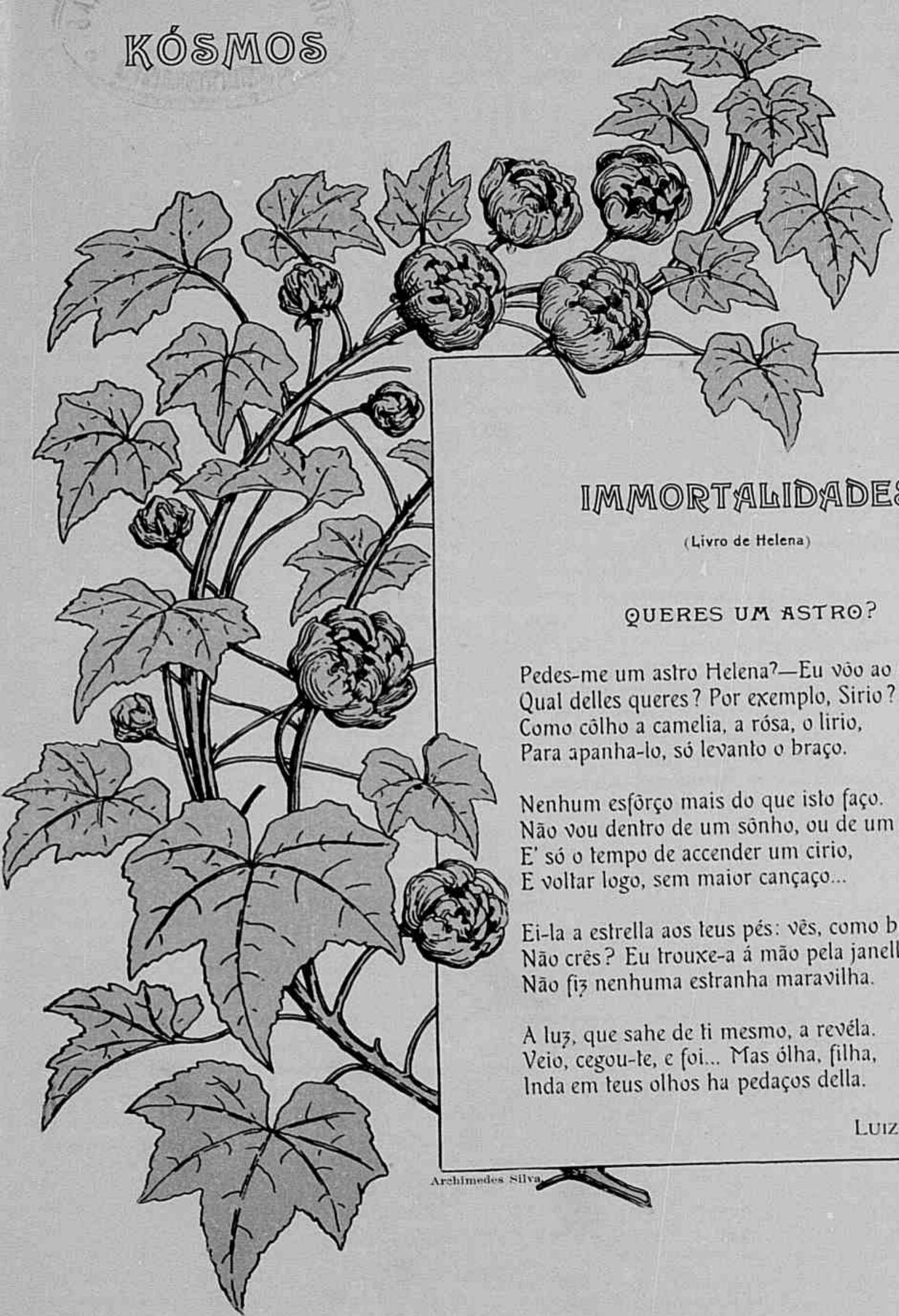
Sim, não haveria mais títús, os chinelões desappareciam, e com a chamma viva que crepitava nessa fogueira, fazia-se na nossa memoria a apothese eterna desse meigo, desse santo, desse incomparavel velhinho!

E com o *pito* que o Vóvô passára á Mamãe e com a fogueira consumidora daquella alegre manhã de Natal, nunca mais sentimos arder as nossas nadegasinhas nem eu desejei me transformar em taboa de engommados ou cabo de vassoura.

O' creanças, que tendes avós, como sois bemaventuradas!

Dezembro de 1906.

MARIA SALOMÉ.



IMMORTALIDADES

(Livro de Helena)

QUERES UM ASTRO?

Pedes-me um astro Helena?—Eu vôo ao espaço.
Qual delles queres? Por exemplo, Sirio?
Como cõlho a camelia, a rósa, o lirio,
Para apanha-lo, só levanto o braço.

Nenhum esforço mais do que isto faço.
Não vou dentro de um sônho, ou de um delirio,
E' só o tempo de accender um cirio,
E voltar logo, sem maior canção...

Ei-la a estrella aos teus pés: vês, como brilha?
Não crês? Eu trouxe-a á mão pela janella.
Não fiz nenhuma estranha maravilha.

A luz, que sahe de ti mesmo, a revêla.
Veio, cegou-te, e foi... Mas ólha, filha,
Inda em teus olhos ha pedaços della.

LUIZ DELFINO.

IDYLLIO RÔXO

pretenciosamente, ares galantes d'européismo n'agrestidade d'aquellas alturas verdes. De mais, para o forçado coquettismo de Sahra, era isso uma nota *chic*, um traço elegante de viver superior, porque essa pobre rapariga pallida, de olhos velludosos d'uvas negras—turgindo da volupia morna de um morno quebranto—a cabelleira encaracolada, que lhe esculpia a cabeça com uma cariciosa expressão de creança romantica, possuía o elevado requinte da futilidade n'uma irradiação moderna e hysterica de fórmias.

O resto de vida que se lhe esvaziava, noite á noite, nos esburgos da gósma pulmonar, dir-se-ia concentrados nas preocupações elegantes da sua pessoa, cuja plastica delgada d'estatua allegorica se movia com a colleante flexibilidade das serpentes feridas.

Quando ella apparecia ao sol das dez, na sala do hotel, agitando rendas sobre rendas, n'uma feliz illusão de se fazer menos magra, e mais polypetala que uma rosa branca, a encher o ambiente com trescalos fidalgos de *Crap-Apple*, não havia pupilla que não scintil-

SAHRA conseguiu um dia feliz. Os canções angustiosos, com que a tosse ir-

ritante a mortificava, serenaram um

pouco nesta clara manhã d'equinoxio.

Terminado o jantar, ás cinco, a sua voz, de cythara nocturnisando, melodiou aos meus ouvidos:

—Vamos namorar a tarde?...
Ella está linda!

Não lhe retorqui. De um salto apanhei a *casquette*, e prompto! Partamos, Sahra.

Ella desceu, como sempre, acompanhada, respeitosamente, da velha, da erecta e grave D. Maria, que nós, nas parlendas da serra, para affectar villegiatura nobre de *touristes da nata*, da *upper cream*, chrisamos por conta propria, inglezando seu nome n'aspereza acre de *Mary*. Caracterisavamos, por esta forma, o seu typo esqueletico de loira quinquagenaria, penteada de classicos bandós e davamos-nos,



lasse de desejos accesa, nem percepção que se enganasse com a saúde artificial d'aquella creatura, esvelta, e solerte, que siflára, angustiosa, nos accéssos da tosse, durante o silencio pesado das noites.

Foi, tambem, por um capricho d'exceptional, procurando cercar-se de todos os insignificantes detalhes do imprevisto e do *exquis*, para phosphorear o rastro da sua personalidade, que ella, um mez depois de nos conhecermos na diaria da mesma locanda, carregou os sob'olhos, aprumando, nervosa, a cabeça, porque eu tivera a criminosa irreverencia de a chamar — *Mademoiselle* — após um *scherzo* de Beethoven dedilhado, ao acaso, no gasto teclado do piano frouxo, e quando a sua pequenina orelha transparente se inclinára ao pieguismo dubio do *flirt*.

— Oh! exijo que me chame Sahra. Simplesmente Sahra.

Desd'esse momento, mesmo deante da gravidade ossúda da respeitavel *Mary*, jamais meus labios titubearam postigarias de formalidades.



Sahra passou a ser a minha meiga e íntima camaradagem, insexualisada como as Visões, apenas lembrando um vago de mulher pelo aroma de suas cambráias rendilhadas e pela insidía amollentadora de seus olhos, luminosamente negros.

— Para onde seguiremos, Sahra?

Perguntei.

Ella não respondeu. Tomou-me do braço e descemos para os lados tranquillos do Sul.

Março extinguiu-se n'uma viuvez serena de *quaresmas* florescentes e vesperaes crepusculos agoniados de violetas machucadas. A' margem do caminho, na ramaria alta das velhas arvores, por onde cigarras, ao môrmaço equatorial das séstas, safoneavam empós preludios de cicios longos, nevavam pulverisações suaves de amethystas trituradas, como se uma triste flôr invisível abandonasse, no desalento dos repudios, o pollen resequido e inutil. E esse brando colorido de melancolias vivas derramava-se do céu pela extensão quêda dos valles, alastrandose no circulo enorme de toda a payzagem, destendendo os planos pelo esbatimento das distancias, envolvendo a longitude n'um affago dormente de lagrimas ainda não enxutas, e lilazeando a faixa do horisonte, lá — baixo, n'uma tenuidade de zaïmph sagrado, aberta sobre a remotissima paragem dos promettimentos fugitivos.

Iamos descendo...

Sahra descançou mais sobre o meu braço a leveza do seu busto. Muda, pisando serena e certa, pupillas absorptas, e brumosas das suggestões sentimentaes d'este vagaroso crepusculo d'Endoenças, suas pequenas narinas de nervosa resfolegavam; havia no seu respiro o rythmico siflo, quasi imperceptivel, do soprar d'um folles. Pelo languor do seu corpo percebi que o recolhimento da payzagem a envolvia, possuindo-a, fazendo-a penetrar o seu mysterio, alentando-a pel'acridade aromatica do seu bafo... E silencio, extensões, halitos mornos de folhas, emanações da terra, embriagavam-na, excitavam a sua imaginativa, fazendo-a construir, mentalmente, com a nostalgia da hora, o romance de tristezas que as tuberculosas sóem compôr, tecidos de illusões e lembranças vagas, como uma musica que expira sob a dormencia de uma volupia.

Mary, agoniada pela distancia, deixára-se ficar n'umas lages da escarpa.

Nós, porem, continuamos a descer, de manso, sem palavras. De repente, ella aspirou forte.

—Sente?... E' o aroma dos lyrios.

A estrada resvalava em curva, ao sopé da macéga baixa da chapada. Estavamos na base do pendor, onde denegria a legendaria *Ponte dos Suspiros*, cujos barrótes repercutiam o rumorejo fresco do corrego, refrangendo-se nos pedregulhos soltos da socava.

Paramos. Sahra declarou que sentia fadiga, e queria penetrar-se da solidão que amodorava o tom viuvo da tarde tristissima.

Então, amparados pelo rebordo da ponte, ainda braço sobre braço, ahi permanecemos sem uma palavra que rompesse o silencio de em torno, olhos postos na planicie violacea, estendida para além, rasa e ampla, 'té o agglomerado tufoso dos mattos, já roxeando no fusco das trevas. E nesta quietitude spasmodica de natureza adormecida, presentia-se que de azas espalmas, plasplaceando ondulantes e esgueiradas, passava teimosa, persistente repassava, a Saudade longa das deserções eternas.

Logo, pelos ramalhos párasolados, pelo emaranho do matto, no rastejamento das hervas, estremecia o quer que fosse, um desoffego de peito cansado, de que o aroma branco dos brancos lyrios era o halito virgem, evolvendo-se n'um beijo demorado e intenso, de par tida...

N'este momento Sahra falou-me baixo, queixosa e timida:

—Sabe?... levo um grande pezar da vida...

E depois de uma pausa atalhando-me a pergunta:

—E' o de nunca ter experimentado a sensação de um beijo... de amor. Oh! nunca os labios de um homem tocaram-me nas faces!

Quando a fixei, ella tinha inclinado a cabeça afflicta, seu olhar negro e velludoso boiava no alvejamento de Desejos angustiosos, e eram tão supplices os seus labios! era tão pedinte a sua bocca! que eu tive o impulso de lhe dar o consolo d'esta caricia. Mas, os bazarismos do seu espirito d'enferma crestaram bem cedo os rebentos do meu amor; seria impossivel revivecel-os agora só pelo desvario concupiscente de um goso ephemero e favorecido. Ella comprehendendo o meu pensamento, gemeu offegante:

—Beija-me... Sim?

Mudamente obedeci. Era a vontade de uma condemnada, e eu, por mais que me repugnasse a satisfação desse lascivo desejo, que a impudicicia de uma allucinação trazia á bocca de uma creança, não tinha energias para a cruel negativa. Ao curvar-me para ella,



procurando sua
frente, encontrei

a febre de seus labios soffregos á espera dos meus. E unimol-os docemente, demoradamente, n'uma junção noival, premindo as nossas mucosas na humedecencia dos mesmos anceios; eu—perdida razão, animalizado pelo contacto offertante da immacula carne febril; ella—dominada pelo seu goso, radiando nas faces, esfuziando no olhar, acceso o halito fremente, que lhe punha no respiro compassado a de longa sugada dos prazeres primeiros...

Por fim, vencida, cerraram-se-lhe as palpebras, exhaustas; uma pallidez de luar morrente alastrou-se por suas faces, marmorisado-lhe a linda cabeça de bambina, e um insulto de tosse rouca sacudiu-lhe a escoriada caverna do busto.

KOSMOS

A noite despregava-se lenta, lentissima, d'operculo remoto, franzindo a quietude roxa do espaço e, no isolamento estagnado, o balido fanho d'uma ovelha tardia cavou o silencio, sonorizando nas quebradas o éco reminiscente do *Angelus*.

Sahra, acommetida por outro accésso de tosse, levou rapidamente o lenço á bocca, mas, intutil a presteza do gesto!—de seus labios escapou-se, de jacto, uma golfada de sangue, que estalou, surda, no chão e ficou-se coagulhenta, estriada em lagrimas solidificadas, sulpherina e refulgente, na rouxidão do dia extinto.

Quando nos puzemos a caminho, ora lentamente, medindo o passo á fugir do esforço, a

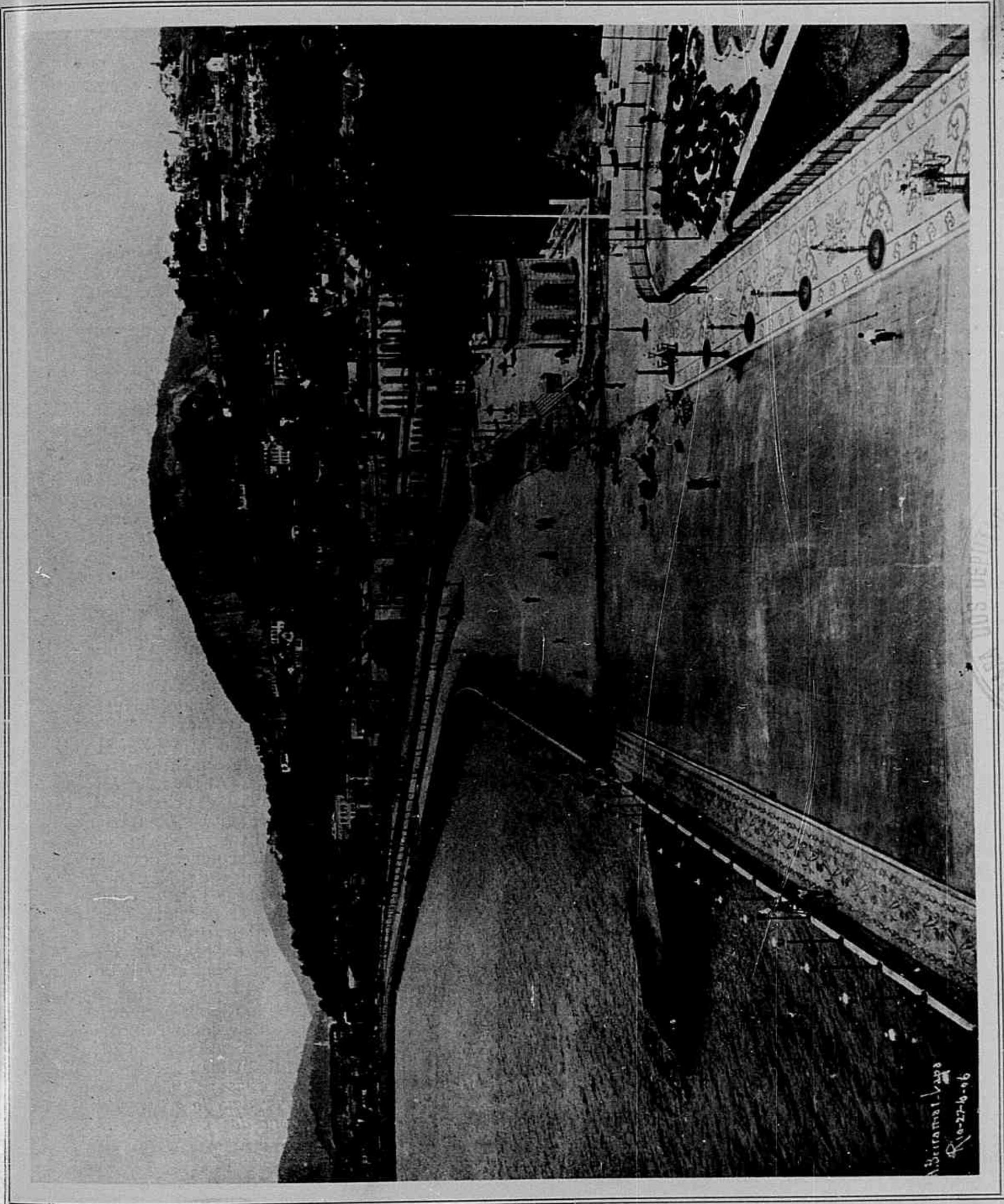
natureza aerisava-se nesta melancolia quaresmal de Março, toda ella rôxa, mas, agora, de um rôxo turvo, tingindo de saudades tumultares a tristeza immensa da Terra.

Só, infiltrante e dulçoroso, o aroma virgem dos brancos lyrios vivia no ar, como se o oleo purificador de uma ambula houvesse escurrido sobre nós para a extrema unção do nosso noivado sem mácula, sorrindo, n'agonia silenciosa da tarde, á illusão ineffavel de um goso que nunca mais voltaria... nunca mais!... nunca mais!...

Desenhos de Arthur Lucas

GONZAGA DUQUE.





Beiramar - Lapa
R 10-27-16-96

Malta phot.

AVENIDA BEIRAMAR - LAPA

O PREMIO DA TRAIÇÃO

É corrente entre os nossos historiadores a crença de que a Joaquim Silverio dos Reis, o negregado denunciante da Conjuração Mineira, couberam os maiores premios pelo serviço prestado á Coroa.

Diz-se que, devedor de avultada somma como arrematante de varios contractos, Joaquim Silverio viu perdoada essa divida e cumulado de honrarias morreu em placida velhice legando á sua descendencia avultados haveres.

Nada mais falso todavia. Não se fez effectivo o premio senão muito mais tarde, quando já em terras do Brasil o throno dos Braganças.

Esse typo de Joaquim Silverio é o de um pobre diabo avido de por qualquer meio se libertar das onerosas dividas que contrahira para com o Real Erario, ou vingasse a conspiração com a nova Republica, ou adiada a epoca do levante fallando pela denuncia á gratidão da Coroa. Nem por sombras lhe passava pela mente muitos annos após a hediondez de seu procedimento, e remorsos não lh'os despertavam nem mesmo os sarcasmos dos que lastimavam as victimas da sua torpe acção.

Proclamado pela sentença que condemnou os réos a varias penas e fez justiça a Tiradentes, *Catholico e Leal Vassallo*, só cuidou então de fazer valer os seus serviços munindo-se de attestados das principaes autoridades envolvidas nos acontecimentos das Minas, para conseguir a recompensa á traição.

Perdoou-lhe a Coroa a divida avultada e ordenou se lhe restituissem os bens confiscados. Mas essa graça não se fez effectiva apesar dos seus insistentes pedidos, obrigando-o a seguir para o Reino onde por muito tempo frequentou o Paço a reclamar. E' provavel que não fosse recebido de boa cara, porquanto dos seus requerimentos ressumbra funda amargura, attribuindo elle os embaraços que lhe surgiam numerosos, aos amigos dos Inconfidentes.

Em 1808, com a vinda de D. João VI, fez parte Joaquim Silverio com a sua familia da Comitiva Real conforme certifica Manoel da Cunha Souto Maior, Almirante da Real Armada e Commandante da Esquadra ancorada no Rio de Janeiro, em 9 de Março daquelle anno.

Foi nesse anno que elle dirigiu a D. Fernando José de Portugal o seguinte requerimento: (1)

«Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr. Dom Fernando José de Portugal.

Joaquim Silverio dos Reis implora a attenção de V. Ex. para ver hù extranho caso succedido neste Paiz que talvez V. Ex. não saiba as suas circunstancias; eu vivia na Capitania de Minas Geraes, era Coronel Commandante de hù Regimento de Cavallaria. Vivia em abondancia acreditado de maneira que nesta Praça se me confiaram emensos cabedaes e a Junta da Fazenda da Capitania e a rematou hù contracto de perto de hù Milhão, tendo antão huas descenções publicas com o meu general o Ex.^{mo} Visconde de Barbacena relativas ao meu Regimento; supondo-me algus máos Vassallos em disgosto com aquelle Ex.^{mo} fui convidado pella meia noite no meu Quartel pelos principaes Habitantes daquelle Paiz para socio de hù abominavel Conjuração com vantajozos partidos que não forão bastantes para corromper a minha fidelidade; compri logo com as obrigações de fiel Vassallo manifestando tudo ao meu Ex.^{mo} General; este me mandou a esta Cidade com Carta de officio ao Ill.^{mo} Ex.^{mo} Luiz de Vasconcellos e Souza, Vice Rey deste Estado; este me prendeu por bem daquelle deligencia e segurança da minha vida na Ilha das Cobras, incomunicavel aonde me conservei nove mezes que tanto foi percizo para legalizar a minha verdade.

Conhecida esta fiquei em o Minage nesta Cidade athé detreminação de Sua Magestade que foi servida mandar hù Alssada de Ministros Superiores a sentenciar aquelles R. R. que forão condemnados á pena ultima com infamia e confiscação de bens; Joaquim Silverio declarado na mesma sentença por *Catholico e Leal Vassallo*, honra da Nassão a quem se deve a segurança deste Estado, como tudo se manifesta pelas atestações juntas daquelles Ex.^{mos} Governadores e certidão da própria Alssada que tudo offerece a prudente consideração de V. Ex. porque ama a Verdade, a rezão e a Justiça.

Sua Alteza Real premiou com grandeza quantos trabalharão nesta deligencia como se vê na Relação junta; eu tambem fui premiado com as honras que se fizerão manifestas; porrem de que me servem estas se não tenho com que as manter; *porque aquella grassa dos 400 mil cruzados e entrega dos meus bens até hoje se não realizou.*

(1) Bibliotheca Nacional—Secção de Manuskriptos.

Porem agora Ex.^{mo} Senhor que a Providencia trouxe a este novo Mundo a S. Alteza Real e a V. Ex. confia muito na sua proffissão para se realizar aquella graça em beneficio de hũ vassallo que deve merecer a attenção de S. A. Real e de V. Ex. tirando-me da triste vida de pertendente e fazer desaparecer a miseria que a tantos annos me tem opremido e a toda a minha infeliz familia.

Deus guarde a V. Ex.

Rio de Janeiro, 20 de Julho de 1808.

De V. Ex. o mais omilde Cudito.

Joaquim Silverio dos Reis Montenegro.»

A este requerimento vem annexos varios outros documentos.

Attestados do Conde de Rezende, D. Luiz de Vasconcellos e Souza e Visconde de Barbacena tendentes todos a provar que fora Joaquim Silverio o primeiro a denunciar a Conjuração, um de D. Luiz da Cunha e Menezes, relembrando serviços do traidor, uma certidão de theor da sentença da Alçada que julgou os Réos da Inconfidencia na parte referente ao mencionado individuo, e uma original e curiosa relação que transcrevemos:

«Premios que tiverão os que trabalharão na Conjuração de Minas Geraes.

Os tres Ministros d'Alssada que vierão de Lisboa assentenciar os RR.

Habitos, tenças, e hum Posto de asseço.

José Pedro Machado Coelho Torres que foi a Minas a devassar.

Chancellor desta Relação e Carta de Conselho.

O seo Escrivão que o acompanhou a Minas Geraes Marcelino Pereira Cleto.

Habito de Christo e Dezembargador da Bahia.

Os Ministros de Minas que tirarão a Devassa Pedro José de Araujo e José Caetano Manite.

Habitos de Christo e Dezembargadores do Porto.

O ajudante de ordens Francisco Antonio Rebello que levou as Devassas a Corte.

Pattente de Coronel e cincoenta moedas de tença e a Secretaria de Minas.

Todos os officiaes que subirão desta cidade com as tropas a cohibir a Conjuração.

Habitos e hum posto de asseço.

Hum Paizano que prendeo o Padre José da Silva (*)

(*) José da Silva Oliveira Rollim.

Habito, Patente de Major e hum officio de Thezoureiro da Intendencia.

O Escrivão de Junta Cárlos José da Silva para copiar as Devassas.

Habito de Christo com 1 tença de 400 mil réis pagos pelo Real Erario com sobrevivencia a todos os seus filhos.

E o infeliz Coronel Joaquim Silverio dos Reis que salvou o Estado com risco de sua vida, perda de sua casa, e 3 annos de prisão e 15 de pertendente, se acha reduzido a Miseria, vivendo sempre em abundancia como he notorio; porque aquella grassa que Sua Alteza Real lhe fez pelo seu Real Decreto de perdão dos 400 mil crusados e da entrega da sua casa e bens; esta grassa athé hoje se não realizou por sufisticas lembranças em odio de sua fiel denuncia;

Este o premio que tem tido Joaquim Silverio de sua constante fidelidade.»

Esse requerimento de Joaquim Silverio teve despacho favoravel em 4 de Agosto de 1808, sendo-lhe concedida uma pensão annual de 400 mil reis que deveria ser paga pela Junta da Fazenda da Capitania do Maranhão onde elle commandaria um Regimento de Milicias.

Em 1817 pediu o traidor ainda que sua pensão revertesse por sua morte para sua viuva — sendo deferido o requerimento, concedendo se-lhe sobrevivencia de 200\$000 á mulher.

Tinha Joaquim Silverio um filho do mesmo nome que assentou praça em Lisboa no anno de 1804, como Cadete — Em 1808 foi elle aggregado ao Regimento de Infanteria do Maranhão como Alferes. Passou ao Rio em 1820, ahi se conservando.

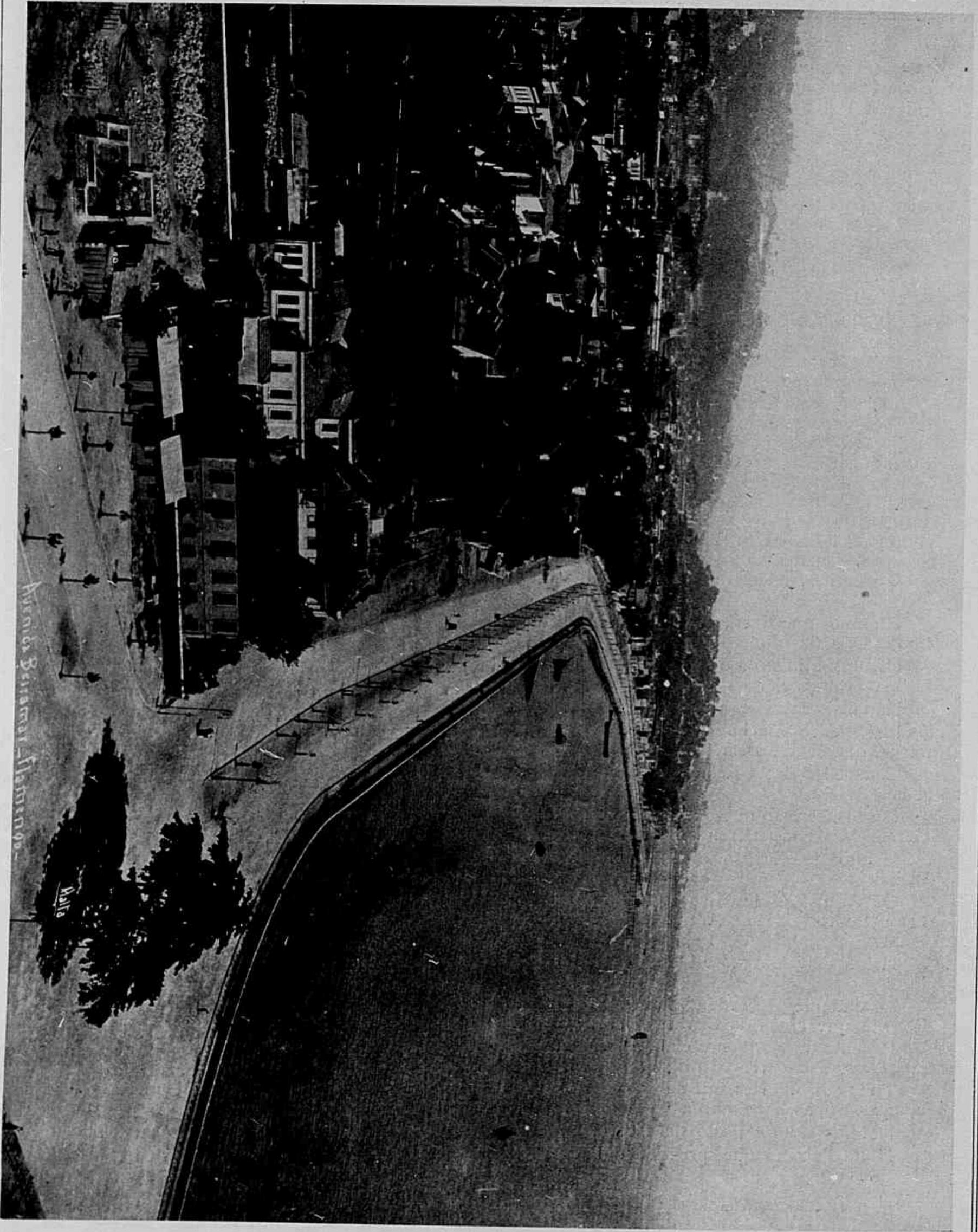
Ha entre os papeis citados um requerimento desse militar já então capitão de Caçadores pedindo ser condecorado em 1823 com a Ordem do Cruzeiro, por serviços prestados á Independencia do Brasil.

Foi indeferido.

Em 1830 encontramos-l'õ Coronel Commandante do Batalhão 18º de Caçadores, Fidalgo Cavalheiro da Casa Imperial e condecorado com a Ordem de Christo.

Quanto ao pae é de crer tenha fallecido até 1820, não tendo tido occasião de assistir ao desenrolar dos acontecimentos que produziram o resultado que tanto elle concorrera para demorar com a sua miseravel denuncia.

MARIO BEHRING.



AVENIDA BEIRAMAR - FLAMENGO

Avenida Beiramar - Flamengo

Salto

O silencio é de ouro...

Conferencia proferida em Petropolis no *Club dos Diarios* em 22 3-906.

ESTA conferencia não tem um assumpto muito preciso. Não será a demonstração de uma these. Não terá mesmo uma concatenação rigorosa. Irá numa conversa um pouco descosida, — descosida e até, ás vezes, um tanto contradictoria — borboleteando de umas para outras considerações. Talvez de toda ella só o que se salve seja o titulo.

E, no entretanto, foi exactamente o titulo que deu logar a que com ella espirituosamente gracejassem, antes mesmo de proferida.

Quando eu quiz pôr alguma ordem no seu plano, fui a graves compendios de rhetorica, a livros de homens amaveis e experimentados que dão conselhos aos principiantes. Em todos achei duas indicações de methodo, uma de ordem, si assim se pôde dizer, physica e outra de ordem moral.

A de ordem physica é que sempre se deve começar uma lição, discurso ou conferencia em voz baixa, que depois se irá elevando gradualmente, para assim, ao principio, forçar a attenção do auditorio. Nada me é mais facil do que seguir este conselho, porque a memoria do famoso tenor Tamagno, de que se diz que a voz, quando cantava em pequenas salas fechadas, chegava a rachar as vidraças, não tem nada a receiar da minha concurrencia.

A consideração de ordem moral é que convém, ao principio, dizer phrases de modestia e mostrar receio pelo exito da tarefa que se emprehende. Ora, em parte, este segundo conselho me é difficil de tomar. Não que eu hesite em dizer phrases modestas: dizendo phrases verdadeiras, não terei duvida nenhuma em lembrar o meu pequeno merito. Mas manifestar aqui qualquer temor pelo exito desta conferencia é superior ao que posso fazer: seria mentir á minha consciencia. Nunca houve, de facto, conferencia alguma de que se podesse garantir com tamanha certeza o seu indiscutivel successo. Por que? Porque de duas uma: ou eu consigo, hypothese bem difficil e bem improvavel, agradar ao meu selecto auditorio, pelo tempo que estiver aqui — e nesse caso terei o melhor dos successos; ou, ao contrario, como é tanto de temer, revelar-me-ei o mais insipido e intoleravel dos conferentes. Nesta ultima hypothese, mais do que nunca, todos os que agora me

ouvem, sairão murmurando que o silencio — pelo menos o dos oradores sem erudição nem graça — é realmente de ouro! Será ainda o successo, não meu, mas do titulo da conferencia...

Esse titulo, si se dêr credito á maledicencia universal, é inacceitavel por toda a mais bella metade da especie humana. De facto, a crêr no que asseveram religiões e litteraturas populares, entre as cousas que nenhuma mulher sabe fazer está o guardar silencio e deixar de revelar segredos.

Uma quadra popular exprime bem essa ideia:

Mulher não guarda segredos.
Quem segredos lhe contar
faz o mesmo que si os fosse
pelas ruas a gritar.

E' uma quadra insolente. Ha ainda outra, que, annunciando uma intenção reparadôra nos dois primeiros versos, ainda conclue de modo peor:

Mulher não guarda segredo!!
Eu sei de uma que guardou:
quando acabava de ouvi-lo,
veio um raio que a matou.

Vê-se bem que o auctor desta quadra estava convencido de que, si o raio não tivesse acudido tão promptamente, tambem a depositaria daquelle segredo tê-lo-ia passado adiante... Foi, portanto, uma excepção das que confirmam as regras.

Dir-se-á que a opinião individual de um ou dois fazedores de versos não vale nada. Mas o que vale é que estas quadras tenham sido aprendidas pelo povo e andem por ali de bocca em bocca. E' a importancia da poesia popular. Prova que ella exprime sentimentos realmente collectivos, que o povo aceita como naturaes.

E sobre o horror que as mulheres têm ao silencio não ha duvida alguma nas litteraturas populares. Nem nas litteraturas, nem nas religiões. Não ha livro sagrado que se esqueça de accusar a tagarellice feminina, que se esqueça de recommendar discrição á metade mais deliciosamente indiscreta da especie humana. Mesmo, — pois que nós estamos perto da Semana Santa — ninguem estará esquecido de que Christo, logo que resuscitou, usou do meio mais simples para divulgar esse facto: appareceu a Maria de Magdalena, Maria, mãe de Thiago e Salomé. Tres — logo tres! Foi positivamente como si Jesus tivesse publicado a noticia em um jornal de grande circulação...

Mahomet, que veio tanto tempo depois de Christo e que, tendo-se casado com onze mulheres, devia conhecê-las, lastima-se em um dos capitulos do Korão, que uma o trahiou, divulgando um dos seus segredos. (1)

E assim de todos os lados ouvem-se queixas contra a indiscrição feminina.

A religião dos incas pensou em explorar intelligentemente essa fraqueza. Lá era de rigor que os homens se confessassem a homens e as mulheres a mulheres. O resultado era maravilhoso. As passo que os segredos dos homens eram guardados, não havia segredo feminino que se não divulgasse—e era exactamente o que desejavam os maridos ciumentos. Igual providencia tomou tambem por algum tempo uma seita christan da Syria.

Mas foi preciso acabar com isso.

Mais tarde, Rabelais conta (2) que as freiras de Fontevault tentaram reaver esse privilegio. Certo dia em que o papa João XXII passava pelo convento dellas, essas freiras lhe pediram o direito de confissão. Allegaram que, embora dadas ao serviço divino, commettiam pequenos pecados que tinham muito acanhamento de revelar a confessores homens, embora estes fossem respeitaveis e discretos. O papa ficou de lhes dar a resposta no dia immediato. Quando, porem, ia sahir, disse que tomassem muita cautela com uma caixinha que estava sobre a mesa do seu quarto. Si alguém a abrisse, corria o perigo de ficar excommungado. No dia immediato, tornando lá, foi vêr a caixa e achou-a vazia. O que nella tinha deixado era um passaro. Excitadas pela curiosidade as freiras, arriscando-se embora á condemnação eterna, tinham aberto a caixa e a ave voára. O papa, que só fizera aquillo para as experimentar, mostrou-lhes, diante desse facto, como não podia lhes dar o direito de confissão. E foi por isso—talvez infelizmente—que não se concedeu ás mulheres aquelle poder. Talvez infelizmente, digo eu, porque muito incrêdo que por ali anda não duvidaria talvez approximar-se do confissionario quando por traz delle em vez de haver algum padre tabaquento e feio, houvesse uma linda *padrinha* delicada, guiado por cuja mão fosse agradabilissimo ir para o céu. Haveria até em alguns casos quem inventasse peccados ineditos só para ter o prazer de se confessar...

E' bom notar que, apezar da grande prevenção theologica contra a tagarellice e indiscrição femininas, a igreja conhece alguns casos de santas que souberam guardar-se caladas por semanas, por mezes, por annos inteiros—o que deve provar que tambem as mulheres podem, ás vezes, estar caladas...

Certo, eu não vou aqui passar em revista o *Flos Sanctorum*, para procurar as santas cuja celebridade vem de terem sido pouco falladeiras. Basta lembrar o caso de S. Emiliania de Florença, que passava todos os annos quarenta dias de rigoroso silencio, o de S. Catharina de Siena que fez essa proeza por tres annos e o de S. Anastasia, que, disfarçada em frade e na companhia do marido, vivendo na mesma cella que elle—porque os outros frades não sabiam do que se tratava—passou longos annos sem dizer palavra.

Objectarão os que vivem a fallar mal das mulheres, que foi exacta e unicamente porque essas mulheres fallavam pouco que foram canonisadas—o que prova como a discrição é para ellas uma virtude difficil de ser praticada. Não precisaram talvez fazer mais do que isso para irem direitinhas para o céu. E ainda assim é licito perguntar: si S. Emiliania estava calada 40 dias cada anno, quanto fallaria nos restantes 325? Quem sabe si não era para descançar a lingua? Quanto a Santa Anastasia, nem vale a pena tratar della... Uma pobre mulher que durante annos inteiros consegue passar a olhos argutos e maliciosos de frades como homem—calculem como devia ser feia.

Esses exemplos não provam, portanto, nada.

Corneille, o grande poeta francez, que traduziu em versos admiraveis a Imitação de Christo e que, por isso mesmo, é insuspeito, dizia que sem um verdadeiro milagre era impossivel achar uma mulher que soubesse estar calada por muito tempo:

Quand une femme a le don de se taire,
elle a des qualités au dessus du vulgaire.
C'est un effort du ciel qu'on a peine à trouver.
Sans un petit miracle il ne peut l'achever.

O que tambem Grécourt dizia a seu modo:

Être discrète et femme tout ensemble,
ce sont deux points que jamais on n'assemble.

Alem disso ha uma prova maior da tagarellice feminina no facto de que varias legislações precisaram prevêr especialmente certas penas para as mulheres que fallam muito e que estão constantemente de máo humor.

Si só para as mulheres a sabedoria dos antigos juristas julgou util crear castigos á parte, foi porque de certo reconheceu que só ellas os mereciam.

Dessas punições as mais celebres consistiam na cadeira de mergulhar e na máscara. (1)

A primeira era uma cadeira na qual se atava a paciente, perfectamente vestida, e que

(1) Korão — LXVI, 3.

(2) *Pantagruel*.

(1) Andrews — Les chatiments de jadis—p. 302 a 305

se mergulhava em qualquer rio, poço ou mesmo no mar, um certo numero de vezes. Algumas eram fixas em uma longa trave, com a qual se fazia uma especie de gangorra. Sentada e amarrada a falladeira, punha-se a ponta da trave sobre o rio e, pelo numero de vezes marcado, fazia-se que ella cahisse dentro d'agua. Como era natural, toda a população vinha accumular-se nas margens para assistir ao espectáculo e havia uma troça, uma galhofa enorme quando a infeliz surgia meio suffocada de dentro d'agua. Suffocada e encharcada.

Este castigo foi usado durante seculos. Todos que assistiram á sua applicação dizem que era muito efficaç. Ha mesmo um pormenor interessante: em muitos pontos da Inglaterra, dos Estados-Unidos e do Canadá ainda não está abolido por lei. Está pelos costumes ha muito. Ainda assim, em 1889, em Jersey City, uma mulher foi condemnada como falladeira e rabujenta. Apenas o castigo foi commutado de mergulho em prisão.

A mascara — como o seu nome está dizendo — era um aparelho para ser posto na cara. Geralmente tinha o aspecto de uma gaiola de ferro, onde havia, á altura da bocca, para o lado de dentro, uma chapa de ferro que impedia de levantar a lingua e, portanto de fallar. Fechava-se com um cadeado a mascara e deixava-se a mulher amarrada em algum lugar publico, onde quem queria passava e naturalmente graçjava com a desgraçada.

Tambem da efficaçia deste castigo os juristas d'aquelle tempo diziam maravilhas.

Na China o grave philosopho Confucio, mencionando os sete unicos motivos pelos quaes o divorcio podia ser pedido pelo marido, enumerava a esterilidade, a desobediencia aos sogros, o máo comportamento, o ciúme, a lepra, a tagarellice e o roubo! A tagarellice era tão grave, que ficava entre a lepra e o roubo!

Mas as mulheres de hoje podem responder victoriosamente a todas estas allegações, religiosas, litterarias e juridicas.

Pensem por exemplo no caso de Mahomet queixando-se de que uma de suas mulheres lhe trahira um segredo. Quem o mandára confiar a ella? Fôra elle, portanto, o primeiro indiscreto.

E' mesmo interessante notar que um grande poeta arabe, anterior a Mahomet, no poema de *Schanfara* fazia sobresahir, como caracteristico do homem realmente forte, a discrição para com as mulheres: «Eu não sou, diziam os seus versos, como esses covardes e estupidos esposos, que sempre perto das mulheres não têm segredos para ellas e nada sabem tentar

sem ouvir-lhes os conselhos...» (1) O propheta incidiu nessas violentas censuras.

Pensem em Salomão. Foi elle que escreveu no *Ecclesiastes*: «E achei que é mais amargosa do que a morte a mulher, a qual é laço de caçadores e o seu coração rêde e as suas mãos são cadeias. Aquelle que agrada a Deus fugirá della...» (VII, 27)

Mas olhem que para chegar a estas conclusões o grande rei de Israel precisou de muito tempo! E' na propria Biblia que, a respeito d'elle se diz textualmente o seguinte: «Mas o rei Salomão amou apaixonadamente a muitas mulheres estrangeiras, tambem á filha de Pharaó, e a mulheres moabitas e ammonitas, iduméas e sidonias e hetheas... E elle teve setecentas mulheres que eram como rainhas...» (III Reis XI, 1 e 3).

Parecia aquelle personagem dos *Sinos de Corneville*, que cantava:

Italianas,
Circassianas,
Peruvianas,
de tudo amei;
lindas burguezas,
mil camponezas
e até marquezas
eu conquistei.

O facto é que elle custou a perceber que as mulheres eram «amargosas»! Isso mesmo prova a evidente falta de sinceridade dessas declamações aggressivas contra os defeitos femininos.

Do ponto de vista juridico, ainda a demonstração é melhor.

Em primeiro lugar, si as leis só previram a tagarellice feminina, foi, de certo, porque eram feitas por homens. Esqueciam a propria e só puniam a alheia, talvez mais inoffensiva.

Depois, mesmo admittindo que taes castigos tenham sido justos, o simples facto de terem cahido em desuso, pode talvez provar que um progresso se fez e as mulheres de nosso tempo dispensam meios coercitivos tão barbaros.

Hoje, como digno de ser citado entre os processos para fazer calar uma mulher, o melhor é talvez o daquelle namorado, que esperando uma desforra, dizia:

Falla de mim, si tu queres...
Falla mais si é teu desejo...
Para calar tua bocca,
hei de tapa la com um beijo...

Mas a defeza feminina pode ser mais completa.

(1) LETOURNEAU — *L'évolution littéraire* — pag. 260.

A verdade é que os homens não são menos palreiros que as mulheres. Nunca aliás o fallar pouco foi criterio de superioridade para nenhum povo. Castellar tinha uma phrase deliciosa para mencionar a tagarellice dos seus compatriotas. Dizia elle que «em hespanhol, ninguem sabe se calar.» (1)

A religião catholica teve na Russia uma seita, que se condemnava ao silencio perpetuo, como penitencia. Fizeram os seus adeptos actos de um heroismo a que se pode chamar estúpido. Deixaram-se torturar e matar, sem dizer uma só palavra. (2)

Não consta, entretanto, que tal seita tenha dado mais gloria á igreja catholica do que S. João Chrysostomo—o «bocca de ouro», ou do que S. Francisco de Assis, que, á falta de interlocutores humanos, recorria aos passaros e aos peixes, dirigindo-lhes a palavra.

Não é preciso lembrar aqui o estudo erudito e profundo de Gabriel Tarde sobre a influencia da «conversa» na formação da opinião publica.

A humanidade ainda hoje lembra com orgulho a civilização dos gregos. E precisamente os gregos sempre se mostraram falladôres. Ninguem como elles para apreciar as boas palestras, os discursos formosos e eloquentes.

Sem duvida, ha nobres genios, profundos pensadôres, que precisam do silencio. Schopenhauer escreveu que da vida desses pensadôres solitarios se pode dizer que ella cresce não em superficie, mas em profundidade. Podem se isolar, porque delles o centro de gravidade cae dentro do proprio espirito. Podem dispensar companhia. (3)

E' aos genios dessa envergadura que se dirige o admiravel poeta Santos Chocano, quando lembra que os pardaes precisam se juntar em bandos, enquanto as aguias vôm livres e sós pelo azul do espaço:

Cual puñado de arenas, en su anhelo
se unen las ambiciones despechadas,
y se espareen al golpe de las olas...
Para cruzar por el azul del cielo,
los gorriones se juntan en parvadas,
en tanto que las águilas van solas!...

E' tambem elle que aconselha aos que tem revelações de talento a fazer, que saibam guardar silencio até o momento opportuno:

Tu sabes que tu afán es prematuro;
tu sabes que no es tiempo todavía
de que derrame el suspirado día
luz de justicia sobre el antro obscuro.

(1) HENRY ROUJON — *Souvenirs d'art et de littérature.*

(2) J. VINSON — *Les religions actuelles* — p. 571.

(3) SCHOPENAUER — *Aphorismes sur la sagesse dans la vie* — pag. 43.

Si el porvenir es sordo á tu conjuro,
si es inutil tu ardor en la porfia,
calla y contempla con mirada fria
las penumbras inquietas del futuro.

Canta al sol, cuando el sol bese la cumbre;
pero hoy, sumido en ti, sella tu boca:
¡y que rueda a tus pies la muchedumbre!

¡ Más vale ser, guardando el pensamiento,
mudo y firme á la vez, como la roca,
que hablador y voluble como el viento!...

Esse é tambem o conselho de Tasso, na Jerusalem libertada:

...Ascolta e taci,
poi movi a tempo le parole audaci.

Mas mesmo nesses casos o silencio e a solidão apparecem como provações preparatorias—e, por isso mesmo, transitorias:

Non é campo dell'uom la solitudine
chi nom pugnò, non vinse.

(RAPISARDI).

Haraucourt fallou no prazer sobrehumano de não ser comprehendido:

Le surhumain plaisir de n'être pas compris.

Mas só podem ter esse prazer os que apellam para o futuro: é como si se calassem durante a vida para terem depois a compensação de conversar durante seculos e seculos com as gerações vindouras.

Nós, porém; nós, povinho miúdo, que não nos julgamos possuidores de revelações assombrosas e não sentimos a envergadura das aguias, de que falla Santos Chocano, podemos nos dispensar da tortura do silencio. A nós vae melhor o chilreio dos pequenos passarinhos, que cruzam os espaços em bandos garrulos, semeando nelles a alegria...

Só uma tagarellice é insupportavel: a dos tôlos, a dos fátuos, a dos que não tem nada para dizer. Por isso Maupassant confessava francamente que preferia os tolos que se calam aos tolos que falam:

Car je ne comprends pas, ô cuistres, qu'on préfère
la bêtise qui parle à celle qui se tait.

E outro poeta, Victor-Émile Michelet, pedia aos que nada tem para dizer, aos que não alimentam sonhos nem aspirações, que ao menos guardassem a belleza do silencio:

Si tu n'es qu'un passant de hasard, si ta faim
ne veut que le pain de la terre et que ses joies,
garde au moins la beauté du silence: tais-toi!

E' sempre bom, entretanto, ouvir com um grande scepticismo os conselhos dos poetas, mórmente quando fazem certas apologias.

Não ha, por exemplo, nada mais frequente do que vê-los manifestarem em bellos versos, o desejo de irem para a solidão, de não fallarem mais a pessoa alguma. Fagundes Varella cantava a belleza dos ermos:

Salve, erguidas cordilheiras,
brenhas, rochas altaneiras,
d'onde as alvas cachoeiras
se arrojam, troando os ares!
Folhas que rangem, cahindo,
feras que passam, rugindo,
genios que dormem, sorrindo
no fresco chão dos palmares!

Salve, esplendida espessura,
mares de sombra e verdura
d'onde a brisa etherea e pura
faz brotar a inspiração,
quando á luz dos vagalumes,
da mariposa aos cardumes
se casam molles queixumes
dòs filhos da solidão.

Abre-me os braços, ó fada,
fada do ermo profundo,
onde o bulicio do mundo,
não ousa sequer bater!

Outro poeta, Francisco de Castro, que deixou grande nome como medico, mas poderia tambem ter assignalado ainda mais a sua passagem como homem de letras, dizia:

Abre-me o seio, solidão amiga,
dos meus segredos precioso cofre,
ninho bemdito de quem perde o berço
asylo santo de quem muito soffre!

João Ribeiro escrevia tambem — escrevia para prometter que não escreveria mais:

E nunca mais hei de escrever, porquanto
perdem á luz os nossos dissabores
o proprio aroma, tal si fossem flores.

E o que dizem poetas brasileiros dizem os de todo o mundo. Um poeta colombiano, José David Guarín, fazendo tambem a apologia das solidões, escrevia:

“Salve, tranquila soledad augusta!
dulce consuelo del que sufre y calla,
ángel que cruzas com quietud el mundo,
amiga del misterio y de la calma.

Es el silencio el himno misterioso
que en tus altares en tu honor se canta....”

Paulin Brogneaux, cujo livro desde o titulo se chama *L'isolement*, canta em versos aliás bonitos:

Et j'ouvre un monde en moi, plein d'un doux sortilège,
si grand, si haut muré, si loin de tout bruit vain,
que jamais nul mortel de son pas sacrilège,
n'en franchira l'enceinte et l'horizon divin.

Être seul! Être seul! enfermé dans ses rêves
sur les faites des monts d'orgueil vertigineux
suivant les bleus sentiers des insondables grèves,
où roulent éperdus les globes lumineux!

Être seul! toujours seul! dans l'âme de l'espace,
le front près des soleils, au seuil des paradis,
étreignant sur son cœur le songe, quand il passe,
goûtant, entre ses bras, les bonheurs de jadis!

Être seul! et rêver dans les forêts magiques:
être seul! et rythmer les églogues des champs:
être seul! et prier dans les soirs léthargiques:
être seul! et pleurer sur nos tristes penchants.

Evidentemente é licito a poetas e pensadores cogitarem na inutilidade das palavras, reconhecerem certas vantagens do isolamento, dizerem, em summa, como Enrico Panzacchi:

Sospir di flauti, strepito di trombe,
note di rosignuol, sibili d'idre,
mentre che il tempo vuota le clepsidre
e la pallida Morte empie le tombe,

e rantoli e canzoni e baci e strida
e per le vie bestemmie e preci in duomo,
mentre che su la favola dell'uomo
la profonda Ironia par che sorrida,

questa è la Vita. A che parlare e scrivere,
sempre l'istesso calice d'assenzi
rimescolando? Savio è chi sa vivere
e morire in silenzio.

Ou como escrevia um dos velhos autores portuguezes, Antonio Ferreira:

Ditosos os que vivem bem calados,
mettidos em si mesmos; e contentes
de não serem ouvidos nem julgados!

Mas estas são affirmações de quem reconhece que o silencio tem vantagens, mas que não declara querer guarda-lo eternamente e não vem exclaimar que nada ha melhor do que a solidão!

Ha, sem duvida, momentos em que se precisa desse balsamo de socego; mas por pouco tempo: só como um descanso transitorio. Um poeta portuguez, Antonio Patricio, o autor de *Oceano*, dizia, em uma phrase muito feliz, essa aspiração para fugir de si mesmo, para não sentir o seu proprio eu:

De que me rio eu? Eu rio horas inteiras
só para me esquecer, para me não sentir.

Muito mais natural, muito mais humano é, porém, o desejo de achar companhia. Quem caminha só, pela noite, pelo escuro, canta ou assobia para que a sua própria voz pareça uma cousa estranha que o vae seguindo. Haraucourt pintou nas solidões tristes da Bretanha, um grande Christo crucificado, posto, como é lá costume, em pleno campo, junto a uma lagôa e como que para se duplicar pela imagem, reflectindo-se nas aguas:

Comme pour être deux se regarde dans l'eau...

O desejo de «ser dois», de estar junto a alguém, é mais geral. O da solidão, de tempos a tempos, pode vir tambem. Mas o exaggero, a mentira é a declaração dos poetas que nos juram aspirar a esse estado de alma para a vida inteira.

Ha talvez aqui quem conheça certo desenho de um moderno caricaturista francez, em que uma mulher, com uma colher e um vidro de remedio na mão procura accordar um sujeito que dorme pesadamente. A caricatura se intitula: «A enfermeira pontual». Desesperada, a mulher se lastima: «Este typo ferrou num somno tão profundo que não consigo accorda-lo para dar-lhe o narcotico!»

Essa enfermeira que queria accordar um doente para lhe dar um remedio para o fazer dormir, lembra-me estes poetas que enchem paginas e paginas, que elles compuzeram, que elles fizeram editar, que elles publicaram, só para dizerem que a solidão é excellente e que estar calado é a melhor das cousas! Si eram sinceros, começassem por ali! Para que esquecerem tanto?

Mentira! Pura mentira!

A indiscrição dos poetas é aliás lendaria. Todos sabem com que desplante elles publicam geralmente os seus amores. Salomão foi o mais longe possivel nesse terreno, descrevendo-nos com uma minucia difficil de ser excedida todas as perfeições da Sulamita do Cantico dos Canticos. Si tivesse feito igual trabalho para as restantes 699 esposas, teria deixado uma bibliotheca!

Guerra Junqueiro, criticando os poetas lyricos, diz que ás vezes em um só livro de duzentas paginas, elles cantam trezentas namoradas — o que dá namorada e meia por pagina. Stechetti tem um soneto, intitulado: «Aos collegas», em que lhes pede que não estraguem a profissão, fazendo com que não haja mais quem queira namorar um poeta:

O' falladores bardos tagavellas,
que andaes a publicar vossos amores
e assim comprometteis todas aquellas,
que nos cáem nos braços seductores,

— os amores melhores são secretos!
Imitae o systema preferido
pelos padres — que são sempre discretos
e fazem tudo sem fazer ruído...

E' necessario que vocês não gritem
o nome das senhoras a quem beijam:
o amor a certa discrição obriga...

Não pensem que as mulheres inda hesitem
em dar-nos trela... Só o que desejam
é ter certeza que ninguem o diga!

E' claro que eu não subscrevo todas as impertinencias deste soneto... O grande poeta italiano, que tantas vezes tem provado as agruras do cárcere, por causa dos seus versos, não é homem aliás que precise de endossante para as suas opiniões... Citei-o unicamente, porque, sendo um poeta de fama universal, o seu depoimento contra a indiscrição amorosa dos poetas, é um depoimento valioso e insuspeito...

Os que mais desejam conter-se raramente o conseguem. A discrição os cança. Bilac confessava isto no ultimo terceto de um soneto:

E fatigado de calar teu nome
quasi o revelo no final de um verso.

Bilac tem ali a opinião do auctor do *Orlando Innamorato*, confessando que cança mais calar do que falar:

... piú fatica é tacer che parlare:
quantunque alle ignorantì genti stolte
strana proposta questa forse pare.

Mais uma vez o appello á poesia popular é aqui legitimo, para provar como os homens — ao menos em materia de amor — são palradores. Diz uma quadra portugueza:

O amor é paixão de alma,
que rouba a joia mais rica,
emquanto pretende — cala,
depois de lograr — publica.

E outra, ainda mais desabusada, expõe a cousa claramente:

Você diz que não diz nada,
amanhan vae se gabar:
só quem não tem que dizer
é que sabe se calar!

Vê-se bem que o auctor desta quadra é uma auctora e que ella faz parte das que, segundo Stechetti, «só o que desejam — é ter certeza que ninguem o diga.»

Incontestavelmente haveria um exaggero em crêr tambem que nenhum homem seria capaz de se conter calado. O que eu penso é que, em materia de discrição e indiscrição homens e mulheres se equivalem. E a discrição é realmente uma virtude rara.

Em amor o prurido de contar uma victoria nem sempre é um vicio feio. A's vezes não passa em ultima analyse, de uma homenagem: o que esses indiscretos querem não é tanto publicar a sua ventura, como dizer a maravilha de uma belleza, de uma graça, de um encanto sem par, que lhes foi dado vêr, sentir, apreciar. Si se soubesse que um viajante tinha conseguido chegar ao Polo Norte e recolhido lá todas as indicações que a sciencia espera desse facto, mas que elle se recusava a dizelas, uma grande indignação se levantaria em todo o mundo, contra o egoísmo desse descobridor. Dir-se-á que as descobertas que se podem fazer em amor não têm a importancia das do Polo Norte.

Mas só se pensa assim a frio, quando o caso não é comnosco. Quando é, tudo nos parece sublime! Quem seria o apaixonado, verdadeiramente apaixonado, que hesitasse entre a conquista da mulher amada e a do polo — de todos os polos possiveis!? Depois, o tempo o corrigirá. Mas, no momento, a cousa lhe parece estupenda, grandiosa, inexcidível. Vejam com que ardor os jovens poetas nos cantam todas as perfeições das que elles amam. A's vezes emprehendem narrar-nos isso tudo, por assim dizer, a varejo — e fazem um soneto aos olhos, outro á bocca, outro ás mãos, outro aos pés... Repetem metaphoras que já eram veneraveis nos hymnos da India e tem mais de 4.000 annos — mas repetem julgando que dizem cousas ineditas.

Não ha, ás vezes, nisso nenhuma fanfaronada, nenhuma jactancia. Não vemos por ahi tanta poesia anonyma cantando anonymos amôres? Quem assim se esconde modestamente, não se mostra vaidoso. O que ha é, em certos momentos de grandes venturas, a necessidade por assim dizer *explosiva* de cantar, de publicar uma felicidade superior a tudo.

Si fosse posivel achar um meio facil de conhecer exteriormente os discretos e os indiscretos, não seria máo. O que se conhece é, até certo ponto valioso, mas insufficiente. A graphologia assegura que as pessoas que em geral fecham meticulosamente a curva dos *a*, dos *o*, dos *b*, dos *d*, dos *q* são quasi sempre discretas. Discrição maior, discrição calculista, systematica é a dos que terminam todos os paragrafos por um ponto e um traço — uma pequena barra horizontal, que é como que uma tranca posta ao fim de cada periodo.

Este signal é realmente verdadeiro. Não conheço escripta de ninguem onde elle exista e que seja de indiscreto — o que não quer dizer, e isto é o mal, que a sua ausencia seja signal de indiscrição.

Dois homens politicos deixaram receitas contra as indiscrições. Um foi um grande vulto da Historia da Inglaterra: Cromwell.

Outro foi a alma damnada de todos os escandalos do Panamá, um traficante, que ha dois ou tres mezes se suicidou em Paris: Arton.

Cromwell, quando tinha de responder a qualquer carta, mandava sempre que o secretario preparasse tres respostas, uma affirmando, outra negando, outra dando uma solução diversa das duas. Recebendo as tres, era elle, na ausencia do secretario quem fechava e mandava a que lhe convinha, queimando immediatamente as demais. Desse modo, o proprio secretario não podia nunca saber qual tinha sido a resposta enviada.

Arton usava de outro systema. Quando o processo de Panamá interessava toda a França, appareceram muitas cartas das pessoas envolvidas nesse negocio. Só não appareceu nenhuma de Arton, que precisamente era quem mais as tinha escripto. Interrogado sobre este facto, elle o explicou dizendo que, sempre que escrevia alguma cousa de compromettedor a seu respeito, tinha o cuidado de escrever tambem a respeito do seu correspondente alguma cousa que o compromettesse. Assim, era o correspondente o primeiro a ter interesse em esconder ou destruir a carta!

Mas a vida seria uma tortura, si nós precisassemos estar sempre pelo temor de uma possivel traição, em perpetua desconfiança!

Melhor do que esses processos é o pedido ingenuo das namoradas que em todas as cartas fazem um *post-scriptum* (não ha aliás carta de mulher sem *post-scriptum*) para recommendarem áquelle a quem as escrevem, que assim que lerem, rasguem. A regra é, entretanto, que todos as conservem — ao menos emquanto dura o amor...

De resto passa ás vezes por indiscreto quem nunca commetteu indiscrição alguma, ao menos consciente. A indiscrição veio do gesto, da alegria que poreja, que radia atravez da face e do olhar dos que se amam, quando em presença um do outro.

Diz uma quadra anonyma do cancionero portuguez, recommendando cautelas:

Namorados, fallae baixo
que as paredes tem ouvidos.
Os segredos encobertos
inda são os mais sabidos.

Outra insiste explicando o mecanismo das indiscrições:

Oh! meu amor não descubras
o teu segredo a ninguém:
si o dizes á tua amiga,
a amiga outra amiga tem.

Mas ha casos que escapam a todas essas hypotheses. O que ninguém contou, o que os dois interessados pensam estar bem occulto, já anda na bocca do mundo. Sahiu delles involuntariamente... Era esta de certo a opinião de Metastasio quando escrevia:

...chi puó mai
si ben dissimular gli affetti sui,
che gli asconda per sempre agli occhi altrui?

Ninguém o ouviu dizer: todos adivinharam... Como? Como se adivinha uma flor onde o perfume dessa flor se espalha. E' a comparação desta quadra:

O cheiro da madresilva
na madresilva não cabe...
Tu não disseste, eu não disse
e toda a gente já sabe...

Mas que haja geralmente o desejo forte de passar adiante um segredo é incontestavel. Talvez antes ou pelo menos independentemente do catholicismo já, como nós o vimos, a velha religião dos incas tinha adoptado a confissão.

E, si á confissão se podem censurar tantos inconvenientes, é forçoso convir que ella corresponde a uma necessidade psychologica, principalmente dos espiritos fracos: a necessidade de fazer confidencias, O essencial para quem se confessa não é tanto o receber a absolvição: é o ajoelhar-se junto a um confissionario e dizer ali os mais íntimos segredos. Um poeta Coubelier de Beynac, pedindo uma confidencia, dizia bem que um pezar confessado é um pezar meio apagado:

Je ferai, si tu veux, ma voix plus douce encore:
ma part de ta douleur, je la veux, je l'implore;
un chagrin qu'on avoue est à demi calmé.

Affirmação analogá á do grande tragico italiano Alfieri, asseverando que as amarguras escondidas vão augmentando:

...il sai che chiusa
amarezza piú ingrossa.

Affirmação tambem analogá á de Benserade, que dizia que Job não era tão miseravel como muitos outros, porque se desafogou em queixas:

Il s'en plaignit, il en parla.
J'en connais de plus misérables!

Si o sacerdote absolvesse sem ter que ouvir nada, só pela compunção intima dos penitentes, apezar de tudo então parecer que seria mais facil, não se procuraria com tanto prazer como o fazem algumas almas religiosas, esse sacramento que lhes é indispensavel á tranquillidade do espirito! Nem todos tem a envergadura do principe de Orange a quem um amigo pedia com muita insistencia que lhe confiasse um segredo. O Principe chamou o amigo á parte e indagou: «Você se sente bastante discreto para guardar um segredo? E' capaz de m'o afirmar sob sua palavra de honra?» O outro garantiu que o saberia fazer. O Principe bateu-lhe no hombro e replicou-lhe, sorrindo: «E' exactamente o meu caso! Tambem eu sei perfeitamente bem conservar um segredo.» E não lhe disse nada.

Todos conhecem a historia do rei Midas, a quem Apollo tinha feito crescer orelhas de burro. Só o seu barbeiro conhecia esse facto. Tinha todo interesse em guardar o segredo, porque estava certo de que o rei o faria matar si elle o divulgasse. Para não correr esse perigo, mas ao mesmo tempo não deixar de passar adiante o segredo, o barbeiro tomou a deliberação de cavar um buraco no chão e contar á terra o que elle sabia. Tempos depois nasceu ali um cannavial e, quando o vento o sacudia, as cannas gritavam: «O rei Midas tem orelhas de burro.» Midas suicidou-se.

Nessa fabula se pinta bem o desejo para tanta gente irresistivel de ser indiscreto — desejo que animava a tal ponto esse barbeiro que elle não podendo descobrir um confidente seguro, lembrou-se de contar o que sabia á terra.

O facto não nos deve dar muita confiança nos barbeiros e... talvez nos medicos. Barbeiros, medicos e carrascos — junção que a uns parecerá extranha e a outros rigorosamente logica — já constituiram uma só profissão. Si os barbeiros são assim tão indiscretos, serão os medicos muito discretos?

E' verdade que a isso os obriga o segredo profissional. E foi exactamente porque se achiava que as mulheres eram incapazes de guardar segredos que se levantou um dos muitos obstaculos para que ellas se podessem doutorar em medicina.

O segredo dos medicos é aliás uma sobrevivencia de velhas crenças abolidas. Hoje, ha uma tendencia muito grande para restringi-lo. Tempo houve em que se considerava a molestia um castigo dos deuses. Estar doente era, portanto, estar sendo punido pelo céu. Nada mais justo do que desejar que os outros não soubessem que havia em uma familia al-

guem enfermo. Desde, porem, que se verificaram as causas naturaes das molestias, o segredo profissionual deixou de ter tanta razão como outr'ora, em que certas molestias como a morphéa tinham nitidamente aquelle character de castigos. Em compensação, ninguem escondia um louco ou um epileptico, porque a loucura e a epilepsia, não se consideravam molestias: eram dons celestes, que tornavam a pessoa de algum modo sagrada. Só depois é que a epilepsia se viu confundida com a possessão do diabo e só muito mais tarde foi que se deu á loucura o seu verdadeiro character.

A tendencia moderna é claramente para a restricção do segredo profissionual. Um alto personagem, um ministro, um principe, um rei, um papa, quando estão doentes, dão aos seus medicos a obrigação de nos informarem, dia a dia, do seu estado de saude. Si se trata de uma molestia contagiosa, já tambem a mesma quebra de discrição é legalmente exigida: cada vez mais a lista das molestias que forçam á declaração vae sendo maior. As pessoas das classes abastadas, que para si desejam a manutenção do segredo profissionual, são as primeiras a pedirem aos medicos que estudem as amas de leite, que examinem mesmo as criadas que as servem para que, violando o referido segredo lhes digam si soffrem de quaesquer molestias contagiosas.

Vê-se, pois, que este preceito tende a desaparecer. (1) Evidentemente o que nunca desaparecerá — por ser uma questão de cavalheirismo — é a obrigação de todo medico não publicar levemente o que viér a conhecer em virtude da sua profissão. Isso, porém, vae deixando de ter o character de um verdadeiro dogma, como já teve. Os doentes são os primeiros a não esconderem mais a maioria das suas enfermidades, que não podem envergonhar a ninguem.

Mas não é tambem uma preleção sobre a deontologia medica o que fica bem aqui. Aqui eu quiz apenas lembrar que barbeiros e medicos já constituíram uma só casta e que si os primeiros eram accusados de indiscrição, ta'vez a accusação reflectisse sobre os segundos. Manda, porém, a justiça que se diga que, quando as profissões vieram a se discriminar melhor, a indiscrição ficou inteiramente a cargo dos barbeiros... Os medicos, si de algum outro officio conservaram recordações, foi talvez do tempo em que a medicina era exercida pelos carrascos. E' pelo menos a accusação feita aos cirurgiões...

Pois que, entretanto, nós acabamos de falar em medicos e cirurgiões e pois que esta

(1) DR. J. TH. DUPUY.—*Le dogme du secret médical. Essai de réfutation.*—Paris, 1903.

conferencia versa sobre o silencio, é impossivel, não citar aqui aquella ideia a que mais se liga a de silencio: a ideia de morte.

Não nos move hoje, quando associamos as duas, a mesma razão de pavor que fazia com que os povos selvagens calassem o nome dos seus mortos. O que elles queriam era que os defuntos não despertassem, que a sua alma, o seu «duplo» não os viesse perseguir. Em alguns casos, a morte de uma pessoa notavel levava quasi a uma reforma da lingua, porque os sobreviventes evitavam qualquer encontro de syllabas que lembrasse o nome do morto. Parecia-lhes que si fallassem nelle, elle lhes surgiria de novo diante dos olhos.

E isto não são aliás velhas crenças desaparecidas ha muitos seculos. Ainda ha na Africa povos que fazem isso e foi a descoberta relativamente recente das minas do Klondike em Alaska, que poz termo ás praticas dos Tchuktchi, que matavam as pessoas velhas, davam a comer-lhes o cadaver a cachorros para isso adextrados e depois, para que nada se perdesse desses parentes estimados, devoravam os cachorros que os haviam devorado. Tudo isso era feito em profundo silencio.

Depois, por muito tempo, evitava-se fallar no defunto ou mesmo recorda-lo de qualquer modo.

Ahi, a cerimonia nos parece tão repugnante e tão grotesca que o silencio perde toda a sua magestade.

Magestade terrivel é a que elle tem na ultima phrase de Hamlet, quando o principe semi-louco, entrando na morte, diz apenas terrivelmente: «O resto é silencio...»

São os dois grandes silencios eloquentes do mundo: o do céu estrellado, ás noites, quando por toda a terra se calaram todos os rumores e o silencio da morte.

Quem tenha, em qualquer noite, sósinho, voltado um oculo astronomico para as profundezas do espaço e ficado, por horas e horas, absorvido na contemplação do céu, terá sentido uma das mais fortes, mais solennes emoções, que é dado ao homem experimentar!

No meio do bulicio da vida, nas cidades povoadas, nos salões, ao lado de outras pessoas, nós não podemos sentir essa communhão mysteriosa, que nos liga ao resto do universo. Mas a cousa é differente, quando se tem, de repente, a consciencia nitida de se estar em presença de milhões e milhões de astros formidaveis ou luminosos e que entre nós e elles ha apenas o silencio—o silencio e mais nada! Que haja aqui pela terra gritos de dôr, esmagamentos de povos e raças, cataclysmas

(1) E. RECLUS.—*L'homme et la terre*—I, 54.

pavorosos — nada perturba esse silencio! As estrellas continuarão a deslizar serenamente, magestosamente e sobre tudo, indifferentemente!

E como esse é o silencio da morte. Para quem crê, como para quem não crê num destino posterior do que chamam a alma, elle é igualmente apavorador.

Para quem crê — é a pergunta anciosa pelo destino do que morreu. Céu? Inferno? Continuará ainda a lembrar-se dos que ficaram? E os labios frios dos mortos não respondem. Olha-se o cadaver, não se lhe vê a minima vibração e só porque a sciencia veio juntar esse horror aos horrores que já tinhamos, sabemos que debaixo desse silencio está o trabalho calado, profundo, por assim dizer — *subterraneo*, de myriades de pequenos sêres microscopicos, que no momento exacto em que elle cessou de viver, começaram a sua obra abominavel de podridão e aniquilamento. E' um rosto de pae, calmo, austero, veneravel; é um rosto de mãe, de uma velhinha que tantas vezes nos affagou, que tantas vezes nos poz ao collo; é um rosto de filha, que era para nós a suprema belleza, a suprema ternura; é um rosto de filho de que nós queríamos fazer o realisador glorioso de todos os sonhos que não nos foi dado levar a termo; são outros, são outros ainda — e todos, obstinadamente, guardam o mesmo pavoroso silencio.

Sully-Prudhomme disse que na face dos cadaveres se pinta a expressão real do que o vivo foi. A mascara cahiu. A physionomia do morto diz melhor o que os gestos e a mimica do vivo encobriam:

Le cœur monte au visage. où les plis anxieux
ne se confondent plus aux lignes du sourire :
le regard ne peut plus faire mentir les yeux.
et ce qu'on n'a pas dit vient aux lèvres s'écrire.

C'est l'heure des aveux. Le cadavre ingénu
garde du souffle absent une empreinte suprême,
et l'homme, malgré lui redevenant lui-même,
devient un étranger pour ceux qui l'ont connu.

Le rire des plus gais se détend et s'attriste.
les plus graves parfois prennent des airs rians :
chacun meurt comme il est, sincère à l'improviste :
c'est la candeur des morts qui les rend effrayants.

Fantasia de poeta! Fantasia sinistra! O que torna os mortos amedrontadores é o seu inquebrantavel silencio.

Silencio diante das nossas queixas, silencio diante das nossas maguas, silencio diante das nossas lagrymas!

Esse não é o silencio de ouro: é o silencio de sangue e pranto...

Esta conferencia veio, entretanto, até aqui sem que pensassemos em definir de qualquer modo o que é o silencio. Haverá para elle alguma definição possivel? Os dictionarios dão a noção corrente: ausencia de todo ruido. Mas essa definição é relativa. Onde ha para qualquer surdo silencio perfeito pode haver para ouvintes normaes ruídos formidaveis.

Galton fez uma experiencia celebre: serviu-se de um apito, que permittia elevar os sons de um modo quasi indefinido. Ia fazendo com que fossem de mais em mais agudos, até que chegava um momento em que todas as pessoas presentes, ainda as de ouvido mais fino, declaravam não perceber nada. Nada! Era para ellas o silencio absoluto. No entanto, fazia-se entrar na sala um cachorro e elle attendia perfeitamente a esse apito, a esse som que ninguem ouvia, mostrando assim que a faculdade de audição dos cachorros é superior a do homem. Ia-se além, tornando o já inaudível e agudissimo som, mais agudo ainda — e o cão, por sua vez, dava mostras de não ouvir.

Fazia-se então entrar um gato e ao que já nem o homem, nem o cão percebiam, elle attendia. Por fim, elevando ainda a agudez da vibração do assobio, mesmo o gato mostrava que ella lhe escapava. Talvez outros animaes continuassem a ouvir no que já era silencio para o homem, para o cão e para o gato.

Mas essa experiencia tão simples mostra bem a realidade de todos os phenomenos e como, portanto, o silencio, que não é propriamente uma cousa, mas uma *ausencia*, uma *privação*, a *falta* de sensações auditivas, não pode ser rigorosamente definido.

Por isso, entre a sciencia e a poesia, a ter de escolher uma definição approximada, mais vale a de Henri Régnier:

Le silence est peut-être une voix qui s'est tue...

Dir-se-á talvez que este verso não tem uma significação muito clara. Mas, si eu o entendo, penso que elle quer dizer, que quando certas vozes se calam, certas vozes que nos são queridas, certas vozes que são as unicas que fazem vibrar o nosso coração, nós não ouvimos mais nada e o silencio é precisamente a cessação dessa voz adorada. Tudo mais desaparece. Anda-se só e surdo no meio das turbas mais densas e mais ruidosas!...

Le silence est peut-être une voix qui s'est tue...

A proposito é curioso notar que não ha em portuguez muitas poesias em que se falle,

em que se exalte o poder mágico do silencio, a sua grandeza, a sua belleza. Não quer isso dizer que sejamos muito chalradores.

Si, porém, o silencio surge tão poucas vezes nos versos dos nossos poetas é porque elle é uma rima detestavel. Em portuguez, não ha, para rimar com a palavra *silencio* sinão meia duzia de nomes proprios e alguns raros verbos seguidos de variações pronominaes: *dispense-o, condense-o, vence-o*, etc, ao passo que o *silence* francez tem mais de quatrocentas rimas.

Evidentemente isto não quer dizer que não se possa em portuguez fazer versos ao silencio. Do mesmo modo quem tiver uma namorada que se chame Agathóclia, Barbara ou tenha outro nome identico, dos que não possuem rima em portuguez, não está impedido de canta-la em boas poesias. Evitará apenas terminar os versos por esses nomes extravagantes. Foi o que sempre fez Camões, quando se apaixonou pela negra Barbara: cantou a «pretidão do amor», dedicando-lhe as estrophes celebres que ainda hoje se podem lêr com agrado.

Maurice Rollinat, procurando tambem a definição do silencio, não precisou recorrer á facilidade e abundancia das rimas da lingua franceza:

Le silence est l'âme des choses
qui veulent garder leur secret.
Il s'en va quand le jour paraît,
et revient dans les couchants roses.

Il guérit des longues névroses
de la rancune et du regret.
Le silence est l'âme des choses
qui veulent garder leur secret.

A tous les parterres de roses
il préfère un coin de forêt,
où la lune au rayon discret
frémit dans les arbres moroses:
le silence est l'âme des choses

Alfredo de Vigny, o grande poeta francez, não tentou definir impossiveis; mas entre tantas cousas bellas que deixou, deixou dois versos lapidares em que elle diz que só o silencio é grande, o mais tudo é fraqueza; gemer, chorar ou rezar é sempre covardia:

Seul le silence est grand, tout le reste est faiblesse.
Gémir, pleurer, prier est également lâche

Não era diverso o sentimento de quem, inspirando-se talvez no mesmo modo de pensar de Vigny, escreveu:

Pranto ou Palavra — em nada disso cabe
todo o amargor de um coração enfermo
profundamente vilipendiado.

Nada é tão nobre como vêr quem sabe,
trancado dentro de uma dôr sem termo,
máguas terriveis supportar calado!

E com a mesma nota de amargura dizia Guarini, um poeta italiano, que os suspiros só ficavam bem ás mulheres—e nem mesmo a todas—apenas ás mulheres fracas:

Il sospirar
è debolezza e vanità di cuore
e proprio è delle femmine dappoche.

Pode-se gracejar com a indiscrição, com a facilidade que nós temos de revelar segredos; a verdade é que ha sempre algum que nós não dizemos a ninguem — não nos dizemos nem a nós mesmos em voz alta. Marcel Prévost tem razão quando affirma que ha em muitas almas um jardim secreto: ali é que está o que dá razão de ser á nossa vida.

Não ha quem não conheça o soneto maravilhoso, embora batido e rebatido, de Felix Arvers. Das suas numerosas traducções, pode-se citar a de Lucio de Mendonça:

Tenho um segredo na alma e um segredo na vida:
é um eterno amor nascido em um momento.
E' mal que não tem cura: assim, nenhum lamento
jámais o revelou á candida homicida...

Por ella passarei, sombra despercebida,
sempre a seu lado, sempre, e em mudo isolamento.
E ha de chegar assim meu ultimo momento,
sem nenhuma ventura ousada ou recebida!

Creou-a meiga Deus e hão e carinhosa,
mas distrahida si gue e surda á voz anciosa
deste amor que murmura a seus pés, onde está.

Fiel ao seu dever que austeramente zela,
dirá talvez, ao ler meus versos cheios della:
“que mulher será esta?” — e não comprehenderá...

Já se tem dito muitas vezes que a situação cantada pelo poeta é impossivel. Não haveria mulher tão longamente amada por alguém, sempre a seguil-a, que não acabasse por comprehender o segredo desse amor: elle qualquer se trahiria na voz, no gesto, no olhar em cousa minima — e entretanto compromettedôra e eloquente.

A affirmação, nesses termos, é romantica, mas não é verdadeira. Ha almas bem fechadas ao olhar do mundo, que sabem defender com tenacidade e efficacia os seus maiores segredos. Nem sempre o que ellas tem dentro de si se pode chamar um jardim. A's vezes é a jaula de uma fera. Outras é a gaiola em que ha um passaro preso. Mas quem passa por ellas não

suspeita do que ha lá dentro—seja adoravel, seja abominavel.

Pode ser um amor como o de Arvers. Pode ser um pensamento sanguinario de odio. Pode ser uma ambição desmedida. Pode ser uma chimera, uma fantasia louca. Pode ser uma saudade: alguem que passou um momento pela nossa vida e de quem muitas vezes nos lembramos, perguntando a nós mesmos que teria sido o nosso destino, si para junto dessa pessoa nos tivéssemos orientado, si a ella nos tivéssemos unido... Bem pode ser que ella não pense mais nisso. Mas quem sabe? Tambem a nós, ninguem nos arrancaria a confissão de que pensamos nella. Em quantos corações de esposas honestissimas não haverá esse *flirt* melancolico, essa pequena traição com uma simples lembrança de outros tempos?...

O que não ha é alma nenhuma, que não tenha o seu segredo. Ou si ha, deve ser muito mesquinha... Tão mesquinha, tão chatamente terra a terra, que se pode esquecer em qualquer enumeração psychologica. São almas falhadas.

Nos contos de fadas, frequentemente se encontra a historia de um gigante cuja vida está presa a um objecto que se achia encerrado em um pequeno cofre, por sua vez encerrado dentro de sete outros cofres de ferro, por sua vez encerrados dentro de sete caixas de pedra, no fundo mais profundo do mar alto. Quando alguem consegue vencer esses obstaculos e se apossa do objecto fica senhor da vida do gigante.

Ha alguma cousa de semelhante a isso, dentro de nós. Todas as almas, como a de Arvers tem o seu segredo, o seu mysterio... Quem o logra apanhar, fica senhor dessa alma fraca, que permittiu que a vencessem. E' como uma cidade sitiada que se deixou conquistar. Cahiram-lhe os muros: o inimigo pode entrar!

Por isso, o conselho de Alfredo de Vigny é o verdadeiro. Para o que diz realmente respeito ás dôres profundas, só o silencio é grande, o mais tudo é fraqueza:

Gémir, pleurer, prier — est également lâche.

Uma grande poetisa brasileira, Julia Cortines, diz em uma composição intitulada *Dôr secreta*:

Musa, cerra o teu labio e indifferente e enxuto
abre o limpido olhar.
Que essa dôr que te morde e coração em luto
e que o faz suffocar
nem de leve contráia o teu placido rosto.

Cala o acerbo soffrer.
Cala, Musa, esse amargo e profundo desgosto
peior do que o morrer.

Nem uma queixa, um grito, uma supplica, um canto
o revele jámais.

O momento chegou de reter o teu pranto
e abafar os teus ais.

Dirão alguns, lendo esses versos que, como quasi todos os de Julia Cortines são magnificos que ha nelles um conselho viril. E um adjectivo impertinente! Si, naturalmente, pela educação que é dada á mulher e que lhe retira todas as preocupações sérias, a tagarellice feminina se faz geralmente de pequenas futilidades graciosas e si entre ellas escapam com facilidade os segredos alheios, não ha talvez como as mulheres para saberem bem guardar os segredos proprios. Já um insolente disse que toda mulher, depois dos 30 annos, tem pelo menos um segredo: o segredo de sua idade. Mas não é somente esse. Pela pouca liberdade que nós lhes damos, pelo constrangimento a regras de polidez e de decôro muito meticulosas, nós as fazemos peritas na arte da dissimulação. Dissimular é o primeiro dever de cortezia, é a primeira tactica de defeza de toda a vida feminina. Ai da que deixasse transparecer sinceramente as suas sympathias! Assim, ellas se habitua a esconder perfeitamente bem o que realmente lhes interessa. Ellas sentem que ahi o silencio é ouro: o silencio é, nesses casos, a sua vida, a sua honra. E por isso a mulher se tornou este enigma: por um lado, o prodigio de indiscrição que uma psychologia superficial a todos aponta; por outro lado, a melhor e mais segura guardadôra dos seus proprios segredos, que nenhum de nós consegue jámais conhecer de todo. Não ha ninguem que, para esses casos, saiba melhor do que ellas o valor do silencio.

E desde que se trate do silencio feminino é bom lembrar que, si os juristas, seguindo o texto da decretal do papa Bonifacio VIII, concordam em dizer que silencio é consentimento — *qui tacet, consentire videtur*—esquecem que o amor ainda vae mais longe: elle arranca os consentimentos até das negativas, que parecem mais firmes! E' realmente de velha observação que os melhores consentimentos são dados ou pelo silencio ou pelas negativas.

Os francezes dizem que o amor passa em geral por tres phases: *petits mots, grands mots, gros mots*, — *palavrinhas, palavrões, palavradas*. Primeiro, o balbucio timido de sentimentos, que não acham expressão adequada. De tempos a tempos, uma palavrinha meiga, pontuada pelos longos apertos de mão, pelos olhares que se procuram e se evitam. Depois, a declamação e a emphase, as grandes promessas de amores eternos, os palavrões lyricos, rhetoricos, bombasticos. Por fim, quando o amor passou, quando chega mesmo a trans-

formar-se em repugnância, as injurias, os doestos, as palavradas.

Esta terceira phase parece reservada ás almas grosseiras, aos espiritos baixos e degradados.

Mas de todas a melhor é a das palavrinhas. Pode-se dizer que é a do silencio, porque nessas occasiões é elle que predomina. Uma ou outra palavra que se faz ouvir serve apenas para o perturbar.

Aucun mot virginal ne vaudrait l'indolence
de nos profonds regards, l'un par l'autre étoilés
ni l'ombre de nos cœurs où chante le silence.

Um bom, um excellente, um delicioso poeta francez, Albert Samain, o auctor do *Jardin de l'Infante*, poeta que morreu em plena mocidade, cantou como ninguem a suavidade do silencio em amor:

La parole a des notes d'or ;
le silence est plus doux encor,
quand les cœurs sont pleins jusqu'au bord.

Il est des soirs d'amour subtil,
des soirs où l'âme, semble-t-il,
ne tient qu'à peine par un fil...

Oh! s'en aller sans violence
s'évanouir sans qu'on y pense
d'une suprême défaillance...

Silence!... Silence!... Silence!...

Era elle ainda que pedia á mulher amada, em um desses momentos divinos em que o silencio vale tudo:

Ne parle pas
ou si bas
que ce soit un secret vaporeux qu'on devine,

et qui se meurt
dans le cœur
comme une haleine d'ange en un duvet d'hermine.

Mas um outro poeta expoz a compensação deste silencio delicioso, no silencio amargo dos fins de amores, quando os dois, amarrados por um laço indissolúvel, sentem que não podem, que pelo menos não se devem abandonar, mas sentem tambem que o amor passou, passou a alegria, passou até a amizade. Os primeiros silencios da paixão, provém de que ha tanto a dizer que não se sabe bem por onde começar. Desiste-se de fallar, porque de antemão a gente vê que não é possível dizer tudo e que o melhor, a ter de dizer muito pouco, é não dizer nada. Mas o silencio que vem depois do amor, esse, na sua amargura, provém de que se esgotaram todos

os temas do amor. Fallar para que? Para contar as desillusões perdidas? Para fazer exprobrações? Não vale a pena... O silencio diz melhor tudo isso... E Campoamor tem razão escrevendo:

Sin el amor que encanta,
la soledad de un ermitaño espanta.
; Pero es más espantosa todavía
la soledad de dos en compañía!

Pois que, entretanto, os namorados, na phase melhor do seu amor nunca pensam neste triste final, imitemo-los. Evoquemos aqui tão só e unicamente os primeiros silencios, as primeiras negativas.

Uma bocca que recusa, que diz «não», que diz, bem á brazileira, um «me deixe», quer quasi sempre significar justamente o contrario. É ainda aqui, para acabar; cabe a citação de duas ultimas quadras. A primeira mostra o que valem certas negativas:

Quando o não, quer dizer sim,
é um sim envergonhado,
não ha cousinha melhor
do que um beijinho roubado...

A segunda é de um namorado um pouco aborrecido — aborrecido com a namorada que depois de lhe ter feito qualquer concessão, andava talvez a queixar-se de que elle a tomára sem sua licença e a recusar-lhe a repetição. O rapaz — porque certamente era um rapaz — dizia-lhe:

Eu pedi; você calou,
você não me disse nada.
Agora o que foi já foi,
não se faça de rogada!

Vê-sê que o homemzinho estava seguro de que — *quem cala, consente*. E como o sentimento que elle obteve pelo silencio foi, de certo, delicioso, para elle o silencio deve ter sido de ouro...

Chegou a minha vez de lhes dizer como esse cantor anonymo: «Agora o que foi já foi...» Aturaram-me até aqui, durante esta longa hora, forçados pela polidez a encobrirem o enfado.

Mas o sacrificio lhes será pago com o melhor desta insipida conferencia: o seu ponto final. E' elle que lhes fará dizer com um suspiro de intimo desafogo que realmente o silencio é de ouro...



L. MUSA

Bemdito Captiveiro

Eis-me quasi senhor do meu proprio individuo.
Eis-me quasi senhor de mim mesmo, entretanto,
Eu que, outr'ora, da Musa, era o operario assiduo,
Sinto que o Estro me foge aos estos deste Canto.

Embalde aqui o desbasto ! Esculpturo-o, lapido-o,
E aspero e bronco ahi fica inerte a esforço tanto !
E' que dentro em meu seio ainda existe o residuo
De recalcada angustia e mal contido pranto.

Livre e senhor de mim,—tropeço ante a Cadencia.
A Rima, á haste do Verso, a custo se equilibra,
E eis-me infecundo e vil na minha independencia !

E' que a Lyra, liberta, estala, fibra a fibra,
Pois essa liberdade é feita da lua ausencia,
E é só presa de ti que esta minha alma vibra !

EMILIO DE MENEZES.

Natal sobre as ondas

I

PRINCIPIOS d'estio no hemispherio antarctico. Dias ardentes, abafados, mas de ouro novo e de um esplendor a grande sol. Noites tambem cálidas, quasi sem brisa, porém limpidas, serenas, cheias de luar ou da fulguração prateada das estrellas. Costas orientaes da America do Sul e o Atlantico ao largo de um azul e de um verde suaves, vivos, nitidos.

O 24 de dezembro de 1877 amanhecia-nos já em aguas do Brasil, na altura do cabo de Santa Martha, em Santa Catharina.

A bordo do *Cotopaxi*, o bello e grande vaso da Pacific Steam Navigation Company, eram um alvoroço e alegria como não se vira ainda em toda aquella viagem, desde os portos do Pacifico até alli.

Mal as primeiras horas do dia se annunciaram a léste, os passageiros de toda a especie—da primeira, segunda e terceira classes—começaram a surgir na tólda, á pôpa e a meia-náu, e no convés á prôa, sôfregos e anciosos por vêrem o tempo que reinava naquella manhã, véspera do Grande Dia, e podêrem contemplar, contentes e expansivos, num parlatorio animado, o céo e as aguas, pois não se avistava terra, amarado como vinha o *steamer*. Desde a noite anterior que nas duas primeiras classes citadas, entre passageiros chilenos, brasileiros e argentinos, ninguem se preocupava ou falava n'outra coisa senão no Natal, a deliciosa festa das crianças e da familia. A' sahida de Buenos-Aires, na manhã de 22, cada qual se sortira em terra de brinquedos e *bonbons* para os filhos, porque sabiam que desta vez teriam de passar o Natal no oceano. As creanças eram naturalmente, entre todas as pessoas de bordo, as que mais satisfeitas se mostravam, e, com os tres filhos do commandante á frente (o chefe marujo de *Cotopaxi* trazia nessa viagem a familia), apesar do lusco-fusco da manhã, saltavam e traquinavam já, numa viva algazarra, pelo amplo tombadilho...

Mas, em pouco, o sol despontava, admiravel, na linha azul do horisonte, e todos, marinheiragem e passageiros, o saudaram jubilosamente e num immenso alarido.

A manhã não podia ser mais calma, nem mais linda. O céo, muito alto e limpido, só com nuvens ao horisonte em torno, alagado e.n luz loura e profuza, sorria, numa sereni-

dade infinita, pela sua abóbada transparente e gigantesca de turqueza ou saphira. A bonança plainava mais profunda e segura que em todos os outros dias, nessa viagem aliás ininterruptamente magnifica desde S Francisco da California até as nossas primeira zonas d'aguas ao sul, no verão sempre claras e pacificas. O oceano dobrava largo e sem cristas, espumoso e redomoinhante apenas na ancha e longa esteira do navio. E o *Cotopaxi* avançava ao nordeste, a rumo do Rio de Janeiro, puxando rijo na sua marcha de dezeseis milhas por hora.

Terminada a baldeação em que andava empenhada activamente a maruja pelo convés, cobertas e tombadilho, os passageiros, bem como as crianças inquietas, que se haviam recolhido por instantes aos salões das camaras emquanto durava essa matinal operação maritima, volveram logo, algazarrantes e alegres, a disseminar-se pela tólda ao ar livre, á sombra fresca dos tóldos alvissimos, formando pequenos grupos ás amuradas, a um bordo e outro, á roda de pôpa ou no alto do salão de cima, uns nas suas cadeiras de balanço ou de lona, de vime branco da Madeira ou de taboasinhas de pinho, outros de pé e encostados ou debruçados ao corrimão dos balaustres, entretidos com o rolar tumido e marulhoso das ondas a lamberem o costado em caricias humidas, ou contemplando tres barcos de vela que estavam á vista—uma galera, um lúgar e um brigue—correndo ao longe a varias rôtas, com todo o panno largo ao nordeste quo soprava feliz no pélago azul sem fim...

II

Entre as diversas familias brasileiras em transito a bordo do grante paquete—umas para a capital do Brasil, outras em passeio ou de regresso aos seus paizes da Europa—destacavam-se a do barão de Santa Eugenia, antigo fazendeiro capitalista muito conhecido nos aristocraticos bairros das Lorangeiras, a do celebre constructor naval Trajano de Carvalho e a de um medico, estancieiro e politico riograndense, dr. Joviano Soares, ha bastantes annos representante daquella provincia em uma das casas do nosso parlamento. Estas tres distinctas familias que, numerosas como eram, quasi constituiam a maioria dos passageiros de primeira classe do *Cotopaxi*, unidas á do commandante do navio e á de um alto personagem chileno que vinha como ministro plenipotenciario de sua patria no Brasil, eram o maior encanto de bordo pela próle que traziam comsigo—um bando de moças gra-

ciosas e lindas, e uma legiãozinha de petizes vivos e traquinas.

Com essas famílias brasileiras, que haviam tomado o *steamer* em S. Francisco — o grande emporio commercial dos Estados-Unidos no Pacifico — e uma ou outra embarcada aqui e alli nos portos de escala das republicas hispano-americanas, a viagem tornara-se desde o principio até aquelle instante, uma série continua de diversões e festas esplendidas, grandemente favorecidas por um bom tempo e mar chão que rara e excepcionalmente se apanham em tão longa travessia, mesmo á época em que se estava da entrada da monção d'estio no hemispherio austral, para as costas sul-americanas de léste e oeste.

E o *clou* dessa variada e pittoresca derrota maritima que já durava tres semanas, desde a zona-norte do Grande Oceano até ao Atlantico-Sul, nos limites septentrionaes da sua zona temperada, iam ser os brincos e folia que a gente latina que alli vinha combinava e projectava já para commemorar aquella bem-dita e querida noite de Natal, imaginando-os e preparando os em alvoroçado e alegre improviso, no fraternal e incomparavel congratamento em que se encontra sempre, para a Morte e para a Vida, em toda a parte e sob todos os climas, na adversidade como na ventura, graças á sua indole, feição e genio invariavelmente affaveis, affectuosos e communicativas, que são o caracteristico e galardão supremos da sua velha raça inquieta, insubmissa, cavalheirosa, entusiastica e artistica.

De sorte que do *lunch* por diante, enquanto alguns inglezes — *gentleman*, *mistresses* e *misses* — avulsos ou isolados, liam ou contemplavam o oceano, quasi sem trocar palavras uns com os outros, e os cavalheiros brasileiros e hispano-americanos fumavam ou bebiam refrescos estirados nas suas cadeiras de balanço, de vime ou de pinho e lona que juncavam a tólda, as esposas destes encafuram-se com as filhas nos camarotes, numa lufa-lufa festiva, em que tambem tomavam parte as serviçaes de confiança e d'estima que as acompanhavam, todas a desarrumarem das malas, com cuidados extremos, as arvoresinhas, presentes, mimos, *bonbons* e brinquedos de Natal destinados aos filhos...

E assim se passou a tarde até ás ave-marias, em que o dispenseiro-chefe, empunhando á mão direita uma grande campainha doirada, que vibrava alegremente por todo o tombadillo, fez reunirem-se os passageiros em torno ás varias mesas do rico salão de primeira classe e ás do de segunda, bem menos luxuoso e mais modesto que aquelle. E a refeição maior do dia começou, no primeiro, pre-

sidida pelo commandante, um bravo e illustre official reformado da marinha de guerra britannica, o *commodore* Samuel Wicklow, um velho e famoso *master* dos antigos paquetes á vela da carreira entre a Inglaterra, a Colonia do Cabo, a India e a Australia. Quer em um quer em outro desses vastos apartamentos de ré do *steamer*, as iguarias do jantar e os vinhos foram mais abundantes e opiparos que de costume, devido não só ao dia festivo em que se estava, mas tambem, e por isso mesmo, a uma gentileza especial feita aos seus passageiros pelo commandante Wicklow que, além de irlandez e fervoroso catholico, era um perfeito *gentleman* para todos a bordo...

Já a noite fechara inteiramente. Os veleiros mercantes — a galera, o lúgar e o brigue — que andavam á vista, ao longe, sumiram-se logo na sombra, só tendo a indicar-lhes a posição e os rumos, na infindavel planura oceanica, o pharol de luz branca do mastro-de-prôa e os dois dos bordos, suspensos e fixos a um quarto das enxarcias de pôpa, sendo um de clarão verde e o outro de clarão rubro. Entretanto a bordo do *Cotopaxi*, as camaras, onde todos agora repastam alegremente e com o conhecido e insaciavel appetite dos que não enjôam no mar, flammejavam vivamente, como dois fluctuantes palacios em gala, pelo brilho dos seus ornatos, espelhos, quadros e douraduras artisticas e pelos fôcos poderosos das suas lampadas eléctricas, jorrando, através das altas e amplas vigias quadradas, longas faxas de claridade astral illuminando a noite e as ondas.

Mas no céu azul-marinho, onde após os derradeiros arrebóes do crepusculo as estrellas começaram a tremeluzir profusamente, compactamente, como myriades e myriades de pharolins de diamantes, a lua cheia se annunciou de repente por uma enorme barra de neve luminosa e em pouco surgiu na linha rasa e afastada do horizonte a léste, dealbando tudo com a sua luz nevoenta e saudosa...

III

Apenas o jantar terminou todos os passageiros de primeira e segunda classes se espalharam contentemente pelo tombadillo, e, embora os ultimos, de accordo com as severas prescrições de bordo; só podessem gozar da tólda do navio na parte unicamente adstricta á camara em que se achavam installados, o apreciavel e gentil commandante, ainda por concessão muito particular da sua graça e poder, alli eguaes aos de um chefe de nação ou dictador supremo, attendendo ás festas e jubilos

da grande noite christã, lhes permittiu os gosos e privilegios dos viajantes de primeira, unicos que podiam andar a belprazer por toda a parte. E então foi uma confraternização geral entre uns e outros, reunindo-se os homens, senhoras, moças e creanças num immenso bando feliz, em que as conversações, os ditos, as graças, as risadas esfuziavam incessantemente, sobretudo entre brasileiros e demais sul americanos e latinos, que são como uma e a mesma familia, porquanto as saxões e outros da mesma raça, não obstante a conhecida e natural familiaridade de bordo, andavam, como sempre, grupados, aqui e além, exclusivamente aos patricios, agora, porém, mais expansivos e lhanos que de costume, pois se arrebatavam também aos esplendores e tradições do Natal, que é nos seus paizes a maior festa do anno, e lá talvez mais affectuosa e veneradamente querida que por nós proprios latinos.

Assim, enquanto a criadagem de bordo safava as mesas no interior do salão de primeira e entrava a arrumar sobre ellas as arvoresinhas e brinquedos das crianças para os festejos que deviam ter principio logo que tudo ali se achasse convenientemente arranjado, os passageiros de ré exultavam na tólda—como os de terceira classe á prôa, os officiaes nauticos e de machinas, e a marinagem em seus postos—todos mais ou menos venturosos, a admirar o céo e o mar que a lua prateava melancolicamente com o seu infindo véo d'escocia branca luminosa, como uma princeza e noiva que um cyclone de tragedia ferisse repentinamente em plenas bôdas, arrebatando-lhe de uma vez e para sempre o Amado e o cortejo real dos convivas, deixando-a desolada e sósinha perdida entre lagrimas de dôr, sobre um sólio de camara-mortuaria alcatifado a veludo negro sinistro, onde as estrellas não fossem mais do que lúgubres lampadas morticas ou uma tristissima constellação de cirios de ouro...

Mas com o que ninguem contava ao momento alli sobre o vasto tombadilho do *steamer*, na intima alacridade em que cada um se sentia, era com a encantadora surpresa de Natal que o *commodore* Wicklow e *mistress* Clara sua esposa, auxiliados pela gente da compãnia, mas sem serem percebidos, andavam afanosamente a preparar no salão principal e por todo o convés e tombadilho do *Cotopaxi*.

IV

Desde que após o jantar os passageiros haviam deixado o salão principal, logo com

as portas fechadas, as venezianas das vigias corridas e inacessivel por instantes a quem quer que fosse, que o commandante, com a esposa, o commissario e serviçaes da camara, ali se mettera a mandar preparar o grande presépe com que imaginara, dias antes, comemorar o Natal, proporcionando aos passageiros e á sua guarnição talvez a mais surprehendente e bella festa que já se viu um dia em pleno mar e a bordo de um navio mercante á vela ou vapor.

O salão de primeira—como o de segunda—já inteiramente independente nos grandes transatlanticos que representavam a ultima palavra em construcção naval e no que diz respeito ás commodidades dos passageiros, como era ao tempo o *Cotopaxi*, só era frequentado ás horas das refeições, porque para conversação e recreio dos viajantes havia então dois outros salões, além de um apartamento menor destinado unicamente aos homens—o *fumoir*. Assim ninguem absolutamente notou o fechamento daquelle salão, nem a ausencia do commandante que, em geral a bordo, sómente priva com os passageiros os instantes do almoço e do jantar, nas festas ou reuniões da noite, e durante o dia em certas occasiões, absorvido sempre, fóra disso, com a suprema direcção do *steamer*.

De modo que o digno *commodore* e *mistress* Clara, com os seus numerosos auxiliares, poderam trabalhar muito a gosto e sem a menor interrupção nos preparativos da surpresa com que iam mimosear aos passageiros.

E antes das nove da noite—hora marcada para começarem os brincos e festas commemorativos do glorioso e memoravel anniversario do nascimento de JESUS DE GALILÉA, um grande presépe ficou armado ao fundo do immenso salão, contra as anteparas de ré, representando não só o PERSONAGEM divino, infinitamente amado e venerado, do mais extraordinario e grandioso successo de todo o Orbe, occorrido em Bethlem, de Judá, no anno do mundo 4004 (4963 segundo *A Arte de verificar as datas*) 753 da fundação de Roma, já ao 31º anniversario do magnifico reinado de Augusto, e bem assim as santissimas figuras de JOSÉ e MARIA, seus ditosos progenitores, com o cortêjo obscuro e humilde, mas sem par, dos Pastores e dos animaes domesticos que tiveram a ventura—de certo a maior ventura da Terra—de o testemunharem sobre um scenario encantador de luz e sonho, de então para sempre bemdito, e numa noite maravilhosa e sublime, que ficou como a maior e mais faustosa do Globo e de todo o Universo, immortal e eterna como nenhuma outra através do tempo e do espaço...

Já também no convés e na tólda, á prôa e á pôpa, estava tudo prompto para a illuminação exterior em que havia de accender-se o navio, como uua apothese de ópera ou de magica, ao bater solemniissimo da meia-noite e ao romper o primeiro glorioso minuto do magno dia festivo.

V

Pouco antes das nove o commandante em pessoa, acompanhado da esposa, appareceu no tombadilho, saudando a todos os passageiros e avisando-os de que, ao signal da sineta de bordo que não tardaria em tanger e ao despontar de um «novo astro» por sobre o navio, astro que todos deviam seguir até ao logar onde parasse, iam ter começo os festejos de Natal no grande salão de primeira classe.

Uma salva de palmas e *hurrahs* prolongadas acolheram e acclamaram a saudação e aviso do insigne chefe marujo. E todos ficaram logo a arder de soffreguidão e curiosidade por vêr como estaria arranjado o salão e qual seria o «novo astro» anunciado pelo *commodore* Wicklow.

A expectativa era entusiastica e febril.

Com effeito, apenas decorreram os cinco minutos que faltavam para as nove, a sineta de bordo entrou a vibrar sonoramente, em badaladas festivas. Em seguida, uma enorme estrella pyrotechnica — bem maior a olhos nús que as que se viam no céu ao momento — de uma doce luz d'esmeralda em seu núcleo e com uma cauda de fogo jorrante, fingindo aquella que numa noite assim, havia quasi dois mil annos, guiára os Reis Magos á Bethlem, flammejou ao extremo da pôpa, a bombordo e a certa altura do tombadilho, por sobre a cabeça dos passageiros então ali agglomerados, a palpitem fundamente de surpresa e jubilo e a darem delirantes vivas ao Natal que se iniciava de um modo inimaginavel e delicioso para elles, alli a bordo do *Cotopaxi* e quasi ao fim daquella magnifica viagem, pois o grande transatlantico, com a sua marcha de dezeseis nós, vinha já na altura de Santos.

Então os passageiros, numa alegria borbulhante e ruidosa, com a inquieta e gritadora criança á sua frente, formaram insensivelmente e sem distincção de nacionalidades, um só prestito colossal que, conforme a indicação do commandante, começou a seguir a estrella pyrotechnica, a qual, habilmente manejada e passando por arames tão finos que se torna-

vam invisiveis, caminhava lentamente adeante d'elles fazendo a volta ao navio. A' vanguarda, logo depois das crianças, iam os cavalheiros e damas brasileiros, seguidos dos chilenos e argentinos, de alguns hespanhoes, italianos e allemães, e dois inglezes que tinham-se postado á rectaguarda. E todos — crianças e adultos — cantavam em córo, alegremente, as trovas de Natal dos seus paizes. Os brasileiros entoavam:

Corações, eia! Cantemos
Nesta noite divinal
E ao Deus Menino adoremos
Aos fulgôres do Natal.

A marcha desenrolava-se para vante, illuminação do alto pela vistosa «estrella dos Magos» e por uma profusão de pequeninas lampadas electricas collocadas aos mastros, aos varões dos tóldos o ao longo das amuradas do *steamer* pelo electricista de bordo. E os hespanhões sul-americanos e europeus gorgeavam:

La Noche-Buena se viene,
La Noche-Buena se va,
Y nosotros nos iremos
Y no volveremos mas!

A mais de meia-náu, na altura do passadiço — também todo illuminado a fôcos electricos e de cima do qual o immediato Wion e os pilotos de quarto jogavam, em chuva, miudinhas flores de papel sobre as moças e as crianças do cortejo —, por entre alguns marinheiros e o pessoal de machinas ao momento de folga, todos radiantes e muito louros, pois que eram na maior parte *yankees* ou britannicos, os que fechavam a marcha solfejavam grossamente os lédos versos das *Christ'smas* que se traduziam assim:

Cumpriram-se as Prophecias
E os têxtos das Escripturas:
E' nado o santo MESSIAS.
Louvor a DEUS nas alturas!

Ainda outros e outros — catholicos e protestantes — cantavam até que o préstito, atravessando o convés á prôa e dando volta por estibordo, no meio do contentamento geral da marinhagem e dos passageiros de terceira classe, estacou com a «estrella» á porta do salão principal, onde lhe fizeram as honras da

recepção o commandante com a esposa e os filhos. E todos, conduzidos pelo *commodore* e a familia, entraram logo, numa matinada adoravel em que sobressahiam, sobre todas, as vózes agudas e frescas das crianças.

Jesus, que deslumbramento e que delicada surpresa!

O salão inteiro resplandecia feéricamente pelos grandes espelhos da Inglaterra, pelos ornatos e douraduras profuzas, pelos florões e embutidos do tecto, pelos lustres em lóthus electricos ou em volutas caprichosas de plantas marinhas, pelos crystaes dos *glass-racck's*, pelos painéis de porcellana á Wedgwood representando paizagens soberbas dos Estados-Unidos, do Brasil, do Chile e da Argentina. As mesas, recobertas de finos pannos verdes de Manchester com orlas entretecidas de filêtes e ramagens de ouro, estãvam carregadas de brinquedos, mimos, *bonbons* e das pequeninas arvores estrelladas de velinhas de cêra accêsas e de espherazinhas multicôres, faiscando como as pedrarias phantasticas das cavernas e palacios das *Mil e uma Noites*, tudo pertencente ás crianças dos passageiros que já as cercavam em esplendida algazarra de jubilo e folgança, com olhos faiscantes de explosiva cobiça e impetos de assalto présto e louco á todas aquellas coisas que tinha para ellas o prestigio de preciosos e inauditos thesouros. Por toda a parte, nas anteparas, sobre os divans e as cadeiras, em volta das columnas delgadas, das molduras dos espelhos, dos quadros, das vigias, alastravam-se artisticas flôres de papel de seda, exparsas aos montões como num mirabolante scenario de carnaval ou numa especie da prodigiosa floração da zona tórrida.

Mas o que logo empolgou os olhares, a attenção e admiração de todos foi o sumptuoso e colossal presépe que se erguia esthética e deslumbrantemente enchendo o salão ao fundo. Com um velho latino do *steamer*, pregado sobre um occulto arcabouço geral de madeira formando depressões e accidentes, como na representação geographica, em vulto e relêvo, de um tracto de territorio em valles e collinas, latino que fôra habilmente collocado e pintado pelos artistas de bordo e por elles vestido com suppostos gramados, oliveiras e vinhas, improvisadas de tóros, cavacos e fitas de pinho, bem assim de palhas e capim de gigos de louça, verdura que se alteava por entre estradas e atalhos sinuosos, correndo através de miudos socalcos e elevações, tudo disposto num-largo conjuncto de scenographia,—o commandante Wicklow conseguira alli imaginosa e minuscilmente um trecho regional da Palestina, dando, sob a claridade

das lampadas eléctricas, a illusão paizagistica da aldeia de Bethlem. Em todo esse bem fingido resumo de Natureza havia grupos religiosos que iam desde o homem ao reptil. E assim viandantes, mercadores e pastores, com caravanas de recreio e de commercio, com rebanhos de cabras e de ovelhas, enxameavam caminhos e trilhos, em marcha por entre casas, oliveiras e vinhedos ou em paradas de repouso á beira de cisternas sombreadas de palmeiras, á luz viva das estrellas. O encanto, porém, de todo o presépe era o estábulo gracioso que se deparava a um canto, entre trigaeas, num gramoso pendôr de collina, illuminado por uma fogueirazinha de espelhos batidos d'um fôco eléctrico escarlata. Ahi se exhibia sobre um monticulo de palha loura e macia o MENINO JESUS recém-nascido, primorosamente esculpido em cêra e das dimensões de meio metro, que, de cabellinhos de ouro, rostinho rochonchudo e rosado, olhinhos abertos e bracinhos erguidos no ar, ingenuamente sorria para MARIA, sua mãe, a qual, assentada junto d'elle, o affagava num jubilo sublime, enquanto JOSÉ, santo pai e santo esposo, ao pé de ambos, em silencio, parecia preso de um êxtasis. Os REIS MAGOS estavam a um lado, os cofres pousadas no chão de onde jorravam para fóra o ouro, a myrrha, o incenso. Pastores ajoelhavam em redôr, em canticos de adoração. Depois eram os sêres brutos, a vacca e a jumentinha...

Os passageiros, embevecidos deante de tão apreciavel surpresa, felicitaram ao digno *commodore* Wicklow, dizendo-lhe com enthusiasmo:

—Commandante, isto está uma maravilha, uma verdadeira maravilha! Nunca se vio uma coisa assim, sobretudo em pleno oceano e a bordo de um navio!...

E davam tambem parabens á *mistress* Clara que fôra de certo, em tudo aquillo, a principal inspiradora e auxiliar de seu marido. O *commodore* e ella agradeciam sorrindo e com modestia, mas no intimo immensamente enlevados e desvanecidos.

Entretanto, era urgente distribuir ás crianças e mãças os seus *bonbons*, brinquedos e mimos. E immediatamente isso se fez, no meio de um delicioso alarido de todos, principalmente da petizada feliz.

Nesse instante o quintêto musical de bordo—tres violinos, uma harpa e um violoncello—postado no patamar da escada que levava ao segundo tombadilho, rompeu a executar brilhantemente trechos classicos de Beethoven, de Haydn, de Mendelssohn, Chopin e Listz...

Mas a sineta de bordo entrou a bater meia-noite, em repiques festivos, que esfuziavam

KOSMOS

por todo o navio e se espalhavam nas vagas em torno, indo morrer por fim á linha rasa e saudosa do horisonte longiquo.

O commandante e os passageiros correram então para a tólda, num alvoroço feliz, a saudar jubilosamente o grande dia glorioso do nascimento de CHRISTO, todos a entoar em côro canticos do Natal que vibravam agora numa verdadeira mas interessante Babel de linguas, na qual predominavam as de origem latina—que eram a maioria alli—e entre estas a portugueza, tão bella e tão impressiva sempre, sobretudo quando vocalizadas por gargantas femininas. E destas o estribilho encantador de um velho hymno catholico, fluía idealmente alando-se ás estrellas em plangente toadilha:

Salvé, Jesus Nazareno,
Que nos remiste do Mal
E nos déste o Céu sereno
Nesta noite de Natal!

A lua-cheia, a pino no firmamento azul-ferrête, envolvia melancolicamente o *steamer*

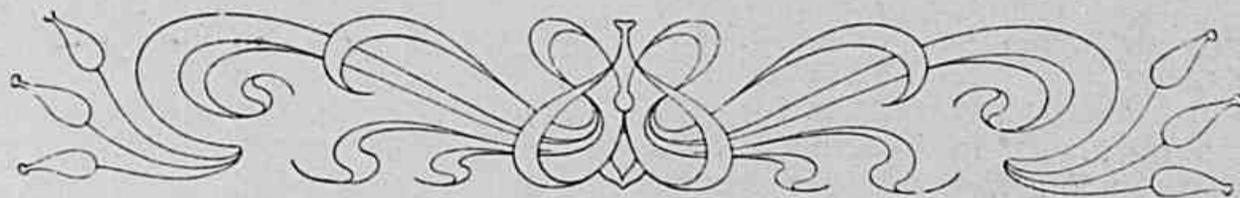
na sua luz branca e limpida. O mar continuava a rolar bonançoso e sem cristas. E o *Cotopaxi*, agora mais que no começo da festa envolto interna e externamente numa apothéose de luz electrica de um effeito magnifico, puxava a toda força de machinas para a barra do Rio de Janeiro que já se desenhava vagamente, á prôa, sob o luar d'espelhim.

E os adoraveis canticos de Natal proseguiam, a enaltecer JESUS DE GALILÉA já á vista dos primeiros montes littoraes da formosa capital do Brasil:

Salvé, Jesus Nazareno
Que nos remiste do Mal
E nos déste o Céu sereno
Nesta noite de Natal!

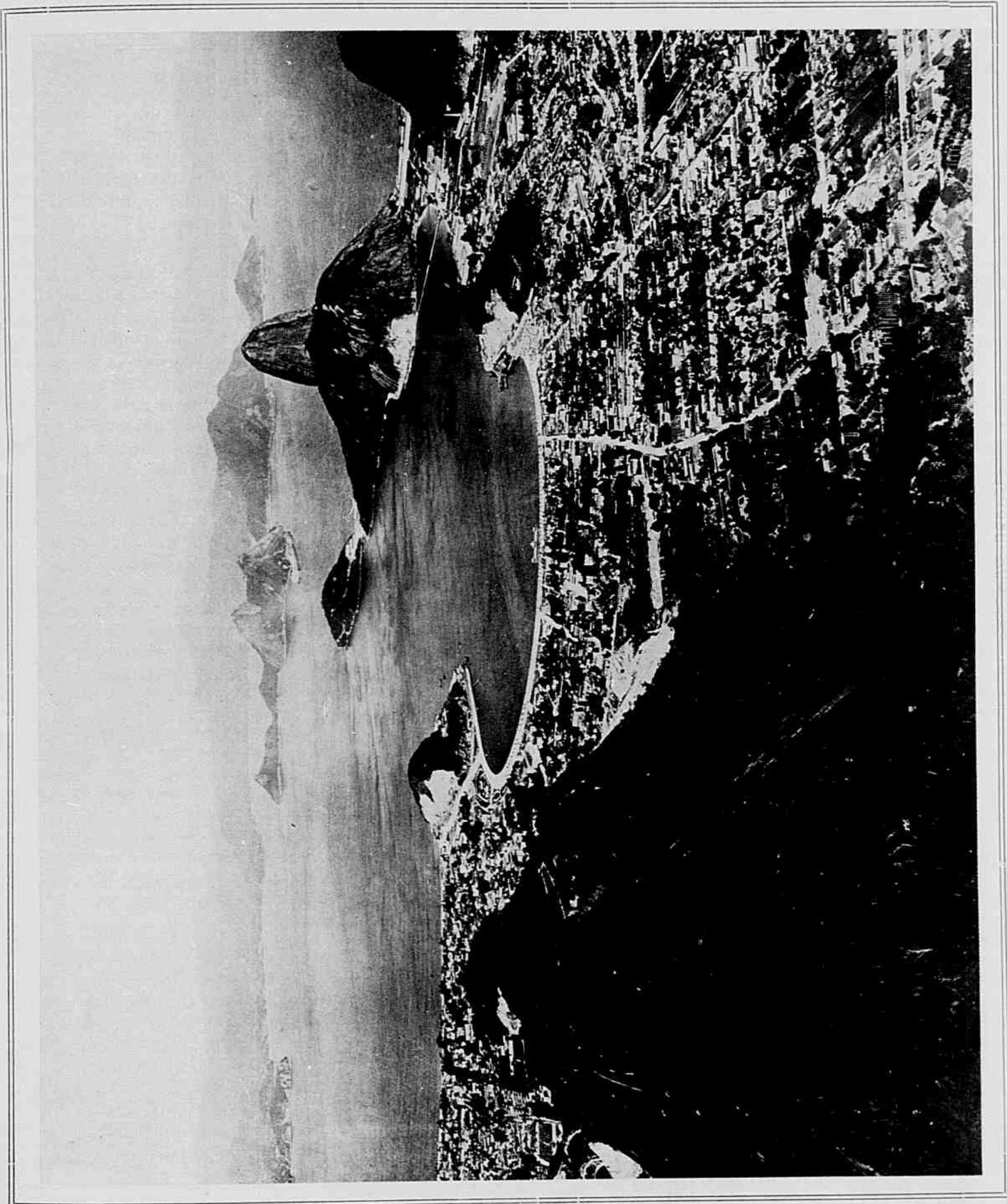
VIRGILIO VARZEA.

Rio, dezembro de 906.





A GANGORRA



ENTRADA DA BARRA, BAIRRO DE BOTAFOGO—VISTA TOMADA DO PICO DO CORCOVADO—RIO DE JANEIRO



O GESTO

○ GESTO... que é o gesto? Nada. Um aceno que se faz e se desmancha no ar, momentaneamente, e que, todavia, caracteriza muitas vezes os individuos melhor que as suas proprias feições.

Ha dias encontrei no *bar* de Botafogo, roçagante e perfumada, uma senhora que veio até a mim, extendendo-me as duas mãos enluvadas, fixando-me com os olhos garços em que, como um cysne em agua enluarada, boiava uma doce e amavel sympathia. Quem seria? ah! a minha pobre imaginação que terriveis saltos executou, procurando o nome d'essa mulher encantadora, flexivel como uma haste de jasmineiro, brilhante como um astro. Certamente eu tinha uma vaga ideia d'aquella bocca pequenina e carminada, ligeiramente suspensa nas commissuras dos labios; d'aquelle nariz delicado, entre duas faces macias que nem o setim de um vestido de noiva...

A voz, de um timbre metalico, como se passasse vibrando por um organ de ouro, tambem não me era extranha... mas como ladear o embaraço visivel em que me encontrava e de que não achava geito de sahir? Correspondendo num sorriso perplexo ás effusões bondosas da gentilissima dama, temia a todo o instante que ella lêsse no meu rosto a verdade indelicada da situação. Se ella era tão expansiva, se me tratava pelo meu apellido familiar, demonstrando uma quasi intimidade, é porque já em algum tempo, proximo ou remoto, viveu perto de mim! Numa investigação rapida, bem feminina, procurei no seu broche, nos berloques de sua cadeia de ouro e das pulseiras, que ti-lintavam sobre as altas luvas Imperio, uma inicial ao menos que me abrisse a porta do mysterio terrivel. Mas a linda dama tinha o bom gosto de não usar iniciaes do seu nome

á guiza de joias e a minha inspecção inutil augmentou-me a confusão... Emquanto me debatia na duvida de ter de lhe perguntar pelo marido ou pelos filhinhos, ella debruçara-se toda para dentro da minha vida, inquirindo familiarmente por este ou por aquella!

Suspirei porque o mar crescesse, naquelle instante de confusão, e mandasse até nós uma onda forte, volumosa, que nos dispersasse a todos para varios pontos da avenida antes que chegasse o minuto inevitavel de lhe confessar a verdade. Uma verdade simples é ás vezes mais custosa de sahir da bocca de uma pessoa sincera do que uma mentira complicada! A minha franqueza humilharia aquella flôr humana, tão exuberante nas suas expressões, tão rumorejante nos seus forros de seda...

Ainda se ella, coberta de alpacas simples e surdas-mudas, me cortasse o passo em qualquer angulo de rua para dizer-me aquellas mesmas coisas atrapalhadoras, talvez que, docemente, carinhosamente, pegando-lhe nas mãozinhas nús e maltratadas, eu, sem grande constrangimento, lhe sussurrasse com humildade a minha ignorancia do seu nome! Mas deante d'aquella figura em que scintilavam saphiras e cuja voz vibrava aos meus ouvidos aturdidos com sonoridades de sinos festivos, toda eu me fazia num ponto vivo de interrogação assustada.

Foi quasi no fim, ao expirar das ultimas syllabas da derradeira phrase, que ella, aconchegando o cotovello ao busto, fincou o indicador no queixo e poz-se a sorrir para mim...

Aquelle gesto foi o raio de luz atravessando os nevoeiros do passado. Ritinha! exclamei no momento opportuno.

E tudo ficou salvo. Era uma amiga das primeiras horas da mocidade.

Tudo mudara nella, té a côr dos cabellos; só não mudara o gesto, aquelle fino movimento, ao mesmo tempo pensativo e gaiato, que era uma expressão perfeita da sua alma...

Por mais hirta, mais fria, mais estudada ou contrafeita que seja a attitude de uma pessoa qualquer, ella tem nos raros movimentos das suas mãos abertas, ou fechadas, ou no sacudir



da cabeça ou dos hombros, uma expressão espontanea, que permanece no individuo e é como que a feição do que se sente e não se vê!

Como hoje tudo se explica, deve haver por ahi mais de um livro descrevendo a psychologia do gesto. Dirão naturalmente que as mãos que se estendem abertas em fórma de bençãam demonstram liberalidade, acções proveitosas, alma grande; que, invertendo essa posição, as mãos exprimem o desejo ancioso de que o céu benefico lhes chova em cima das palmas dons impereciveis e apreciaveis... que sendo os movimentos concentrados, ou descrevendo semi-circulos de fóra para dentro, denotam avareza, ambições desmedidas; enquanto que os acenos rasgados revelam franqueza e simplicidade.

Sabendo toda a gente que ha individuos sobrios de gesticulação mas que são excessivos nos seus gostos e vontades, assim como ha outros de rasgados e amplos movimentos que são absolutamente acautelados e prudentes, desconfiar-se-ia de que a sabedoria de taes leis fosse obra de estudos em falso e de pura imaginação...

A verdade, que salta como uma péla de borracha, é que sem o gesto a palavra não vibraria com a mesma eloquencia nem com a mesma graça. Um discurso sem mãos, por mais vivaz, florido e elegante, seria a imagem da morte. Tudo falla no homem: os movimentos da cabeça, do busto, dos braços, sobretudo das mãos!

Elle vive trahido pelo outro *eu*, que se esconde e que apparece, que ora está sepultado no fundo ignoto da sua alma, ora o reveste todo de uma expressão peculiar, que não muda atravez dos annos e que elle proprio muitas vezes desconhece!

Para combater essa impulsão natural, a Civilidade, senhora um tanto affectada, inventou regras que raramente conseguem tudo que pretendem... No theatro o gesto tem o valor da palavra, deve ser estudado como uma expressão harmoniosa, justa, que exponha e poetise, como escravo que é das ideias, os mais subteis pensamentos.

No palco o actor perde a sua individualidade para reproduzir uma personagem muitas vezes em contradicção com o seu proprio temperamento. Dupont-Vernon affirma em *L'art de bien dire* que: *La première qualité du geste est d'être abandonné, spontané, mais, par dessus tout, sobre et mesuré.*

Mas deixemos o theatro e voltemos á vida.

Uma das curiosidades do viajante é o observar o grau de intensidade na gesticulação dos individuos de cada povo...

Uma senhora ingleza dizia-me, numa viagem, que se divertia a olhar para os brasileiros e os portuguezes quando conversavam entre si, só por lhes apreciar a mimica; e accrescentava: «Devem dizer coisas phantasticas, supponho que descrevem grandes accidentes, viagens ao polo, atravez dos gelos, ou em balões, pelos ares; quedas de torres, incendios em que tenham agido como salvadores, carregando victimas por escadas de corda que fluctuam de andares altos, sobre a multidão! E, quando capacitada d'estas verdades terriveis, começo a tomar interesse pela narração que interpreto vejo-os rir,... fico por tal modo confusa, que chego a achal-os ridiculos!».

Sabe-se ou crê-se saber que os climas e as raças influem na gesticulação das pessoas, seja qual fôr a sua educação. Essa senhora era da fria Inglaterra e de mais a mais casada com um irlandez sem braços. Um dia em que ella me veio com as suas censuras, disse-lhe isso e mais que o gesto é indispensavel ao homem e é uma das suas superioridades. Ella retrucou-me apontando para o marido, que não tinha braços e discursava sobre qualquer assumpto muito correctamente! Pois bem, observando com attenção esse senhor, verifiquei que elle imprimia ao nariz movimentos absolutamente accordes com o sentido das suas palavras...

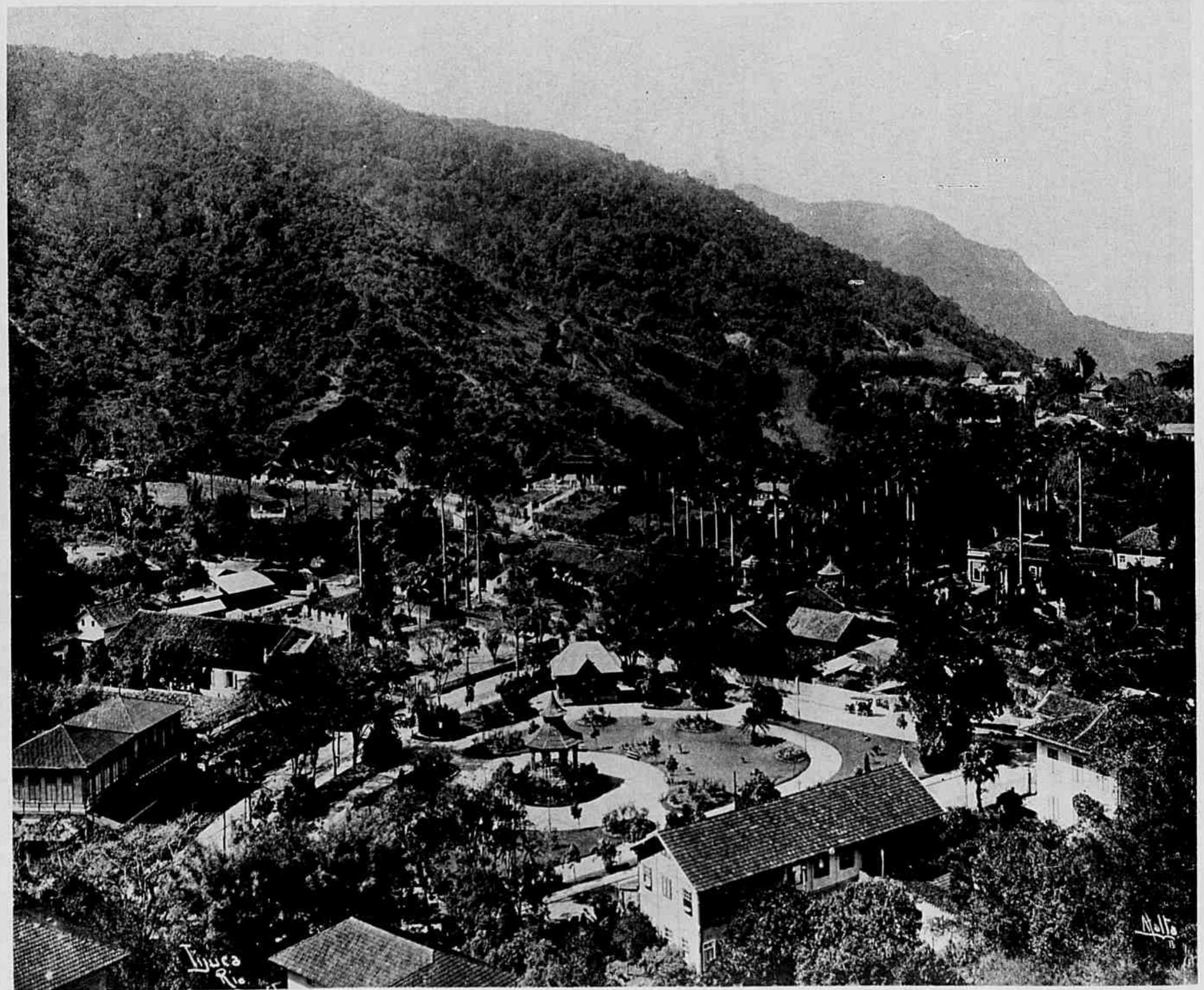
Oh, a divina faculdade dos gestos faz prodigios,—que o attemem os surdos mudos, que não têm outra linguagem!

JULIA LOPES DE ALMEIDA. ✓



MESA DO IMPERADOR—TIJUCA

Malta phot.



ALTO DA BOA-VISTA - TIJUCA

Malta phot.

Conto de Natal

I

DAS janellas da sala de jantar dos barões de Santa Barbara, nas Lorangeiras, via-se o interior da miseravel casinha onde morava o Alexandre, pobre diabo desempregado e enfermo, vivendo de expedientes confessaveis, carregando a vida com um esforço quasi sobrehumano.

Fosse elle sosinho, e tudo iria pelo melhor; mas era casado, e lhe nascêra um filhinho nas proximidades daquelle Natal de 1871. Vir ao mundo uma criança, pelo Natal, n'uma casa sem pão nem conforto, é uma dessas ironias da sorte, que só se toleram á força de philosophia. O Alexandre era philosopho.

Os barões de Santa Barbara, que possuíam grandes cabedaes, desejavam ter filhos e não os tinham. E' sempre assim. A baroneza, das janellas da sala de jantar, olhava com inveja para a mulher do Alexandre. A mulher do Alexandre era pobre, pauperrima, quasi indigente, mas tinha o prazer e o orgulho de amamentar um filho!



Na vespera daquelle Natal de 1871, os barões de Santa Barbara, enquanto esperavam o almoço debruçaram-se á janella, e viram no interior de um quarto, na casinha do Alexandre, o recém-nascido deitado n'uma caixa de batatas, envolvido em trapos.

O barão que não era insensível ás miserias do proximo, encheu-se de piedade, tanto mais que, pela coincidência do dia em que o accaso lhe deparava tão lastimoso espectáculo, parecia-lhe o proprio Menino Jesus que ali estava deitado naquelles trapos, mas um Menino Jesus desprezado pelos Reis Magos e pastores, um Menino Jesus com alfazema, talvez, mas sem incenso nem myrrha.

Sabia o barão que a baroneza era muito egoista: não gostava de praticar o bem nem mesmo por ostentação; foi, por isso, com certo receio que lhe propoz enviarem algum socorro aos vizinhos pobres; quando mais não fosse, umas roupinhas para o bebê.

—Estás doido! respondeu ella. Nunca mais nos largariam a porta!

—Mas não era preciso que soubessem de onde partia o beneficio; a nossa esmola seria anonyma...

—Qual! deixa-te dessas idéas! Elles precisam, é certo, mas ha quem precise ainda

mais, e não seria justo socorrer somente a estes, quando não podemos acudir aos outros! Porque esse exclusivismo? E depois, tu sabes lá que especie de gente é essa? Tu sabes se empregariamos bem a nossa caridade? Deixa-te dessas idéas, homem de Deus, e vamos almoçar, que a *mayonnaise* está na meza.

Comeram ambos o almoço triste dos esposos que pensam diversamente um do outro, sem filhos que attenuem o que possa ter de inconveniente e dolorosa a divergencia de sentimentos e impressões.

Intelligente e sensato, o barão não contrariava a baroneza, embora no intimo lhe detestasse o character, e não perdoasse tanto egoismo n'uma creatura que lhe trouxera, quando se casou com elle apenas a roupa do corpo e o proprio corpo. Fazia-lhe todas as vontades.

Foi assim que comprára aquelle titulo ridiculo de barão de Santa Barbara, nome da fazenda onde elle nascêra, e era propriedade sua, na provincia do Rio.

Todas o tinham em conta de um marido dominado pela mulher, quando o que o dominava era apenas o desejo de viver com ella em apparente harmonia, sem dar aos creados, nem aos vizinhos, nem a si mesmo o espectáculo mofino de um casal desunido.



O barão sahiu logo depois do almoço e foi a carro para o seu escriptorio da rua de São Bento.

Como a lembrança do pobre pequenino, deitado no caixão de batatas, o perseguisse com a insistencia de um remorso, elle chamou em particular um empregado de confiança, incumbiu-o de comprar um berço, um enxoval completo de recém-nascido, peças de morim e de chita, latas de leite condensado, vidros de geléa, garrafas de vinho do Porto, etc., e mandar tudo, e mais algum dinheiro, á casa do Alexandre, sem que ninguem soubesse nem suspeitasse a proveniencia desse presente.

O empregado cumpriu irreprehensivelmente as ordens do patrão, e foi com uma surpresa, manifestada por phrases impertinentes, que a baroneza viu, a tardinha, o caixão de batatas substituido por um berço de vime e os andrajos por boa roupa.

—Vês? disse ella ao barão. Fariamos asneira se lhes mandassemos alguma coisa: não lhes falta nada!

Pouco tempo depois, a familia do Alexandre mudou de residencia, e os barões de Santa Barbara nunca mais tiveram noticia della.

II

Passaram-se muitos annos, que correram prosperos para o barão, grande plantador de café; mas a lei de 13 de Maio surpreheendeu-o, como a tantos outros agricultores imprevidentes, e a sua fortuna soffreu grandes revezes.

Depois de proclamada a Republica, elle atirou-se ás especulações da Bolsa; ficou millionario durante a nevrose do Encilhamento, e não advinhou a catastrophe. Quando esta veio, encontrou os seus milhões representados em accções de bancos e companhias que não valiam mais nada, e cuja liquidação foi a ruina completa. Nada, absolutamente nada lhe deixaram!...

Nesse doloroso transe, o infeliz titular não ouviu da esposa uma unica palavra de consolação ou de esperanza que o animasse; pelo contrario: a baroneza desfazia-se em exprobrações e invectivas, e isto concorreu, naturalmente, para desesperal-o.

O misero tinha resolvido suicidar-se, quando uma congestão pulmonar o livrou de commetter esse peccado.



Morto o barão, a baroneza, sexagenaria e enferma, ficou reduzida á miseria. Os amigos e parentes do marido tinham já se evaporado ha muito tempo, e nenhum sympathisava com ella.

A desgraçada ia ser posta na rua por um senhorio implacavel, e, para não morrer á fome, estava resolvida a pedir que a man-

dassem para um asylo, quando foi procurada por um bello rapaz de vinte e cinco annos, pouco mais ou menos, que lhe disse:

—Sra. baroneza, conheço v. ex., estou ao corrente de todas as desgraças que lhe succederam, venho pedir-lhe que accete um lugar em nossa casa.

—Mas quem é o senhor?

—Sou aquella criança que, na vespera do Natal, em 1871, nas Lorangeiras, dormia n'um caixão de batatas, e a quem v. ex. soccorreu, mandando-lhe um berço, roupinhas e leite. Bem vê v. ex. que não faço mais do que pagar uma divida de gratidão.

—Mas não me lembra... não fui eu que...

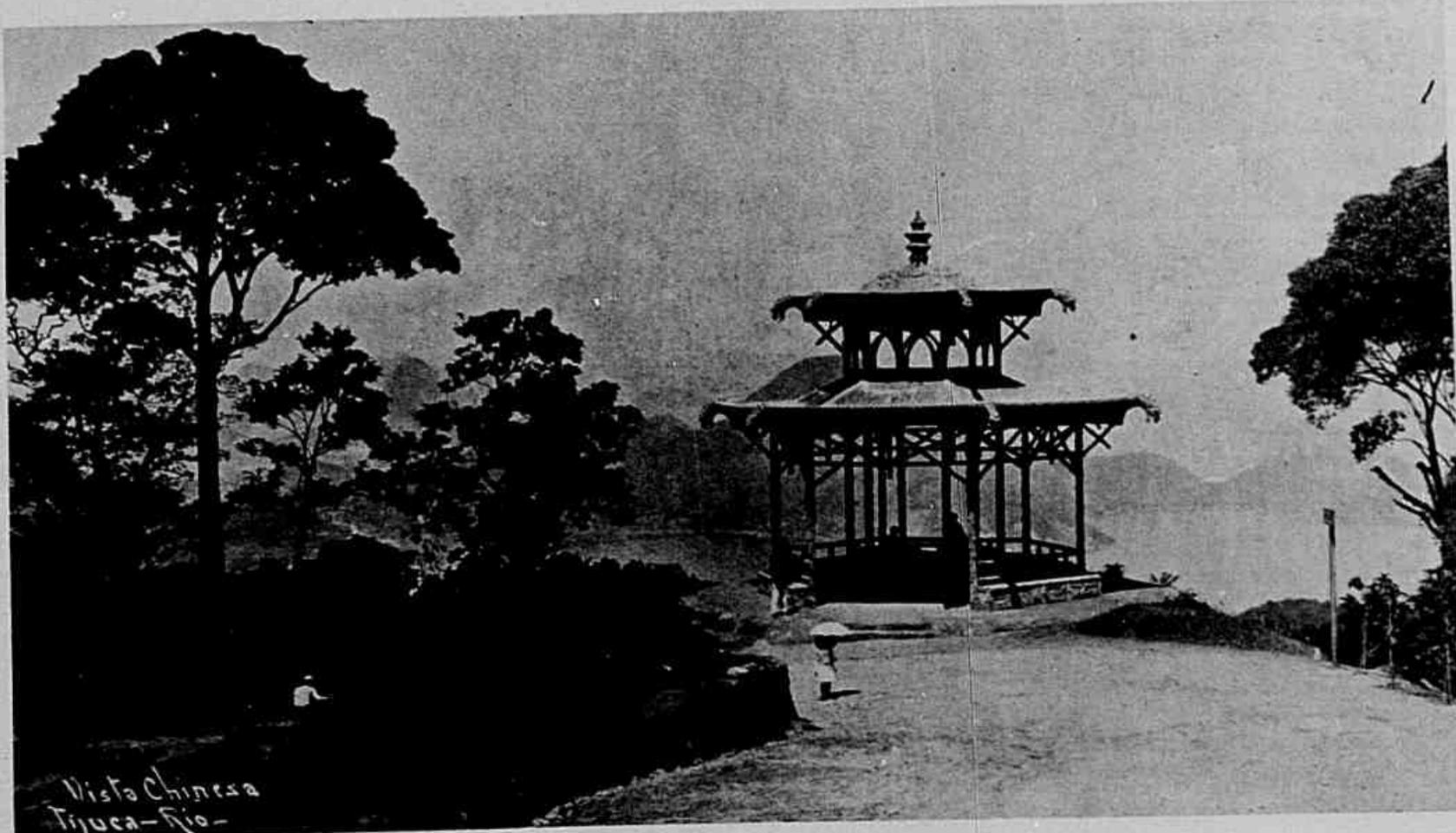
—O empregado que se encarregou de fazer com que essa delicada esmola chegasse ao seu destino, não foi tão discreto como lhe recommendaram. Elle disse a meu pae, confidencialmente, que a esmola era do fallecido sr. barão, mas minha mãe accudiu logo:— Não! a lembrança é da baroneza! Só as mulheres são capazes destes melindres do coração!

A baroneza não confirmou nem desmentiu.

—Ha vinte e cinco annos, continuou o rapaz, o nome de v. ex. é repetido naquella casa como o de uma santa! Venha, sra. baroneza! Meu pae é morto, mas eu ganho o sufficiente para sustentar duas mães...

Uma hora depois, a baroneza de Santa Barbara estava muito bem alojada na casa dos seus protectores.

ARTHUR AZEVEDO. ✓



Vista Chinca
Tijuca-Rio-

Malta phot.



ENTRADA DAS FURNAS - TIJUCA



A Equitativa

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

Terrestres e Maritimos

Negocios Realizados:

Rs. 200.000:000\$000

Sinistros pagos:

Rs. 3.000:000\$000

Fundos de Garantias e

Reservas:

Rs. 4.000:000\$000

PEDIR PROSPECTOS

APOLICES COM SORTEIO SEMESTRAL

EM DINHEIRO

Ultima palavra em Seguros
de Vida

Invenção exclusiva

d'A EQUITATIVA

Os sorteios tem lugar
em 15 de Abril e 15 de Outubro
de todos os annos.

125, AVENIDA CENTRAL, 125

EDIFICIO DE SUA PROPRIEDADE

RIO DE JANEIRO

Agencias em todos os Estados da União e da Europa

COSINHAR A GAZ

PROMPTIDÃO, ASSEIO E ECONOMIA

Maior asseio sem fumaça **COKE** Maior asseio sem fumaça
Para cosinha 25\$, na Rua da Alfandega n. 140 e Rua do Senador Euzebio n. 232

Para uso Industrial, na Rua Senador Euzebio n. 232

DIAS UTEIS DAS 10 ÀS 11 1/2 HORAS DA MANHÃ

Grande abatimento conforme a quantidade

GRANDE VARIEDADE DE APPARELHOS PARA ILLUMINAÇÃO
DAS CASAS

Escriptorio: Rua da Alfandega, 140

SAHIU A LUZ

O NOVO LIVRO DE

OLAVO BILAC

Conferencias Literarias

— EDIÇÃO DE LUXO —

PREÇO — 5\$000 — A' VENDA NA

Empresa Editora **Kósmos**

RUA DA ALFANDEGA, 24

A Equitativa

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

Terrestres e Maritimos

Negocios Realizados:

Rs. 200.000:000\$000

Sinistros pagos:

Rs. 3.000:000\$000

Fundos de Garantias e

Reservas:

Rs. 4.000:000\$000

PEDIR PROSPECTOS

APOLICES COM SORTEIO SEMESTRAL

EM DINHEIRO

Ultima palavra em Seguros
de Vida

Invenção exclusiva

d'A EQUITATIVA

Os sorteios tem lugar
em 15 de Abril e 15 de Outubro
de todos os annos.

125, AVENIDA CENTRAL, 125

EDIFICIO DE SUA PROPRIEDADE

     **RIO DE JANEIRO**     

Agencias em todos os Estados da União e da Europa

A SAÚDE DA MULHER

Remédio eficaz
para as molestias de senhoras

Deposito geral—DROGARIA PACHECO

Andradas 59



SAHIU A LUZ

❖ ❖ O NOVO LIVRO DE ❖ ❖

OLAVO BILAC

Conferencias Literarias

— EDIÇÃO DE LUXO —

© © PREÇO — 5\$000 — A' VENDA NA © ©

Empresa Editora **Kósmos**

RUA DA ALFANDEGA, 24

❖ ❖ ❖ ❖ RIO DE JANEIRO ❖ ❖ ❖ ❖



A Equitativa

SÉDE SOCIAL:

125, Avenida Central, 125

EDIFÍCIO DE SUA PROPRIEDADE

A evidencia dos factos

Liquidação de seguro vital

EM VIDA

A Equitativa é a primeira Sociedade nacional de seguros sobre a vida que distribue lucros aos seus segurados

PEDIR PROSPECTOS

Na séde social

e com todos os seus agentes

Agencias em todos os Estados

da União e na Europa

CAIXA POSTAL N. 398

Endereço Telegraphico: — EQUITAS

RIO DE JANEIRO

Campina, 8 de Agosto de 1916

Seus Directores da Equitativa dos Estados Unidos do Brasil

Avenida Central 125 Rio de Janeiro.

Atenciosamente

Atenciosamente recebido o cheque enviado sobre o Banco do Brasil, na importância de 26.123/300, de qual passo recibo, em liquidação da apólice número 18, emitida sobre a minha vida e enviada hoje.

Estou apenado por não escolher a liquidação do capital e lucros acumulados durante o período de dez annos — pleramente em tempo — e acumulados que creio por 30% do capital segurado e evidente suprehendente e acima da minha expectativa, pois creio que raras são as chances de chegar sobre a vida tão alcançado resultado tão licencioso. Fui sem duvida devido ao modo por que a Directoria fez o emprego do capital da Sociedade, e segundo seu informada a regular economia que previde a sua administração.

Como segurado de tão preciosa Sociedade,

compartilho-me com uma digna Directoria por ter em tão boa hora assignado a proposta que fiz para seguro, e como brasileiro me orgulho em ver a nova nacionalidade entrar em seus seios, uma instituição desta ordem que honra polverando os que a fundaram e dirigem.

Logo a V.ª V.ª a citar em se publicarem de minha alta consideração, bem como a situação de meus agradecimentos pela satisfação que me tem causado e ainda por que foi liquidada a minha apólice de seguro e me subscrevo.

Atte. V.ºs. Confadely

Frederico Teodoro

Assinatura

apenas em parte

8 de agosto de 1916

Rio de Janeiro

pa 500

DA TABELLA

Georgina do Santos

EQUITAS



PHOTOGRAPHIA BRASILEIRA



L. Musso & Comp.

10 — RUA URUGUAYANA — 10



RIO DE JANEIRO

A Equitativa

RELAÇÃO DAS

Apolices sorteadas em dinheiro em vida do segurado

EM 15 DE OUTUBRO DE 1906

43.174	Manoel Dias dos Reis	Manãos — Amazonas
10.119	Bernardino Falcão Dias	Viçosa — Alagoas
43.498	Arthur Pacheco de Oliveira	S. Salvador — Bahia
44.201	Francisco de Castilhos Barboza	Rumo da Lage — E. do Rio
17.541	Olympio de Mello Alvares	Formosa — Goyaz
17.551	Antonio Pereira da Silva Tonico	Mestre d'Armas — Goyaz
17.767	Sebastião da Silva Baptista	Antas — Goyaz
40.007	Francisco José de Sá	Pyrenopolis — Goyaz
40.537	David Hemeterio do Nascimento	Goyaz
40.956	Theodoro Gonçalves de Oliveira	Ponta Grossa — Paraná
4.704	Pompêo Ferreira da Costa Lima	Aracaty — Ceará
16.511	Joseph Doria Netto	Aracajú — Sergipe
10.840	Antonio Jovino da Fonseca	Recife — Pernambuco
16.191	D. Anna Carlota de Souza	Petrolina — Pernambuco
41.535	Dr. J. A. Pereira da Silva	Rio Pardo — S. Paulo
16.623	Dr. Arthur de Paula Fajardo	S. Paulo
10.081	Armando Pereira de Figueiredo	Capital Federal
42.801	Alexandre Luiz de Souza Teixeira	» »
12.778	Coronel Raphael Augusto da Cunha Mattos (*)	» »
42.986	Alfredo Luiz Ribeiro	» »
10.015	Manoel José Ponciano	» »
42.461	José Antonio Duque	Lima Duarte — Minas
43.417	Dr. Americo Gomes Ribeiro da Luz	Musambinho — »
43.750	José Joaquim Lopes	Monte-Verde — »
40.123	Carlos Abel Monteiro de Castro	Ouro-Preto — Minas
40.110	Paulino Pereira da Silva e esposa	Arassuahy — Minas
40.427	Francisco Theophilo dos Reis Junqueira	Turvo — Minas
40.382	José da Fonseca Rangel	S.º Antº do Machado — Minas
FILIAL EM PORTUGAL:		
21.094	João da Silva Catharino	Alpiarça
20.332	José Rodrigues Ferreira Malva	Villa de Soure
20.581	Manoel Ignacio de Oliveira Amieiro	Lisboa
20.912	Arthur Peñedo Costa	Albandra
21.169	Affonso Augusto Dias	Sabugal
21.435	Benigno dos Santos	Caldas da Rainha
21.742	Antonio Bahia	Montemór — o — novo

A apolice de resgate em dinheiro, de exclusiva invenção d'A *Equitativa*, é a ultima palavra em seguro de vida. ❀ ❀ ❀ ❀ ❀ ❀ ❀ ❀ ❀ ❀

Todos os sorteios são publicos e são dirigidos pelos representantes da imprensa, e tem lugar em 15 de Abril e 15 de Outubro de cada anno. ❀ ❀ ❀ ❀ ❀

Até hoje A EQUITATIVA tem sorteado 136 apolices na importancia total de Rs. 595:000\$000, *pagos em dinheiro á vista*, sem prejuizo dos contractos que continuam em pleno vigor. ❀ ❀ ❀ ❀ ❀ ❀ ❀ ❀ ❀ ❀

(*) Esta apolice, nos termos do contracto de seguro, entrou em sorteio, embora já tivesse sido paga em virtude do fallecimento do segurado. Proporcionou, pois, aos herdeiros, a quantia de 5:000\$000 dinheiro a vista, *post mortem*. ❀ ❀ ❀ ❀

COMPANHIA MINERVA

SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

DEPOSITO NO THESOURO FEDERAL — 200.000.000

Rua 1.º de Março, 29 — RIO DE JANEIRO



DIRECTORIA

Emilio do Amaral Ribeiro
Affonso Burlamaqui
Jacinto de Magalhães



SAHIU A LUZ

✿ ✿ O NOVO LIVRO DE ✿ ✿

OLAVO BILAC

Conferencias Literarias

— EDIÇÃO DE LUXO —

© © PREÇO - 5\$000 - A' VENDA NA © ©

Empreza Editora **Kósmos**

RUA DA ALFANDEGA, 24

A Equitativa

RELAÇÃO DAS

Apolices sorteadas em dinheiro em vida do segurado

EM 15 DE OUTUBRO DE 1906

43.174	Manoel Dias dos Reis	Manáos—Amazonas
10.119	Bernardino Falcão Dias	Viçosa—Alagoas
43.498	Arthur Pacheco de Oliveira	S. Salvador—Bahia
44.201	Francisco de Castilhos Barboza	Rumo da Lage—E. do Rio
17.541	Olympio de Mello Alvares	Formosa—Goyaz
17.551	Antonio Pereira da Silva Tonico	Mestre d'Armas—Goyaz
17.767	Sebastião da Silva Baptista	Antas—Goyaz
40.007	Francisco José de Sá	Pyrenopolis—Goyaz
40.537	David Hemeterio do Nascimento	Goyaz
40.956	Theodoro Gonçalves de Oliveira	Ponta Grossa—Paraná
4.704	Pompêo Ferreira da Costa Lima	Aracaty—Ceará
16.511	Joseph Doria Netto	Aracajú—Sergipe
10.840	Antonio Jovino da Fonseca	Recife—Pernambuco
16.191	D. Anna Carlota de Souza	Petrolina—Pernambuco
41.535	Dr. J. A. Pereira da Silva	Rio Pardo—S. Paulo
16.623	Dr. Arthur de Paula Fajardo	S. Paulo
10.081	Armando Pereira de Figueiredo	Capital Federal
42.801	Alexandre Luiz de Souza Teixeira	» »
12.778	Coronel Raphael Augusto da Cunha Mattos (*)	» »
42.986	Alfredo Luiz Ribeiro	» »
10.015	Manoel José Ponciano	» »
42.461	José Antonio Duque	Lima Duarte—Minas
43.417	Dr. Americo Gomes Ribeiro da Luz	Musambinho— »
43.750	José Joaquim Lopes	Monte-Verde— »
40.123	Carlos Abel Monteiro de Castro	Ouro-Preto—Minas
40.110	Paulino Pereira da Silva e esposa	Arassuahy—Minas
40.427	Francisco Theophilo dos Reis Junqueira	Turvo—Minas
40.382	José da Fonseca Rangel	S.º Antº do Machado—Minas
FILIAL EM PORTUGAL:		
21.094	João da Silva Catharino	Alpiarça
20.332	José Rodrigues Ferreira Malva	Villa de Soure
20.581	Manoel Ignacio de Oliveira Amieiro	Lisboa
20.912	Arthur Penedo Costa	Albandra
21.169	Affonso Augusto Dias	Sabugal
21.435	Benigno dos Santos	Caldas da Rainha
21.742	Antonio Bahia	Montemór—o—novo

A apolice de resgate em dinheiro, de exclusiva invenção d'A *Equitativa*, é a ultima palavra em seguro de vida. ❀ ❀ ❀ ❀ ❀ ❀ ❀ ❀ ❀ ❀

Todos os sorteios são publicos e são dirigidos pelos representantes da imprensa, e teem lugar em 15 de Abril e 15 de Outubro de cada anno. ❀ ❀ ❀ ❀ ❀

Até hoje A EQUITATIVA tem sorteado 136 apolices na importancia total de
Rs. 595:000\$000, *pagos em dinheiro á vista*, sem prejuizo dos contractos que continuam em pleno vigor. ❀ ❀ ❀ ❀ ❀ ❀ ❀ ❀ ❀ ❀

(*) Esta apolice, nos termos do contracto de seguro, entrou em sorteio, embora já tivesse sido paga em virtude do fallecimento do segurado. Proporcionou, pois, aos herdeiros, a quantia de 5:000\$000 dinheiro a vista, *post mortem*. ❀ ❀ ❀ ❀

COMPANHIA MINERVA

SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

DEPOSITO NO THESOURO FEDERAL — 200.000.000

Rua  de Março, 29 — RIO DE JANEIRO



DIRECTORIA

Emilio do Amaral Ribeiro

Affonso Burlamaqui

Jacinto de Magalhães



SAHIU A LUZ

✿ ✿ O NOVO LIVRO DE ✿ ✿

OLAVO BILAC

Conferencias Literarias

— EDIÇÃO DE LUXO —

© © PREÇO — 5\$000 — A' VENDA NA © ©

Empresa Editora **Kósmos**

RUA DA ALFANDEGA, 24

A Equitativa

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A
✦ ✦ VIDA — TERRESTRES E MARITIMOS ✦ ✦

Aplices Sorte veis em Dinheiro em Vida do Segurado

*Os sorteios d'esta classe de aplices teem lugar em 15 de Abril e
15 de Outubro de cada anno.*

A Equitativa tem sorteado, desde a instituição d'esta classe de
seguro, aplices no valor de Rs. 595:000\$00 pagos em dinheiro

A apolice de sorteio EM DINHEIRO, de
exclusiva invenção da A EQUITATIVA, é a ultima palavra em Seguro de Vida

TODOS OS SORTEIOS SÃO PUBLICOS

O proximo sorteio terá lugar a 15 de Abril p. f.

TABELLAS E PROSPECTOS EM SUA SÉDE

125, Avenida Central, 125

RIO DE JANEIRO

E em suas agencias e filiaes em todos os Estados da União

FILTROS MALLIÉ

✻ ✻ ✻ ✻ Esterilisação absoluta pela Porcelana de Amianto ✻ ✻ ✻ ✻

(THEORIA PASTEUR)

SUPERIORES A TODOS OS OUTROS ATÉ HOJE CONHECIDOS!

A maior facilidade para instalação e limpeza! Simplicidade e elegancia. Numerosos premios em varias exposições.

Eis o que diz a analyse a que procedeu o Laboratorio Municipal de Chimica de Paris

« A agua filtrada é de uma *limpidez perfeita* e de um *sabor agradavel*; ella sai dos filtros livre das materias organicas que continha em suspensão, e isenta dos germens mais ou menos nocivos que ali viviam desenvolvendo-se com prejuizo de suas qualidades. Em consequencia, concluimos que, a agua submettida á filtração através dos filtros examinados por nós, é eminentemente propria a todos os usos domesticos.»

O chefe do Laboratorio Municipal: *Ch. Girard.*

Agentes geraes para o Brazil:—**A. ABREU & COMP.**

Rua da Quitanda N. 102—Rio de Janeiro.

Depositarios no Rio de Janeiro:—**A NOVA AMERICA E CHINA**

Rua do Ouvidor N. 39.

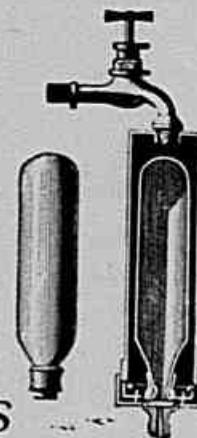
Depositarios em S. Paulo:—**MONTEIRO SOARES & COMP.**

Rua Direita—Canto do Viaducto.

ENVIAM-SE PROSPECTOS A QUEM OS PEDIR AOS AGENTES



(Filtro sem pressão)



(Filtro de pressão)

COMPANHIA MINERVA

SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

DEPOSITO NO THESOURO FEDERAL—200.000.000

Rua 1º de Março, 29—RIO DE JANEIRO



DIRECTORIA

Emilio do Amaral Ribeiro

Affonso Burlamaqui

Jacinto de Magalhães



DUBONNET

© MELHOR APERITIVO ©



L. Musso & C.

10, RUA DA URUGUAYANA, 10

RIO DE JANEIRO

Ultima novidade photographica
Retratos em côres (Monocromos)
de bellissimo effeito e inalteraveis

Ao terminar o seu terceiro anno Kósmos agradece a todos os que têm contribuido para a sua manutenção, pontualidade e seu desenvolvimento, rogando-lhes outra vez a renovação de suas assignaturas, que deverão ser reformadas com o presente numero. Tendo a sua tiragem augmentado consideravelmente, pela crescente procura em avulso, recommendamos aos que pretenderem colleccionar a nossa revista a necessidade de satisfazerem promptamente os seus pedidos, porquanto se nos tornará difficilimo attendel-os depois da impressão dos numeros mensaes, que apparecerão, como sempre tem apparecido pontualmente, no ultimo dia de cada mez.

RIO DE JANEIRO

NOTICIA Geral, Historica e Descriptiva da Cidade

— por —

FERREIRA DA ROSA

Edição da Prefeitura

Ilustrações photographicas de toda a cidade, inclusive
seus ultimos melhoramentos

IMPRESSÕES E GRAVURAS DAS OFFICINAS

—KOSMOS—

Brochura 15\$000

Encadernado em marroquim . . . 20\$000

REMETTE-SE AOS ASSIGNANTES DA
"KOSMOS" COM PORTE FRANCO MEDIANTE VALE POSTAL

**A VEDDA DA
RUA DA ASSEMBLÉA, 62**

OFFICINA TYPOGRAPHICA DE

J. SCHMIDT

IMPRESSÕES ARTÍSTICAS, TRABALHOS

COMMERCIAES, CATALOGOS ILLUSTRADOS,

CARTÕES POSTAES COM VISTAS ETC.

62, RUA DA ASSEMBLÉA, 62

* * * * * RIO DE JANEIRO * * * * *